



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

MAIARA CANO ROMERO PEREIRA

**COLÔNIA PARAGUAIA DE CAMPO GRANDE: CULTURA, LINGUAGEM E
IDENTIDADE EM FRONTEIRA**

Campo Grande/MS
2016

MAIARA CANO ROMERO PEREIRA

**COLÔNIA PARAGUAIA DE CAMPO GRANDE: CULTURA, LINGUAGEM E
IDENTIDADE EM FRONTEIRA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Produção de texto oral e escrito.

Orientador: Profa. Dra. Maria Leda Pinto

Campo Grande/MS
2016

P493c Pereira, Maiara Cano Romero

Colônia Paraguaia de Campo Grande: cultura, linguagem e identidade em fronteira / Maiara Cano Romero Pereira. Campo Grande, MS: UEMS, 2016.
90p. ; 30cm

Dissertação (Mestrado) – Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2016.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Leda Pinto.

1. Análise de discurso 2. Linguagem e cultura 3. Identidade

CDD 23.ed. - 401.41

MAIARA CANO ROMERO PEREIRA

COLÔNIA PARAGUAIA DE CAMPO GRANDE: CULTURA, IDENTIDADE E LINGUAGEM EM FRONTEIRA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Produção de texto oral e escrito.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Leda Pinto (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof^a. Dr^a. Glauca Muniz Proença Lara
Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG

Prof. Dr. Ruberval Franco Maciel
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof^a. Dr^a. Silvane Aparecida de Freitas – (Suplente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Geraldo Vicente Martins – (Suplente)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

À minha avó materna Digna Otazú Cano, paraguaia, que muito lutou para ficar nessas terras sul-mato-grossenses.

Ao meu avô paterno Carlos Ruiz Romero (*in memoriam*), paraguaio, que por motivos Colorados, veio ao Brasil buscar novas oportunidades.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, que nas horas difíceis me deu alento.

À Prof^a. Dr^a. Maria Leda Pinto, orientadora, pelas orientações desde antes do mestrado, pelo apoio e principalmente por acreditar em mim. Obrigada, sobretudo, por me transmitir segurança e tranquilidade. Minha gratidão e admiração!

À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que tornaram possível a realização deste trabalho.

À Colônia Paraguaia de Campo Grande, nas pessoas dos diretores, professores e alunos, por me receberem de modo receptivo e por aceitarem participar desta pesquisa.

Ao amigo Jânder, por partilhar os momentos de dificuldade e incertezas no período de escrita.

Ao meu esposo, Volmir, pelo apoio intelectual e afetivo.

A novidade vem atrás da tradição

Aquela que não desmancha no ar

Eu não

Não se mergulha nunca mais no mesmo rio

Rio Paraguai, a tradição entre nós é você

Rio Paraguai, das lendas e canções

Na noite guaranietê, saudações!

Águas do rio Paraguai.

(Canção "Rio Paraguai" de Geraldo Roca)

PEREIRA, M. C. R. COLÔNIA PARAGUAIA DE CAMPO GRANDE: CULTURA, IDENTIDADE E LINGUAGEM EM FRONTEIRA. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2016.

RESUMO

Esta pesquisa se inscreve na perspectiva da Análise do Discurso Francesa (AD), buscando compreender as representações da cultura, da língua e da identidade nas narrativas/discursos dos sujeitos frequentadores da instituição Colônia Paraguaia de Campo Grande - MS. Assim, realiza-se uma descrição e reflexão sobre os recursos metodológicos e conceitos usados para compreensão e análise do corpus segundo os princípios da AD, tais como sujeito, condições de produção, interdiscurso, formação discursiva, não-dito e identidade. Logo depois, explana-se o tema da cultura em um sentido mais geral, para depois tratar especificamente da cultura paraguaia. Para isso, temos como *corpus* as narrativas colhidas de sete frequentadores da Colônia, que foram gravadas e depois transcritas para análise. Esta pesquisa, portanto consiste em analisar, a partir dos discursos dos paraguaios e descendentes de paraguaios que frequentam a Colônia, o que é considerado como cultura paraguaia, o papel da língua na transmissão cultural, as representações da identidade, buscando saber o que os motiva a participarem da instituição. Por fim, as atividades fomentadas na Colônia revelam um espaço que, ao mesmo tempo em que se apresenta como fomentador dos elementos considerados tradicionais, também se abre para outras atividades culturais diferenciadas, aglutinando públicos diversos, configurando-se em um ambiente marcado pelo hibridismo cultural.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Colônia Paraguaia; Cultura; Identidade.

PEREIRA, M. C. R. COLÔNIA PARAGUAIA DE CAMPO GRANDE: LINGUAGEM, IDENTIDADE E CULTURA EM FRONTEIRA. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2016.

RESUMEN

Esta investigación se inscribe en el contexto del análisis del discurso francés (AD), tratando de comprender las representaciones de la cultura, lengua e identidad en la narrativa / discurso de los sujetos frequentadores de la institución Colonia Paraguaya de Campo Grande - MS. Por lo tanto, lleva a cabo una descripción y una reflexión sobre las herramientas metodológicas y conceptos utilizados para la comprensión y análisis en conformidad con los principios de la AD, como sujeto, las condiciones de producción, interdiscurso, formación discursiva, no dicho e identidad. Poco después, explica-se que el tema de la cultura en un sentido más general, a continuación, se refiere específicamente a la cultura paraguaya. Para eso, tenemos como *corpus* las narrativas cogidas de siete frequentadores de la Colonia, que fueron grabadas y después transcritas para su análisis. Por lo tanto, esta investigación consiste en analizar, a partir de los discursos de los paraguayos y descendientes que frecuentan a la Colonia, lo que se considera como la cultura paraguaya, el papel de la lengua en la transmisión cultural, las representaciones de la identidad, buscando saber qué los motivan para participar en la institución. Por último, las actividades promovidas en Colonia revelan un espacio que al mismo tiempo se presenta como un fomentador de los elementos considerados tradicionales, también abre para otras actividades culturales diferentes, que aglutina a los diversos públicos, creando un ambiente marcado por la hibridación cultural.

Palabras clave: Análisis del Discurso; Colonia Paraguaya; Cultura; La identidad.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I	17
1.1 Estudos linguísticos e a Análise do Discurso Francesa (AD)	17
1.2 A Análise do Discurso e suas reconfigurações	19
1.3 O sujeito	23
1.4 Condições de produção e interdiscurso	25
1.5 Formação discursiva (FD)	27
1.6 Dispositivo de análise	28
1.7 O dito e o não-dito	30
CAPÍTULO II	31
Cultura e identidade paraguaia no Mato Grosso do Sul	
2.1 Significados de cultura e hibridismo	31
2.2 Identidade	34
2.3 Os paraguaios e seus descendentes no Mato Grosso do Sul	40
CAPÍTULO III	50
A identidade dos sujeitos da Colônia Paraguaia em Campo Grande: a língua e a identidade	
3.1 Poder político e função social legitimadores da instituição Colônia Paraguaia	56
3.2 Reivindicação da identidade: seu reconhecimento pela memória	62
3.3 A noção de “cultura paraguaia” e seus elementos convencionais	69
3.4 Representações subjetivas dos frequentadores da Colônia Paraguaia: ufanismo, hibridismo e ocultamento	77
3.5 Língua guarani linda, mas difícil: é preciso persistência	81
3.6 Hibridismo e tradição: as ações realizadas na Colônia Paraguaia	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100

ANEXO 1- Roteiro de conversa -----	104
ANEXO 2- Normas para transcrição -----	105
ANEXO 3- Narrativa 1 -----	107
ANEXO 4- Narrativa 2 -----	112
ANEXO 5- Narrativa 3 -----	116
ANEXO 6- Narrativa 4 -----	118
ANEXO 7- Narrativa 5 -----	120
ANEXO 8- Narrativa 6 -----	124
ANEXO 9- Narrativa 7 -----	129

INTRODUÇÃO

O estado de Mato Grosso do Sul possui uma extensa faixa de fronteira seca com o Paraguai. Nessa área, a posição geográfica permite um forte contato devido à proximidade com o país vizinho. O estado tem grande parte de sua população formada por paraguaios e seus descendentes que, conseqüentemente, trazem consigo suas línguas, ou seja, o guarani e o espanhol. Segundo Albuquerque (2010) cerca de 80 (oitenta) mil paraguaios vivem em Mato Grosso do Sul. Como resultado desse contato, percebe-se a influência dos paraguaios nas tradições, costumes, língua, comida, religião e, de forma muito expressiva, na constituição da identidade desse estado fronteiriço.

O território que constitui o estado de Mato Grosso do Sul já foi bastante disputado: primeiro no período colonial entre Portugal e Espanha, depois entre o Brasil e o Paraguai. Por isso, quando tratamos da migração paraguaia, temos que lembrar o período pós-guerra da Tríplice Aliança, quando os migrantes vieram servir de mão de obra na produção da erva-mate sob o comando da Companhia Mate Laranjeira. Nessa época, as fronteiras estavam começando a ser demarcadas.

Após a guerra da Tríplice Aliança o Paraguai ficou arrasado. A fome e a pobreza levaram um grande número de paraguaios a saírem de seu país e migrarem para os países vizinhos, como Brasil e Argentina, em busca de novas oportunidades para reconstruírem suas vidas. Corrêa (1997) afirma que no período do pós-guerra os paraguaios formaram o maior grupo que migrou para o sul de Mato Grosso, trazendo suas crenças e costumes que vieram influenciar a cultura da região. Em outro momento, surgiram novos motivos que os impulsionaram a sair do Paraguai, como crises econômicas e governos ditatoriais.

Nessa perspectiva, visamos delinear a situação da língua, da cultura e da identidade e de que modo elas se configuram na Colônia Paraguaia de Campo Grande - MS. O Paraguai é um país que possui duas línguas oficiais constitucionalizadas, o espanhol e o guarani, desde a oficialização do guarani, em 1992. Dessa forma, é fundamental ressaltar que optamos por tratar só do guarani, porque — mesmo sendo a língua oficial de menor prestígio e minoritária — é a

língua majoritária em relação às demais línguas indígenas usadas no país. De acordo com Gasparin e Santos (apud ALCÁINE, 2004, p.214), embora o espanhol castelhano seja a língua que ocupa os espaços de poder: administrativos, meios de comunicação, a educação, entre outros, é o guarani jopará que está ligado à solidariedade; é a língua da identidade e da coesão nacional; é um símbolo identitário nacional. Além disso, é o guarani jopará¹ que pesquisamos e que iremos dar continuidade no presente trabalho.

É importante destacar que nesta pesquisa pretendemos retomar um trabalho iniciado como TCC em Letras, no qual pesquisamos as atitudes linguísticas dos porto-murtinhenses em suas posições-sujeito de nativos. Indagados sobre a língua guarani jopará, os sujeitos da referida pesquisa reconhecem seu apagamento progressivo. Desse modo, identificamos nas falas desses sujeitos, uma visão da língua guarani jopará restrita às tribos, ao mesmo tempo em que se eximem da responsabilidade de mantê-la, afastando-a de suas vidas. Outro aspecto, que se destacou nessa pesquisa, é que a língua guarani carrega consigo o estigma de um idioma “muito difícil”. Esses foram alguns dos fatores que identificamos, na investigação mencionada, como os causadores do apagamento da língua na região.

O desaparecimento e o enfraquecimento desse idioma devem-se ao fato de que os mais velhos não ensinaram a língua a seus filhos, e esses — como não a dominam — por sua vez, também não a ensinam aos seus filhos. Dessa forma, a língua é cada vez menos falada, e os descendentes de paraguaios têm cada vez menos contato com a língua a cada geração que surge, pois os mais idosos, que ainda falam, morrem e os jovens acabam tendo o mínimo ou nenhum contato com a língua guarani jopará¹.

Diante das conclusões mencionadas, obtidas com o TCC em Letras, resolvemos investigar a instituição Colônia Paraguaia de Campo Grande, enquanto espaço de saberes e vivências do povo paraguaio, situado no Brasil. Para tanto, colocamos como hipótese o que parece ser um movimento contrário ao que ocorre em Porto Murtinho: a Colônia Paraguaia de Campo Grande funcionaria como meio

¹ “Jopará” significa mistura, mescla, em guarani. A língua guarani jopará resulta da mistura entre a língua guarani e outras línguas com as quais entra em contato, como o espanhol e a língua portuguesa.

para manter a língua, a cultura e também a identidade paraguaia. Diante disso, as questões que buscamos responder nesta pesquisa são: Em que medida a Colônia Paraguaia, em Campo Grande, contribui ou não para o fortalecimento da língua e da identidade dos paraguaios e descendentes que vivem Mato Grosso do Sul e, em especial, em Campo Grande? É esse um espaço de divulgação e preservação da cultura do povo paraguaio em Mato Grosso do Sul?

A Colônia Paraguaia de Campo Grande possui 41 anos e, inicialmente era chamada de Associação Cultural Brasil/ Paraguay. Atualmente, a instituição funciona como Ponto de Cultura do Estado de Mato Grosso do Sul. Sendo assim, recebe incentivo financeiro do Governo Federal, como projeto que faz parte do Programa Mais Cultura/Cultura Viva do Ministério da Cultura, instituído pelo Decreto 6.226, de 4 de outubro de 2007. Desse modo, a Colônia,

Visa promover o fortalecimento da cultura paraguaia e suas tradições por meio da realização de oficinas de música, dança e línguas (guarani e espanhol) relacionadas à cultura paraguaia. O projeto busca ainda propiciar o contato e a ampliação do universo cultural da comunidade campo-grandense contribuindo para melhoria da qualidade de vida e prática da cidadania da comunidade, através de atividades relacionadas à pesquisa, linguagem audiovisual, a reflexão, sensibilização e a socialização de crianças, jovens, adultos e idosos. (FCMS- Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul)

Pretendemos averiguar de que modo se efetivam as propostas do projeto Ponto de Cultura Associação Colônia Paraguaia. Na tentativa de entender o que leva o público da colônia a buscar manter o contato com o meio onde se tem a língua, a cultura e onde conseqüentemente se reforça a identidade paraguaia, analisaremos os discursos das posições-sujeito dos frequentadores da colônia. A partir do objeto de estudo proposto, a saber, a representação cultural, a língua e a identidade na Colônia Paraguaia, delimitam-se alguns objetivos para esta pesquisa como:

- Analisar, a partir dos discursos dos paraguaios ou descendentes de paraguaios que frequentam a colônia o que consideram como cultura paraguaia; se

lá ocorre o aprendizado da língua guarani e de que modo isso se dá, sobretudo, saber o que os motiva a irem à colônia.

- Compreender os discursos sobre a identidade que permeia o uso ou a rejeição do guarani jopará pelos sujeitos, no sentido de identificar atitudes dos frequentadores da colônia frente à língua.

Nesse sentido, analisaremos o processo de preservação da língua no seu contexto enunciativo, destacando os discursos dos falantes, seu posicionamento ideológico, suas contradições e não-ditos, as formações discursivas em que se inserem. Também julgamos necessário utilizar alguns aspectos da semiótica greimasiana, como os conceitos de figuras e temas, relidos por José Luiz Fiorin.

Dessa maneira, apresentamos, no capítulo I, um pouco da história da constituição da disciplina Análise do Discurso de linha francesa (AD) e alguns conceitos importantes nessa linha de reflexão. Esta pesquisa tem como base, mais especificamente os trabalhos desenvolvidos por Michel Pêcheux e Eni Orlandi, por entendermos que ela veio reconfigurar e incrementar o trabalho do filósofo francês, tomando a língua como algo que não é claro e que tem por função intermediar o homem e sua realidade. Ela também nos permite uma reflexão mais profunda do sujeito em suas condições de produção existencial e material (ORLANDI, 2010). A AD nos interessa porque trata do discurso, da língua fazendo sentido, do homem falando enquanto trabalho simbólico que o constitui e que também faz parte de sua história, assumindo uma posição mais crítica, que problematiza a relação do sujeito com o sentido e da língua com a história.

A questão da cultura e da identidade paraguaia são tratadas no capítulo II. Buscamos, na história regional, os fatos que contribuíram para a vinda de tantos paraguaios para a região que atualmente corresponde ao território de Mato Grosso do Sul. O discurso histórico, ao ser assumido neste trabalho, possibilita a compreensão do processo de migração paraguaia, os conflitos sociais e, por fim, os fenômenos de preservação da tradição ou de hibridismo cultural que estão na base da criação da Colônia Paraguaia. Em um primeiro momento, delimitamos o conceito de cultura para depois tratarmos da cultura e da identidade paraguaia especificamente.

No capítulo III, nos ocuparemos da fundação da Colônia Paraguaia de Campo Grande e da identidade paraguaia que é fomentada nesse espaço. Interessa-nos a constituição da identidade dos seus frequentadores, o modo como compreendem a instituição, como veem o aprendizado e o uso do guarani jopará, o que entendem por cultura paraguaia. Logo após, procederemos com a análise dos discursos dos entrevistados, destacando, sobretudo, as contradições que emergem em tais narrativas e, ampliando, assim, a reflexão sobre a questão da identidade e da cultura em suas possíveis representações.

Por fim, este trabalho pretende verificar de que modo a Colônia Paraguaia funciona como um espaço onde se mantêm a língua, a cultura, e conseqüentemente, a identidade paraguaia, servindo como meio para preservá-la, oficializá-la, etc. Assim, pretendemos contribuir significativamente para compreender melhor de que modo os objetivos aqui delineados se efetivam, como ocorre o aprendizado, a aproximação e a integração da cultura paraguaia com a comunidade, destacando principalmente os modos pelos quais os sujeitos em questão buscam representar sua identidade, a partir dos discursos que assumem e que repercutem.

CAPÍTULO I

Neste capítulo, trataremos de alguns conceitos da Análise do Discurso (doravante AD) que servirão para a reflexão e a análise sobre as narrativas colhidas dos frequentadores da Colônia Paraguaia. Iniciamos com um pequeno resumo da história da Análise do Discurso e de suas reconfigurações para, logo depois, discorrermos sobre alguns conceitos selecionados para desenvolver a análise do *corpus* desta pesquisa.

1.1 Estudos linguísticos e a Análise do Discurso Francesa (AD)

Nos anos 1960, a AD se constituiu no espaço de questões criadas pela relação entre linguística, marxismo e psicanálise. Trabalhando na confluência desses campos de conhecimento, produz um novo recorte de disciplinas e constituiu um novo objeto que afeta essas formas de conhecimento: o discurso. Nas décadas de 1950 e 1960, por exemplo, os estudos linguísticos eram, em sua maioria, estruturalistas e tinham como objeto a língua. Saussure, considerado pai da linguística, havia direcionado seus estudos para a língua, e esta funcionaria como um sistema fechado. Dessa forma, a fala e o sujeito foram deixados de lado.

Entretanto, temos um complexo processo de produção de sentidos afetados pela língua e pela história na constituição subjetiva, produção de sentidos, não uma mera transmissão de informação, levando em conta as relações entre sujeitos, sentidos e seus efeitos múltiplos e variados, que configuram o discurso. O discurso tem sua regularidade, seu funcionamento que se torna possível junto ao social e ao histórico. As sistematicidades linguísticas são as condições materiais de base sobre as quais se desenvolvem os processos discursivos. A língua é, pois, condição que possibilita o discurso.

Os estudos da AD iniciaram-se com dois estudiosos, Jean Dubois e Michel Pêcheux. O contexto de surgimento dessa nova disciplina se deu na expansão da linguística e na possibilidade de uma nova disciplina que viesse atender aos novos anseios que então surgiam. A AD nasce como meio de abordar a política e trazer consigo novas interpretações dos acontecimentos políticos que ocorriam na França, no final da década de 1960. Dubois era linguista e Pêcheux, filósofo. Apesar de

atuarem em campos diferentes, eles refletiam sob as mesmas perspectivas, a partir do marxismo e da política. Quanto à questão do sujeito, Dubois ficou preso a uma problemática psicologizante, enquanto Pêcheux buscou afirmar que o sujeito é constituído no discurso por meio da interpelação ideológica.

O papel que a AD desempenha é problematizar as maneiras de ler; fazer o sujeito que fala/escreve ou o ouvinte/leitor refletir sobre o que fala e o que ouve nas variadas manifestações da linguagem; perceber que estamos sujeitos à linguagem, seus equívocos, sua opacidade, e que não há neutralidade no uso dos signos. Não podemos fugir do simbólico, pois estamos comprometidos com os sentidos e suas implicações políticas. De acordo com Pêcheux, somos interpelados a interpretar:

[...] a análise do discurso não pretende se instituir como especialista da interpretação, dominando “o” sentido dos textos; apenas pretende construir procedimentos que exponham o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito. O desabafo crucial é o de construir interpretações, sem jamais neutralizá-las, seja através de uma minúcia qualquer seja no espaço lógico estabilizado com pretensão universal. (PÊCHEUX 1997, p. 11)

A AD nos coloca em reflexão a fim de termos uma relação menos ingênua com a linguagem. Orlandi (2010) afirma que, devido às novas formas de se produzir linguagem com as tecnologias, oculta-se a história e a ideologia, apesar de ainda estarem presentes. Para sabermos o funcionamento dos discursos, temos que levar em conta a memória institucional que estabiliza e cristaliza, mas também a memória constituída pelo esquecimento, que é o que torna possível o diferente, a ruptura e a alteridade. É na movência, na provisoriedade, que os sujeitos e os sentidos se estabelecem, se estabilizam, permanecem.

Os sentidos não estão soltos. Para Orlandi, “Diante de qualquer fato, de qualquer objeto simbólico somos instados a interpretar, havendo uma injunção a interpretar. Ao falar, interpretamos. Mas, ao mesmo tempo, o sentido parece estar sempre lá. (ORLANDI, 2010, p.10) Cabe nos perguntarmos como nos relacionamos com a linguagem no cotidiano enquanto sujeitos que somos. Assim, a autora lança uma proposta de reflexão sobre a linguagem, o sujeito, a história e a ideologia.

Brandão (2003) relata, em sua obra “Análise do discurso: um itinerário histórico” a conjuntura do surgimento da Análise do Discurso na busca da

elaboração de uma teoria do discurso. Podemos perceber a dificuldade enfrentada pelos estudiosos para se desligarem do modelo saussuriano de pensar a linguagem e a falta de definição do objeto do discurso.

As primeiras tentativas de avanço nos estudos linguísticos se deram com Harris, porém sua análise não buscava o sentido do texto, também não levava em conta os aspectos sócio-históricos da produção dos discursos. Dessa forma, os estudos linguísticos permaneciam presos às dicotomias saussurianas, excluindo a história e tendo a visão de um sujeito idealizado em sua homogeneidade e unicidade, tido como fonte e origem de sentido. Segundo Brandão, os estudos linguísticos

[...] continuaram ainda presas à dicotomia saussuriana, assimilando a questão do discursivo à fala, com exclusão da história, concebendo o sujeito de forma idealizada, na sua unicidade e homogeneidade, como fonte criadora, origem do sentido, sentido entendido como transparência. (BRANDÃO, 2002, p.4)

Dessa perspectiva, alguns conceitos foram essenciais na busca de avanços no campo da linguística. A linguagem formal é também atravessada pelo subjetivo, pelo social e pelo histórico, ou seja, pelo que está fora do linguístico.

1.2 A Análise do Discurso (AD) e suas reconfigurações

Dubois, seus colegas linguistas, e Pêcheux, com os colegas das ciências humanas, iniciaram em meados da década de 1960 os estudos sob a perspectiva da AD. A história da disciplina é marcada por três fases de reconfigurações. De acordo com Possenti (2004):

O conhecimento não se produz por acumulação, mas por saltos e mudanças de rumo em relação às etapas anteriores. As novas teorias não são vistas como desenvolvimento e sofisticação das anteriores, mas como efeito, em boa medida, de seu abandono, seja por estarem esgotadas, seja porque novas problemáticas, novas vontades de verdade tomam seu lugar, tanto teórica quanto politicamente. (POSSENTI, 2004, p. 355)

A primeira fase apresenta a proposta teórica elaborada por Pêcheux, que a inicia com uma retomada da perspectiva saussuriana para exemplificar sua ideia.

Saussure via a língua como um sistema e único objeto da linguística. Nega, portanto, à fala a posição de objeto de estudo. Pensa a língua fora do indivíduo, que, desse modo, não a cria nem a modifica. Pêcheux não admite um sujeito livre e fonte de seu dizer e de sua língua, propondo estudar um objeto que fica no limite entre a língua e a fala, o que designa como discurso, sendo este, diretamente influenciado pela história e pelos sentidos produzidos entre os interlocutores. O filósofo quer tratar do discurso a partir das releituras de Marx (por Althusser), de Saussure (por ele, Pêcheux) e de Freud (por Lacan), pois, dessa forma, o discurso poderá ser estudado levando em conta o sujeito, a língua e a história.

A primeira fase da AD possui a noção de “máquina discursiva”, chamada de Análise Automática do Discurso (AAD) por Pêcheux em sua metodologia estruturalista.

[...] um processo de produção discursiva é concebido como uma máquina autodeterminada e fechada sobre si mesma, de tal modo que um sujeito-estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos: os sujeitos acreditam que utilizam seus discursos quando na verdade são seus servos assujeitados, seus suportes. (PÉCHEUX, 1997, p.311)

O sujeito acredita que é dono de seu discurso, mas na verdade é assujeitado por ele. O sujeito é assujeitado às regras do discurso que enuncia.

A segunda fase se inicia por volta da segunda metade da década de 1970, período em que a noção de máquina estrutural fechada começa a ruir em decorrência de uma conjuntura de transformações ocorridas na França. Uma das mudanças que Pêcheux operacionaliza nessa fase é a adesão ao conceito de formação discursiva de Foucault. Naquele momento, segundo Maldidier, a enunciação era a nova teoria que estava se destacando (MALDIDIER, 1997, p.25). Na AD 2, a noção de formação discursiva é reconfigurada e passa de um dispositivo estrutural fechado para uma noção que tem relação com seu exterior e que se manifesta pelos elementos de outras formações discursivas.

Pêcheux e Fuchs apresentam no artigo “A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas”, de 1975, o quadro teórico da AD, mostrando, de forma mais clara, o entremeio no diálogo estabelecido entre Marx, Lacan e Saussure. Segundo Pêcheux e Fuchs (2010), a Análise do Discurso considera:

[...] 1. o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias; 2. a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo; 3. a teoria do discurso, como teoria das determinações históricas dos processos semânticos. Convém explicitar ainda que estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica). (PÊCHEUX e FUCHS, 2010, p. 160)

Dessa maneira, essa segunda fase tem desdobramentos que implicam reconfigurações e reformulações causadas pela conjuntura teórica e política da França. Nesse período, o ocidente passa a ter contato com ideias desenvolvidas por Bakhtin, que pensa a linguagem a partir de uma visão sócio-interacionista, para a qual toda palavra é dialógica e, como tal, pressupõe sempre o outro. Nesse contexto, o sujeito é concebido como um ser social, histórico e ideológico, que se constitui na interação com outro, em uma relação da identidade com a alteridade.

A terceira fase da AD, que se estende mais ou menos entre os anos de 1980 e 1983, é marcada por mais adaptações em busca de seu aperfeiçoamento. Ocorrem algumas mudanças, como a desconstrução da maquinaria discursiva fechada, o fim do procedimento da AD por etapas, um estudo mais aprofundado da construção dos objetos discursivos e dos acontecimentos e a tematização das formas linguístico-discursivas baseadas na heterogeneidade enunciativa.

Também as ideias presentes na obra “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, de Bakhtin (e Voloshinov) traduzida na França em 1977, influenciam as ideias dos linguistas marxistas, pois eles passam a adotar a perspectiva socio-interacionista de Bakhtin na linguagem, que defende que a palavra é de natureza dialógica e apresenta a interação verbal como fundamental nesse aspecto.

Apesar de a AD ter passado por três fases marcadas pelas várias reformulações, ela ainda não se encontra acabada. Segundo Pêcheux, citado em Mussalim (2004), a disciplina permanece aberta a outras ideias e adequações, pois:

[...] o discurso, o sentido, o sujeito, as condições de produção vão se constituindo no próprio processo de enunciação. E não poderia ser diferente. A AD, ao se propor a não reduzir o discurso a análises estritamente linguísticas, mas abordá-las também numa perspectiva histórico-ideológica, não poderia constituir-se enquanto disciplina no interior de fronteiras rígidas, que não levassem em conta a interdisciplinaridade, [...] pois a AD se apresenta como uma disciplina em constante processo de

constituição, de onde decorre a constitutividade dos próprios conceitos que a fundamentam. (MUSSALIM, 2004, p. 138).

A AD francesa tem sido praticada intensamente e sob influência de várias tendências, como a da teoria da enunciação, a pragmática, e a linguística textual, para citarmos alguns exemplos. Ela não é fixa nem imóvel, o que é esperado, já que a AD é uma disciplina de diálogo. Contudo, ela não perde a identidade de disciplina que leva em conta a história.

Para Orlandi (2010), a AD trabalha a noção de discurso produzindo um novo recorte de disciplinas e constituindo um novo objeto - o discurso- que afeta essas formas de conhecimento. O discurso tem sua regularidade, seu funcionamento, que só é possível levando-se em conta o social e o histórico. O sistema da língua que dá as condições materiais de base para desenvolvimento dos processos discursivos. Segundo Orlandi (2010):

A Análise do Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana. (ORLANDI, 2010, p.15).

Nesse sentido, para a autora, a AD busca problematizar as maneiras de ler, não considerando a linguagem transparente. Perceber como um texto significa, faz com que o sujeito reflita sobre as mais variadas linguagens, assumindo uma relação “menos ingênua” com elas, para poder perceber que estamos sujeitos à linguagem, e que não há neutralidade nem no uso cotidiano dos signos. Partindo do pressuposto de que somos seres simbólicos, somos levados a interpretar. A língua perfeita e o sujeito independente, que pensa livremente, vão de encontro à teoria materialista do discurso proposta por Pêcheux pois, para ele, a linguagem é a mediação necessária entre o homem e a realidade e tem o poder de mudar a realidade desse homem.

1.3 O Sujeito

A AD, desde o início, sempre esteve preocupada com a noção de subjetividade, pois ela está intimamente ligada às noções de discurso e de sentido. Inicialmente, o sujeito era tido como assujeitado e centrado na relação eu-tu. Desse modo, na AD 1, também conhecida como AAD-69, temos a noção de sujeito assujeitado à "maquinaria discursiva estrutural", pois ele tem que se submeter às normas da língua para se inscrever no discurso. Segundo Pêcheux, é a partir daí que o sujeito é constituído no discurso. Pinto (2007) destaca que:

Fundamentado na tese althusseriana de que a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos, Pêcheux postula uma noção de sujeito delimitada pelo lugar e pela posição de onde fala e este sujeito fala do interior de uma formação discursiva regulada por uma formação ideológica. O sujeito acredita que o discurso é seu, mas, na verdade, é seu servo assujeitado, seu suporte, já que é a formação discursiva que define o que pode e deve ser dito pelo sujeito. (PINTO, 2007, p.68)

O sujeito é marcado pelo lugar e pela posição de onde enuncia, em outras palavras, dentro de uma formação discursiva, regulada pela formação ideológica. O sujeito pensa que é dono de seu discurso, porém é assujeitado ao seu próprio discurso, servindo de "suporte" para ele. Ele é assujeitado à língua e à história para produzir sentidos, sendo determinado por estas. O sujeito é, ao mesmo tempo, livre e submisso, podendo tudo dizer, contanto que se submeta à língua. Na pretensa transparência da linguagem, é a ideologia que fornece as evidências que apagam o caráter material do sentido e do sujeito. O sujeito só tem acesso a parte do que diz e, pela interpelação ideológica do indivíduo em sujeito, inaugura-se a discursividade.

O fato de que não há sentido sem interpretação atesta a ideologia. Esta tem o trabalho de produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência e, sendo pois, uma função necessária entre linguagem e mundo. A ideologia se manifesta na língua, sendo ligada materialmente ao inconsciente. A interpretação é garantida pela memória institucionalizada (o arquivo) e pela memória constitutiva (interdiscurso), podendo estabilizar ou deslocar sentidos.

A primeira noção de sujeito assujeitado acaba sendo readaptada e é pensada, agora, tendo em vista o exterior constitutivo. A partir dessa nova perspectiva a noção de Formação Discursiva também é reconfigurada, e o discurso passa a ser um objeto heterogêneo. Na AD 2, Pêcheux aborda a teoria de que o sujeito é determinado por dois esquecimentos. O sujeito funciona nos níveis dos esquecimentos:

Esquecimento nº 1 – da ordem do ideológico-inconsciente afetado pela ideologia.

Esquecimento nº 2 – da ordem da enunciação.

No esquecimento 1, o sujeito acredita ser fonte de seu dizer e pensa ter o controle do sentido de seu discurso. Dessa forma, ele precisa ter a ilusão de apagamento de todos os resquícios de ligação com o exterior à sua formação discursiva. Pensando ter o controle do que diz, o sujeito esquece que seu discurso é possível somente pela retomada dos já-ditos. Já no esquecimento número 2, o sujeito acredita na transparência de sentido, ou seja, acredita que o discurso reflete exatamente a realidade. Em “Semântica e Discurso - uma crítica à afirmação do óbvio”, Pêcheux traz novas ideias e reconfigura conceitos da primeira fase. O autor apresenta uma teoria de perspectiva materialista do discurso. Afirma que a língua como sistema é a mesma para todos, porém, quando se trata do discurso, não ocorre o mesmo. A língua é a base dos vários discursos. O sistema linguístico funciona como objeto da Linguística e, ao mesmo tempo, funciona como materialidade linguística por meio da qual se torna possível a constituição dos discursos.

Depois de fazer algumas reformulações conceituais, Pêcheux apresenta um sujeito que possui a liberdade controlada pelas Formações Ideológicas e pelas Formações Discursivas, que lhe são exteriores, ao assumir posições. O sujeito está interligado ao sentido. Para Pêcheux a materialidade do sentido depende das Formações Ideológicas (FI) (PÊCHEUX, 1975, p.160). Dessa modo, o sentido não é transparente, e Pêcheux demonstra a ligação entre FI e sentido de duas maneiras. É na FD que são constituídos os sentidos, e eles mudam conforme as posições ocupadas nas FI por aqueles que os empregam. A segunda, explica que a FD disfarça sua dependência como parte das FI, fazendo uso da aparente transparência

de sentido. Compartilhando das ideias de Althusser, Pêcheux afirma que o sujeito é constituído pelos esquecimentos e que o indivíduo é interpelado pelo discurso, o que ocorre quando o sujeito se identifica com uma formação discursiva. (PINTO, 2006).

Segundo Pêcheux, na AD2 não ocorrem muitas mudanças nos procedimentos de análise. Ocorrem mais inovações no que diz respeito ao objeto que é tido como menos estabilizado, pois nasce de condições menos homogêneas. A alteridade é reconhecida e põe por água abaixo o sujeito fechado. Essa heterogeneidade do sujeito faz com que Pêcheux repense a sua noção de FD. Na AD-3 a noção de sujeito passa do assujeitado da “maquinaria discursiva estrutural fechada” para “máquinas discursivas paradoxais”. Quando nascemos, os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. A singularidade se dá em como a língua e a história nos afetam, como elas se realizam em nós em sua materialidade.

1.4 Condições de produção e interdiscurso

As condições de produção do discurso podem ser consideradas em dois sentidos: estrito e amplo. Assim, as condições de produção em que se analisam as circunstâncias do momento da enunciação são compreendidas em seu sentido estrito, também chamado de contexto imediato. Quando essas condições levam em consideração o contexto sócio-histórico ideológico, temos o sentido amplo, ou contexto amplo. Tendo em vista que as condições de produção estão relacionadas aos sujeitos e à situação, compreendem a memória como parte fundamental do sentido amplo do discurso, sendo tratada, assim como interdiscurso. O interdiscurso são os dizeres já ditos e esquecidos, para que possam representar o dizível. O dizer não é particular: pensamos que sabemos o que falamos, mas não temos seu total controle. Segundo Orlandi (2010, p.31), “o interdiscurso [...] é o que chamamos de memória discursiva; o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. Para a autora:

O fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia. A observação do

interdiscurso nos permite [...] remeter [...] a toda a uma filiação de dizeres, a uma memória, e a identificá-lo em sua historicidade, em sua significância, mostrando seus compromissos políticos e ideológicos. (ORLANDI, 2010, p. 32).

Já o intradiscurso é um eixo da formulação, o que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas. Portanto, é possível afirmar que todo dizer, na realidade, se encontra na convergência desses dois pontos: o da memória - constituição do sentido (interdiscurso) e o da atualidade - a formulação do discurso (intradiscurso), tirando dessa relação os seus sentidos. Pelo funcionamento do interdiscurso, suprime-se, por assim dizer, a exterioridade como tal para inscrevê-lo no interior da textualidade.

Ao falarmos nos filiamos a sentidos, mas não sabemos como isso se dá, é um processo aonde operam a ideologia e o inconsciente. Somos afetados por certos sentidos e não por outros, não, aspecto que é possível pela relação língua-história-simbólico-ideologia. A AD procura escutar o não-dito naquilo que é dito, porque só uma parte do dizível é acessível ao sujeito (ORLANDI, 2010, p.34).

Por outro lado, para a autora, quando tratamos dos processos discursivos da linguagem, não é fácil estabelecer limites precisos entre o mesmo e o diferente. É preciso, portanto, considerar que o funcionamento da linguagem se estabelece na articulação entre os processos parafrásticos e polissêmicos. No que se refere aos processos parafrásticos, é possível afirmar que em todo dizer há sempre algo que permanece, o dizível, a memória, pois por meio desse processo se produz em diferentes formulações do mesmo dizer. É a estabilização, é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição e sem sustentação no saber discursivo. A polissemia, por sua vez, joga com o equívoco, produz o deslocamento e a ruptura de processos de significação, é a fonte da linguagem, sendo condição da existência dos discursos, pois é justamente a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico. (ORLANDI, 2010, p.36).

Segundo Orlandi (2010, p. 38), “[...] o jogo paráfrase *versus* polissemia atesta o confronto entre o simbólico e o político. Todo dizer é ideologicamente marcado: É na língua que a ideologia se materializa”. O discurso se faz na tensão entre o

mesmo e o diferente, transparecendo o trabalho da língua e da ideologia. O que significa no discurso são as posições (quem fala e de onde) que são assumidas no contexto sócio-histórico e na memória. A imagem que temos de algo resulta do confronto do simbólico com o político, em processos que ligam discursos e instituições. Para a autora (ORLANDI, 2010, p.38-39), os sentidos não estão apenas nas palavras, estão além e aquém delas.

1.5 Formação discursiva (FD)

O sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas em que as palavras são produzidas, e essas mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. As formações discursivas representam no discurso as formações ideológicas, e o estudo do discurso explicita a maneira como linguagem e ideologia se articulam. O analista deve remeter o dizer a uma formação discursiva para compreender o sentido que ali se constrói, tendo em vista que a linguagem não é inocente, nem evidente, situando-se na articulação do simbólico com o político, que se conjugam nos efeitos a que, enquanto sujeitos de linguagem, estamos assujeitados. “Ao dizer nos significamos e significamos o próprio mundo, ao mesmo tempo, a realidade se constitui nos sentidos que enquanto sujeitos praticamos.” (ORLANDI, 2010, p. 95) A autora, no entanto, faz uma ressalva:

No entanto, é preciso não pensar as formas discursivas como blocos homogêneos funcionando automaticamente. Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações. (ORLANDI, 2010, p. 44)

A linguagem é uma prática porque produz sentido, intervindo no real. O sentido é histórico e seu sujeito se faz pela história. É a ideologia que torna possível a relação palavra/coisa. A língua tem seu processo discursivo, no qual a ideologia relaciona o pensamento, a linguagem e o mundo, reunindo sujeito e sentido. Então o sujeito se constitui e se significa pela ideologia. Para a AD, a ideologia se materializa na linguagem e faz parte de seu funcionamento, sendo possível compreender a ideologia no seu funcionamento imaginária e materialmente articulado ao

inconsciente. A conjunção língua/história também só pode se dar pelo funcionamento da ideologia, que se manifesta na língua, que é ligada ao inconsciente do sujeito. Ela é a responsável por unir as palavras às coisas e dá ao sujeito a impressão de que é o autor consciente do seu dizer. (ORLANDI, 2010, p.42)

A AD propõe a construção de um dispositivo de interpretação, procurando ouvir também os não-ditos que formam os sentidos das palavras. O dispositivo de análise deve levar em conta a ideologia e a manifestação do inconsciente. Trabalhará no limite da descrição com a interpretação, devendo observar a opacidade da linguagem, o descentramento do sujeito, o efeito metafórico no trabalho da ideologia. Não se pretende a exaustividade no trabalho de análise, ela é inesgotável, pois todo discurso se instaura na relação com outros discursos anteriores, formando outros.

O sujeito é simbólico, portanto comprometido com os sentidos e com o político. Problematizar os modos de leitura — cientes de que estamos sujeitos à história, à língua e à linguagem e seus equívocos, à sua incompletude, à sua ambiguidade — coloca-nos em estado de reflexão sobre os múltiplos sentidos a que estamos expostos. Orlandi afirma a necessidade de "sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem" (ORLANDI, 2010, p. 9). Nessa perspectiva, é preciso não cairmos na ilusão de que somos conscientes de tudo, ou de que controlamos todas as interpretações.

1.6 Dispositivo de análise

Todo texto é uma unidade complexa. Não há texto nem discurso sem relação com outro e a natureza dessas relações é importante para o analista, que deve atravessá-las, deslindando os efeitos para encontrar o modo como se organizam os sentidos. A AD constitui o lugar da interpretação; é uma proposta de construção de um dispositivo de análise, procurando ouvir naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz, mas que também constituem os sentidos de suas palavras. Ela busca o real sentido na materialidade linguística e na história. De acordo com Orlandi:

O que se espera do dispositivo do analista é que ela lhe permita trabalhar não numa posição neutra mas que seja relativizada em face da interpretação: é preciso que ele atravesse o efeito de transparência da linguagem, da literalidade do sentido e da onipotência do sujeito. Esse dispositivo vai assim investir na opacidade da linguagem, no descentramento do sujeito e no efeito metafórico, isto é, no equívoco, na falha e na materialidade. No trabalho da ideologia. (ORLANDI, 2010, p. 61).

Não se efetiva na análise a exaustividade, nem a completude, ela é inesgotável porque todo discurso se estabelece na relação com discursos anteriores e aponta para outros. Não há discurso fechado, mas um processo discursivo que se pode recortar e analisar. Um documento, por exemplo, tem múltiplas possibilidades de leituras.

Quanto ao método, é feita uma primeira análise do material coletado, sendo o objeto discursivo retirado do material bruto. É a materialidade linguística: o que se diz, como se diz e em quais circunstâncias. Nosso ponto de partida é o que a AD visa compreender, ou seja, como um objeto simbólico produz sentidos. A transformação da superfície linguística em um objeto discursivo é o primeiro passo para essa compreensão. A história se faz presente na língua devido às palavras refletirem sentidos de discursos já realizados, imaginados ou possíveis. De acordo com Orlandi (2010),

Processos de paráfrase, metáfora, sinonímia são presença da historicidade na língua. Dito de outro modo, esses processos atestam, na língua, sua capacidade de historicizar-se. Fatos vividos reclamam sentidos e os sujeitos se movem entre o real da língua e o da história, entre o acaso e a necessidade, o jogo e a regra, produzindo gestos de interpretação. (ORLANDI, 2010, p. 67- 68)

Cabe ao analista mostrar a ideologia e a materialização dessa na língua. A simbolização das relações de poder presentes no texto. Para a AD, interessa como o texto organiza a relação da língua com a história no trabalho significativo do sujeito em sua relação com o mundo. Para alcançar a relação com a memória da língua, é preciso tratar da textualidade, já que os textos são fatos de linguagem. Os procedimentos da AD têm o funcionamento da linguagem no centro de suas questões, o que leva o analista a compreender pela observação dos processos e mecanismos de constituição de sentidos e sujeitos.

1.7 O dito e o não dito

O posto (dito) traz o pressuposto (não dito, mas presente). O motivo fica subentendido pelo contexto e não necessariamente ligado ao dito. Sabemos que há uma margem de não-ditos que também significam, como mostram as noções de não-dizer, de interdiscurso, de ideologia, e de formação discursiva. O dito mantém uma relação de sentido com o não-dito, isto é, uma formação discursiva pressupõe outra, tendo em vista que o que já foi dito, mas que já foi esquecido tem efeito sobre a formulação do dizer atual. O interdiscurso determina, assim, o intradiscurso: o dizer se sustenta na memória discursiva. O não-dito pode ser trabalhado como silêncio, “recoo necessário para que possa significar” (ORLANDI, 2010, p.83), silêncio como iminência de sentido, como fundador, este que faz com que o dizer signifique.

No trabalho com o texto, o analista tem a necessidade de reconhecer os indícios, na materialidade discursiva, dos processos de significação, a fim de partir desses indícios para fazer a sua análise com a teoria da AD que se constitui na relação da Linguística com as ciências sociais, trabalhando com as propriedades discursivas (materiais) na sua relação com a exterioridade (história). “Paramos na materialidade discursiva do texto para compreender como os sentidos — e os sujeitos — nele se constituem e a seus interlocutores, como efeitos de sentidos filiados a redes de significação”. (ORLANDI, 2010, p. 91) Os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos, não dependendo só das intenções do sujeito.

CAPÍTULO II

Cultura e identidade paraguaia no Mato Grosso do Sul

Neste capítulo pretendemos fazer uma discussão sobre os conceitos de cultura e identidade, primeiramente em um sentido amplo, para em seguida, de modo mais específico, tratarmos as possibilidades de leitura e os efeitos de sentido da cultura paraguaia. Para isso, utilizaremos Laraia (2002) para discorrer sobre o conceito de cultura e mostrar como ela influencia ou é influenciada pelo sujeito. O autor compara as várias opiniões de diferentes pesquisadores e períodos históricos. Depois, adotaremos Bhabha (1998) e Souza (2004, 2007) para abordarmos a questão do hibridismo cultural das sociedades no contexto da globalização. Em relação à identidade, utilizaremos os trabalhos de Hall (2006), Rajagopalan (2003) e os estudos bakhtinianos (2006).

Em seguida, assumiremos o discurso da historiografia regional para compreender a imigração paraguaia, o trânsito cultural e representações da identidade, pois a AD trabalha com um viés histórico. Logo depois, no capítulo III, iremos identificaremos, nas análises das narrativas, as relações entre os discursos enunciados e os significados de cultura e identidade, na perspectiva da Análise do Discurso.

2.1 Significados de Cultura e Hibridismo

Laraia (2002) na obra “Cultura: um conceito antropológico” critica o determinismo biológico e geográfico em relação à da cultura de um povo, afirmando que foram desenvolvidos estudos que concluíram que a cultura pode se desenvolver de diferentes modos. A cultura é considerada como algo próprio do ser humano pela natureza social do sujeito; por isso, todo indivíduo tem cultura e a mesma capacidade de aprender uma outra, desde que seja submetido ao convívio dela. É pela cultura que os sujeitos se constituem, desenvolvem sua visão de mundo e se organizam. Não existe uma cultura melhor do que a outra, pois cada uma possui

suas próprias regras e valores. Para uma convivência possível entre as diferentes culturas com maior compreensão e menos preconceito, Laraia (2002) sugere que

(...) cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo do porvir. (LARAIA, 2002, p. 101)

Apesar da variedade de culturas, todas possuem regras de funcionamento que podem ser estudadas em uma tentativa de conviver de maneira pacífica e harmoniosa. Laraia descreve a postura que se deve ter diante de uma cultura diferente; no entanto, também mostra o outro lado desse encontro:

O ponto fundamental de referência não é a humanidade, mas o grupo. Daí a reação, ou pelo menos a estranheza em relação aos estrangeiros. A chegada de um estranho em determinadas comunidades pode ser considerada como a quebra da ordem social ou sobrenatural. (LARAIA, 2002, p. 73)

Os paraguaios, quando vieram para Campo Grande, também sofreram preconceitos, o que se reflete na construção de suas identidades e estão guardadas na memória discursiva desses sujeitos. Desse modo, o conceito de hibridismo partindo de Bhabha (1998) e Souza (2004, 2007), é importante para aclarar o processo cultural “de encontro” entre a cultura paraguaia e a brasileira dentro da instituição Colônia Paraguaia.

Bhabha (1998) discute o hibridismo a partir da linguagem e da identidade. Para o autor, a representação de qualquer imagem é híbrida e pode conter traços de outros discursos. Desse modo, as diferenças e os conflitos dificilmente se resolvem. Nessa perspectiva, podemos identificar o hibridismo quando o usuário da linguagem está em um determinado contexto social e ideológico, no qual a enunciação se realiza na história. O autor propõe que, ao tentarmos entender a representação, temos que entender o lócus de enunciação do narrador, o que permite revelar uma variedade de ideologias e valores que constituem um sujeito. Isso é denominado por

Bhabha como "terceiro espaço", onde é possível se deparar com contradições e conflitos de elementos linguísticos e culturais que se encontram em um processo de interação, constituindo, assim, o hibridismo. Para o autor, a cultura como enunciação se concentra na significação e na institucionalização, sempre reivindicando politicamente a posição na hierarquia cultural da significação. Comenta que

O enunciativo é um processo mais dialógico que tenta rastrear deslocamentos e realinhamentos que são resultado de antagonismos e articulações culturais - subvertendo a razão do momento hegemônico e recolocando lugares híbridos, alternativos, de negociação cultural. (BHABHA, 1998, p. 248)

Por isso, a construção da identidade é conflitante e ambígua. Bhabha estipula como aspectos fundamentais na construção da identidade em contextos coloniais que: a) existir significa existir para o outro; b) ser interpelado pela alteridade no espaço relacional marcado pela alteridade e pela duplicidade resultam no surgimento do desejo de vingança que provoca uma cisão. Desse modo, no processo relacional de constituição de identidades, a identidade de um influencia na constituição do outro, e assim se dá o hibridismo entre os sujeitos. Dessa mesma perspectiva, Souza (2007) explica hibridismo:

O sujeito social (e por tabela, as culturas, ideologias etc), por ser atravessado por essa heterogeneidade que o constitui, passa a ser visto como *híbrido* já em sua formação, em sua *origem*. Assim, o hibridismo não é o mero *efeito* ou *consequência* do contato entre elementos puros num contexto de heterogeneidades estanques, mas *performatiza* o processo formador conflitante constante, dinâmico e incessante de linguagens, identidades, culturas, ideologias e tecnologias em contato, entrecruzamentos, travessias e contaminações mútuas. (SOUZA, 2007, p.11, grifos do autor)

Para Bhabha, a cultura passa a ser uma ação, uma tática desenvolvida para sobreviver que é "transnacional" e "tradutória". É transnacional porque carrega experiências e memórias das mudanças ocorridas em consequências de ondas migratórias; e é denominada tradutória porque se faz necessário dar novos significados aos símbolos culturais tradicionais, que antes apontavam para conjuntos de referências socioculturais dentro de uma visão homogênea. Bhabha (1998) afirma ainda que

É apenas quando compreendemos que todas as afirmações e sistemas culturais são construídos nesse espaço contraditório e ambivalente da enunciação que começamos a compreender porque as reivindicações hierárquicas de originalidade ou "pureza" inerentes às culturas são insustentáveis, mesmo antes de recorrermos a instâncias históricas empíricas que demonstram seu hibridismo. (BHABHA, 1998, p.67)

Souza (2004, p.126) esclarece que Bhabha não propõe apenas uma constatação das diferenças, mas o seu plano consiste em traduzir ou ressignificar os símbolos, atos que servem para mostrar os mitos de particularismo e de especificidade cultural. Souza acrescenta que:

(...) perder de vista o hibridismo que nos constitui a todos em nossas origens sociais, culturais, ideológicas; perder isso de vista resulta na crença de valores fixos, puros e homogêneos; resulta na abstração descontextualizada e na ilusão da autenticidade. (SOUZA, 2007, p. 16)

As culturas atuais e seus símbolos precisam ser despidos para revelarem seu hibridismo, precisam ser ressignificados como signos interpretados em diferentes contextos e valores, que lutam e se justapõem na constituição híbrida das culturas.

2.2 Identidade

Dentro do contexto desta pesquisa é muito importante ressaltar a concepção de identidade que permeia o trabalho. Rajagopalan (2003, p.69) comenta que “uma das maneiras pela qual as identidades acabam sofrendo o processo de renegociação, de realinhamento, é o contato entre as pessoas, entre os povos, entre as culturas”. Entre os estudos sobre a questão da identidade, já não encontramos quem discorde que ela está se reconfigurando constantemente; portanto, é inacabada. Possui a característica de se adaptar em diferentes circunstâncias. O autor afirma que estamos vivendo um tempo em que a identidade não pode ser vista como algo pacífico, mas como identidades que estão em constante renegociação. (RAJAGOPALAN, 2003, p. 69)

Hall (2006, p.10), por sua vez, sob a perspectiva dos estudos culturais, aborda três noções de sujeito, a fim de discorrer sobre a identidade. A primeira é o sujeito do “iluminismo”, que era individualista, centrado e unificado, dotado de razão, que permanecia sempre o mesmo a vida inteira, idêntico a si.

Depois o autor apresenta a noção de “sujeito sociológico”, fruto da realidade do mundo moderno, que representa uma ruptura com o conceito de sujeito individualista do iluminismo, pois ele começa um processo de fragmentação, passando a ser constituído por várias identidades. O sujeito sociológico se forma no contato com outros sujeitos, nas suas relações sociais simbólicas, onde ocorrem as trocas em um diálogo constante. A vida social intensa torna a identidade frágil, então, percebe-se que o sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas que se constituía também de valores do mundo. O sujeito tem uma “essência” que o liga ao mundo (HALL, 2006, p.11).

A terceira noção é a do sujeito “pós-moderno” (Idem, *Ibidem*, p.12) que surge da mobilidade de identidades. Sua identidade passa a não ser fixa, e o sujeito a transforma ou faz seu uso conforme a necessidade, situação ou posições por ele assumidas nos sistemas culturais. A fragmentação do sujeito resulta na constituição de uma identidade contraditória, em constante transformação, gerando o sujeito pós-moderno. Por fim, para Hall a identidade estável, unida, completa e coerente é uma ilusão (HALL, 2006, p.13).

Para Rodrigues (2010, p. 89), as identidades definem-se dentro das relações estruturais de um dado momento de reivindicação, seja para afirmá-las ou negá-las. A compreensão da identidade é relevante pelo fato de esta se formar nas/pelas práticas de linguagem, nas quais surge a voz da sociedade que ao mesmo tempo em que a define possibilita sua existência na interação social.

Para o autor, a identidade não é estabilizada, mas funciona de modo submisso “aos movimentos políticos, culturais e ideológicos que imperam em determinados períodos históricos” (RODRIGUES, 2010, p.90). Ela surge de “fragmentos” e “reminiscências” de outras identidades que já passaram pelo processo de resignificação, o que ocasiona o “nascimento” de uma nova identidade. Esse fator se deve à existência desses “fragmentos” e “reminiscências”

que são responsáveis por formar as condições materiais, que, por sua vez, refletem o que se desestabilizou. Quanto à identidade nova, Rodrigues (2010, p. 93) afirma:

Uma identidade “nova” exige não apenas ser reconhecida ou ritualizada como tal. Ela, antes de mais nada, se constitui em uma tensão de relações, e assim, se impõe, se sobrepõe, negocia relações diante da(s) outra(s) por oposição, por aliança, por redimensionamento, por resignificação, por negação, por afirmação.

O autor considera que uma nova identidade implica também uma nova forma de enunciação, de constituição discursiva, de ocupação de espaços sociais de luta e de resignificação. Para a análise do discurso e para a psicanálise, a construção da identidade é um processo possível na/pela língua, e representa para o sujeito a dimensão simbólica, além de lhe dar a possibilidade de uma identificação. Ao tratarmos de identidade e de sujeito, entramos no espaço do simbólico, cuja mediação simbólica permite a produção e a compreensão de um idioma. Essa imersão no simbólico é que possibilita ao sujeito colocar-se no processo de funcionamento da língua.

Os estudos da AD possuem um viés discursivo de base enunciativa em que a noção de sujeito é constituída a partir dos estudos de Mikhail Mikhailovich Bakhtin, que parte de uma visão de língua que se constitui na interação verbal. Para esse autor, “Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade”. (BAKHTIN, 2006, p. 115)

Bakhtin (2006) também nos apresenta o que significou uma revolução nos estudos da linguagem que são, como por exemplo, dialogismo e alteridade, indo muito além do pensamento estruturalista do século XX. No círculo bakhtiniano também é discutida a questão do sujeito e seu “outro” na constituição desse sujeito. O outro é necessário para a existência do ser humano, pois o eu vai ao encontro desse outro na interação social. Por meio da alteridade o eu não permanece o mesmo e vive em constante construção na interação social e verbal. Diante disso, fica descrito o perfil dialógico da linguagem a partir de Bakhtin. O dialogismo é um dos principais conceitos da arquitetura do teórico russo dentro dos estudos acerca da linguagem. Segundo esse conceito, nos textos se manifestam duas vozes ou mais, o que significa que no discurso de um sujeito, existe o discurso do outro.

Quando formulamos nosso discurso, já levamos em conta o discurso e os valores do outro. Neste sentido, Bakhtin (2007, p. 296- 297) afirma que:

Todo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo. Os próprios limites do enunciado são determinados pela alternância dos sujeitos do discurso. Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhes determinam o caráter. Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo: ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa uma posição definida em uma dada esfera da comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto, etc. É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições.

É nessa relação de discursos, na qual os sujeitos se constituem por meio de várias vozes, que se dá o dialogismo. Ao considerarmos o dialogismo como uma realidade na linguagem do sujeito, podemos enxergar a diferença. Dessa perspectiva, partimos da ideia de que o diferente nos constitui e que, portanto, a identidade se constrói no encontro com o outro. Na interação por meio da linguagem, o indivíduo caminha em busca de uma completude, na relação consigo mesmo e com o outro. Bakhtin inova a ideia de sujeito em relação à linguagem ao incorporar a interação do eu com o outro.

O sujeito é ampliado nessa relação dialógica da perspectiva sociointeracionista bakhtiniana. Para o autor (2006), a identidade só é possível por meio da relação travada entre o eu e o(s) outro(s). Somos definidos na relação com o outro e, ao tomarmos consciência dessa dependência na relação dialógica, podemos tentar compreender a identidade. Ela é investigada a partir da alteridade, ou seja, o eu é constituído a partir do outro, na alteridade que se dá no encontro de palavras. Para Bakhtin, “eu não posso passar sem o outro, não posso me tornar eu mesmo sem o outro; devo encontrar a mim mesmo no outro, encontrar o outro em mim” (BAKHTIN, 2010, p. 323). O outro também é o responsável pela incompletude do sujeito. O outro desperta no eu a necessidade de uma completude. O eu é concedido pelo outro e esse eu é diferente e o mesmo, concomitantemente. Segundo Bakhtin (2007, p. 68- 69, grifos do autor):

O homem nunca coincide consigo mesmo. A ele não se pode aplicar a forma de identidade: A é idêntico a A. (...) a autêntica vida do indivíduo se realiza como que na confluência dessa divergência do homem consigo mesmo, no ponto em que ele ultrapassa os limites de tudo o que ele é como ser material que pode ser espiado, definido e previsto “à revelia”, a despeito de sua vontade. A vida autêntica do indivíduo só é acessível a um enfoque *dialógico*, diante do qual ele responde *por si mesmo* e se revela livremente.

Não podemos imaginar o sujeito fora das relações com vários outros com os quais interage constantemente. Dessa interação resulta uma alteração em nós. “Essas palavras dos outros trazem consigo a expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos” (BAKHTIN, 2003, p. 295). Por mais que a relação com esses outros cause mudanças em nós, as nossas palavras carregarão a nossa marca, o que vai diferenciar a nossa palavra da palavra do outro. É assim que podemos explicar como uma mesma palavra pode ressoar de modos distintos. Desse modo, “(...) a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc” (BAKHTIN, 2006, p.32).

A palavra em um sentido mais amplo constitui as relações entre os sujeitos, que são histórica e socialmente localizados. Para Bakhtin,

Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui *justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte* (BAKHTIN, 2006, p.107, grifos do autor).

A interação se dá pela alteridade, pois a relação entre os sujeitos é dialógica e responsiva. Bakhtin exemplifica a relação dialógica da seguinte forma:

A palavra, a palavra viva, indissociável do convívio dialógico, por sua própria natureza quer ser ouvida e respondida. Por sua natureza dialógica, ela pressupõe também a última instância dialógica. Receber a palavra, ser ouvido. É inadmissível a solução à revelia. Minha palavra permanece no diálogo contínuo, no qual ela será ouvida, respondida e reapreciada. (BAKHTIN, 2007, p. 356, grifos do autor).

É por meio da responsividade, ou seja, ouvir e responder, que se dá a interação com os outros. Nem sempre os diálogos nessas interações são consonantes. Para o autor, viver é fazer parte do diálogo em muitas situações diferentes com o outro do qual necessitamos e para quem somos necessários.

No final do século XIX, Sigmund Freud desenvolveu o conceito de biologismo, que era uma das ideias de base da teoria da psicanálise. Bakhtin desenvolve uma reflexão teórica na obra “O Freudismo: Um Esboço Crítico”, de 1927, sobre essa questão. Nessa obra, o autor critica a concepção de Freud sobre a consciência do homem construída a partir do ser biológico, que tem como característica fundamental a sexualidade. Bakhtin, de uma perspectiva marxista escreve o texto no qual classifica Freud como integrante da Escola Subjetivista, pois, para o pai da psicanálise, predominavam os traços psíquicos na constituição enquanto indivíduos, para Bakhtin, o que prevalecia era a socialização do Eu. Para ele, o homem tem o nascimento biológico e social:

O homem não nasce como um organismo biológico abstrato, mas como fazendeiro ou camponês ou proletário: isto é o principal. Ele nasce como russo ou francês e, por último, nasce em 1800 ou 1900. Só essa localização social e histórica do homem o torna real e lhe determina o conteúdo da criação da vida e da cultura. Todas as tentativas de evitar esse segundo nascimento - o social - e deduzir tudo das premissas biológicas de existência do organismo são irremediáveis e estão condenadas ao fracasso: nenhum ato do homem integral, nenhuma formação ideológica concreta (o pensamento, a imagem artística, até o conteúdo de um sonho) pode ser explicada e entendida sem que se incorpore as condições socioeconômicas. Além do mais, nem as questões específicas da biologia encontram solução definitiva sem que se leve plenamente em conta o espaço social do organismo humano em estudo. (BAKHTIN, 2014, p.11)

Os estudos nas humanidades são feitos na relação dialógica que constrói o sujeito e a sociedade; ela não tem um objeto em si, pois não tem consciência para ser compreendida em si mesma. A consciência, segundo Bakhtin, é adquirida na interação social. A socialização do eu se dá na interação do eu/outro que ocorre na “(...) força da realidade, da importância das ideias, é diretamente proporcional ao seu fundamento de classe, à possibilidade de sua fecundação pelo ser econômico-social de um grupo” (BAKHTIN, 2014, p.22). A partir dessa relação é possibilitada a criação do eu na consciência de mim,8 através do olhar do outro. Ao conceber a identidade pela alteridade, Bakhtin derruba o estado monológico das identidades. Buscaremos

compreender, portanto, esse processo no contexto da imigração paraguaia até a constituição da Colônia.

2.3 Os paraguaios e seus descendentes em MS

Para tratarmos da imigração paraguaia no Mato Grosso do Sul, é preciso começar retomando o evento histórico que foi uma das principais causas desse deslocamento: a Guerra da Tríplice Aliança. O Paraguai vivia um momento de pleno desenvolvimento econômico e humano no período anterior à guerra. Era governado pelo ditador Gaspar Rodríguez de Francia (1814-1840), que firmou a economia paraguaia em uma base autônoma e livre de investimentos de capital estrangeiro. Dessa forma, demonstrava sua capacidade de desenvolvimento autossustentável. Teve seu governo caracterizado pela rigidez e pelo patriarcalismo (BOIS, 2005, p.2).

Quando Francia faleceu, o Paraguai “era o único país da América Latina que não tinha mendigos, famélicos ou ladrões” (GALEANO, 2010, p.182). Era um país que não apostava no comércio exterior, pois a sua localização geográfica não fornecia saída para o mar. Aprendeu então a desenvolver sua economia “(...) para dentro por causa de seu isolamento mediterrâneo (...)”. Francia apostou em uma economia concentrada e regulada pelo Estado autárquico dentro do Paraguai. (GALEANO, 2010, p. 182).

Quando, em dezembro de 1864, a guerra se desencadeou, o Paraguai estava com a economia a todo vapor, pois:

[...] contava uma linha de telégrafos, uma ferrovia e uma boa quantidade de fábricas de materiais de construção, tecidos, lenços, ponchos, papel, tinta, louça e pólvora. Duzentos técnicos estrangeiros, muito bem pagos pelo Estado, colaboravam decisivamente. Desde 1850, a fundição de Ibycui fabricava canhões, morteiros e balas de todos os calibres; no arsenal de Assunção eram fabricados canhões de bronze, obuses e balas. A siderurgia nacional, como todas as demais atividades econômicas essenciais, estava nas mãos do Estado. O país dispunha de uma frota mercante nacional, e tinham sido construídos no estaleiro de Assunção muitos dos navios que ostentavam a bandeira paraguaia ao longo do rio Paraná ou cruzavam o Atlântico e o Mediterrâneo. O Estado virtualmente monopolizava o comércio exterior: a erva-mate e o tabaco abasteciam o consumo do sul do continente; as madeiras valiosas eram exportadas para a Europa. A balança comercial mostrava um expressivo *superavit*. O Paraguai tinha uma moeda forte e estável, e possuía suficiente riqueza para efetivar enormes

investimentos públicos sem recorrer ao capital estrangeiro. (GALEANO, 2010, p.182).

A Inglaterra via com maus olhos o protecionismo do mercado paraguaio, pois o Paraguai estava mostrando aos outros países, vizinhos sul-americanos, como conseguia se sustentar atingindo um dos índices de desenvolvimento mais altos da América do Sul, sem capital estrangeiro e sem se submeter à política do “livre-comércio”. Conforme o país crescia e se estabelecia economicamente, também crescia sua necessidade de contato com o exterior. Porém, estava encurralado entre o Brasil e a Argentina, que poderiam dificultar seu acesso ao mercado internacional. (GALEANO, 2010, p.183).

O autor, afirma que “para seus vizinhos era imprescindível, em nome da consolidação do estado oligárquico, acabar com o escândalo daquele país que se bastava a si mesmo e não queria ajoelhar-se diante dos mercadores britânicos.” (Idem, Ibidem, p.183). O ministro da Inglaterra, Edward Thornton, participou como assessor dos planos de "provocações e de enganos" do presidente argentino Bartolomeu Mitre que culminou no confronto que sentenciou o destino do Paraguai. O Uruguai foi invadido pelo Brasil, e o Paraguai havia prometido que se houvesse o ataque ao Uruguai, ele declararia guerra ao invasor. (GALEANO, 2010, p.183)

Na ocasião da guerra, Brasil, Uruguai e Argentina se juntaram na batalha contra o Paraguai, que durou cerca de cinco anos. “Não deixaram pedra sobre pedra e tampouco habitantes varões entre os escombros” (GALEANO, 2010, p. 181). Galeano afirma que apesar dos países vencedores terem tomado terras do Paraguai, o financiamento da guerra deixou muitos prejuízos, pois foi custeada por empresas inglesas, que concederam empréstimos aos países vencedores a juros muito altos, de modo que, ao fim da guerra, eles tivessem assumido uma enorme dívida pública. “Os três países experimentaram uma bancarrota financeira que agravou a dependência da Inglaterra. A matança do Paraguai os marcou para sempre.” (GALEANO, 2010, p. 184)

Logo após o fim da Guerra da Tríplice Aliança (1864- 1870), o Paraguai estava destruído e Mato Grosso também sentia as consequências da guerra, como baixa densidade populacional e crise econômica. No território fronteiriço que o Brasil adquiriu com a guerra, habitavam muitos paraguaios que continuaram vivendo nessas terras, agora pertencentes ao Brasil. Já o país vencido sofreu as consequências de uma guerra que arrasou sua economia e sua população.

Segundo Baller (2008, p.158), 75% dos paraguaios morreram durante a Guerra da Tríplice Aliança. Galeano destaca que o povo paraguaio, que, até o momento da guerra, desfrutava de um país autossuficiente e que oferecia boas condições de vida, agora via o país se submeter ao primeiro empréstimo estrangeiro, que era inglês. A produção agrícola e a indústria estavam arruinadas e não voltariam a se reerguer. O Paraguai se encontrava obrigado a abrir o mercado para o livre comércio (GALEANO, 2010, p. 184).

Depois da guerra, o ditador Stroessner (1954- 1989) promoveu a abertura aos brasileiros para colonizar o país e desenvolver a agricultura. O Paraguai tinha a pretensão de melhorar a economia do país e também fortalecer seu domínio político, o que, segundo Baller, fazia com que o governo exercesse controle social usando da violência (BALLER, 2008, p. 38). Stroessner, com seu programa de colonização, permitiu a entrada de milhares de brasileiros no território paraguaio porque acreditava que isso ajudaria no desenvolvimento da agricultura do país e, desse modo, conseguiria abrir concorrência para a economia de mercado.

Os planos de Stroessner em desenvolver a agricultura do país deram certo, pelo menos em parte. O Paraguai vem se destacando na produção da soja. Em 2002, por exemplo, o Paraguai alcançou o sexto lugar de maior produtor de soja do mundo. Por outro lado, isso não significa que esteja refletindo positivamente sobre as condições de vida dos pequenos agricultores paraguaios e indígenas, pois o índice de pobreza ainda é grande.

A má distribuição de terras é uma realidade no país vizinho, pois a maior parte das terras produtivas está sob a posse de empresários brasileiros e outros estrangeiros, enquanto as propriedades de pequeno porte pertencem aos paraguaios. O que sobra para a maioria da população são os problemas ambientais

causados pelo uso indiscriminado de agrotóxicos que poluem o solo, os rios e causam a morte de pessoas por intoxicação, sobretudo pelas pulverizações de veneno nas plantações. Esses fatos promovem constantes atritos entre os grandes produtores e os pequenos camponeses que dependem da terra para sua sobrevivência. As conversas entre o governo e os camponeses nunca chegam a um acordo, pois seus interesses se chocam. O que resta para o povo é continuar em situação precária e ainda com o estigma de ser responsável por dificultar a resolução do problema. A maioria da população paraguaia não partilha dos lucros da produção de soja que brotam de seu país. Para Baller (2008, p. 33), toda essa problemática teve início com o governo do ditador Strossner que incentivou a colonização do território paraguaio de modo descontrolado, resultando em uma participação mínima dos paraguaios na produção e no usufruto dos lucros.

Baller (2008) afirma que os brasileiros representam pelo menos 10% da população do Paraguai, o que significa cerca de 450 mil brasileiros. A grande maioria delas se concentra nos departamentos fronteiriços, ocasionando assim um superpovoamento de cerca de 80 a 90% de brasileiros em algumas cidades que fazem fronteira com o Brasil.

Após a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), os paraguaios vieram ao Brasil à procura de emprego e melhores condições de vida. As perseguições políticas e as condições econômicas os obrigavam a deixar seu país. Sobre as pessoas que migram, Nascimento (1999, p.30) afirma que,

A mobilidade humana não é um mal. É uma alternativa a que o homem pode recorrer, quando encontra sérios obstáculos que lhe dificultam a satisfação de suas necessidades fundamentais, quando dificultam as possibilidades de vida e de desenvolvimento como pessoa humana, de participação na sociedade a que pertence e se sente marginalizado.

No final do século XIX, muitos paraguaios seguiram rumo ao sul do então estado de Mato Grosso² para tentar uma oportunidade de emprego nas fazendas e nos ervais. Nesta época, a erva mate (*ilex paraguayenses*) era um dos produtos

² O dia 11 de outubro de 1977 que o presidente Ernesto Geisel assinou a Lei Complementar nº 31 dividindo Mato Grosso e criando o estado de Mato Grosso do Sul.

mais exportados para a Argentina. Com descendência indígena guarani, os paraguaios tinham herdado o conhecimento de seus antepassados no manejo da erva. Lembra Melo e Silva: “Acresce ainda que o paraguaio é o elemento que melhor se adaptou até hoje à extração da erva, prestando-nos neste setor da vida industrial uma colaboração de suma relevância (...)” (MELO E SILVA, 2003, p. 186). Centeno, por sua vez, fala dos paraguaios que vinham para o Brasil:

Após a guerra, a fronteira passa a atrair um novo contingente de imigrantes originários do Paraguai. Os paraguaios se dirigiam para Mato Grosso fugindo da crise econômica do pós-guerra e das mudanças que se operavam no Paraguai, cujos reflexos afetaram diretamente o camponês que perdera a terra como seu único meio de sobrevivência. Foram vindo pela fronteira seca, em grandes levas, e representaram uma das maiores ondas de imigração ocorridas na fronteira sul de Mato Grosso. Muitos, não tendo capitais disponíveis, ocupavam as terras devolutas e logo eram expulsos pelos grandes proprietários acusados de cometerem crimes na região. (CENTENO, 2000, p. 121)

No final da primeira década do século XX, chegavam, ao sul de Mato Grosso, os trilhos de trem. Com a chegada da ferrovia Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB) também chegaram novos habitantes, aumentando a densidade da população, principalmente nas cidades por onde passavam os trilhos, como Aquidauana, Miranda e, principalmente, Campo Grande (MORO, 2010, p.3). A Estrada de Ferro favorecia o deslocamento do Paraguai para o Brasil, além da fronteira seca, que permite o contato entre brasileiros e paraguaios. Para Bois (2005, p. 4), foram a Estrada de Ferro, instalada em 1914, e a mudança da Circunscrição Militar de Campo Grande em 1921 que propiciaram as condições para o desenvolvimento econômico da cidade de Campo Grande.

A imigração paraguaia no Mato Grosso do Sul é muito significativa. Até o início do século XX, nas fronteiras entre Brasil e Paraguai, a população era, em sua maioria, paraguaia. Para o nacionalista Melo e Silva,

Sem o cunho inconfundível de brasilidade, não será nossa aquela civilização. Lá já se infiltraram e até dominaram costumes que não são nossos. Urge, pois, instalemos ali, e quanto antes, um padrão de vida rigorosamente brasileiro, fazendo rumar, no sentido da nossa, a cultura estranha que lá se estadeou. (MELO E SILVA, 2003, p. 185)

Eduardo Galeano em sua obra “As Veias Abertas da América Latina” destaca a crise financeira como um dos motivos que levaram uma considerável quantidade de paraguaios a partirem para outros países em busca de melhores condições de vida. Para ele, "A miséria induz ao êxodo os habitantes do país que, até quase um século atrás, era o mais avançado da América do Sul" (GALEANO, 2010, p. 181). Nascimento também aponta para uma crise mais complexa quando afirma que “Quando um povo migra, significa que uma nação está em decadência econômica, política e cultural na perda de sua identidade (...).” (NASCIMENTO, 1999, pg. 37)

A imigração paraguaia teve uma diminuição significativa depois dos anos 1930, devido às Leis de Imigração do presidente do Brasil, Getúlio Vargas, e a Guerra do Chaco (1932-1935). No entanto, a imigração não parou, os paraguaios continuaram fugindo das guerras civis, ditaduras e crises econômicas que ocorriam no Paraguai (JARA, 2012, p.3). Linhares explica com mais detalhes:

Pode-se atribuir tal fato à crise econômica e política que se desencadeou no Paraguai após a guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), além Guerra do Chaco Boreal nos anos de 30, a Guerra Civil de 1947 e a instalação da ditadura do governo Stroessner em 1954 que permaneceu no poder por 35 anos e governou o país com “mãos de ferro” até a década de 1980 quando uma série de lideranças políticas retorna ao Paraguai e juntamente com organizações da sociedade civil, exigiam a instalação de eleições livres e de um governo democrático. Os últimos acontecimentos da política paraguaia, como a tentativa de golpe em 1996 contra o governo de Wasmosy e o assassinato do vice-presidente Luís Argaña em 1999, demonstram a fragilidade das instituições democráticas deste país (LINHARES, 2002, p.5)

Com a imigração para o sul do Mato Grosso, veio o homem paraguaio que serviu de mão de obra para o trabalho nas fazendas, nos ervais, nas construções de currais e servia na lida com o gado. Na cidade, manejava todo tipo de trabalho com o couro, nas sapatarias e selarias onde, além de sapatos, fabricava selas e outros utensílios usados no trabalho rural. Também dominava a carpintaria e a charqueada. A mão de obra feminina ficava com trabalhos que eram estigmatizados pela sociedade, como "em bares e boates". Aos poucos os paraguaios foram atuando em outras áreas como o comércio (BARREDA, 2007, p. 32). A lida nas fazendas é uma das atividades desenvolvidas pelos paraguaios no contexto pós-guerra em terras brasileiras, além do trabalho com a erva-mate, desde o corte até a tosta, e da atuação como mão de obra na construção civil.

A história dos paraguaios está intrinsecamente relacionada com as profissões que envolviam a pecuária, desde a confecção de artefatos para a lide com o gado, confecção de mangueiros, cercas e galpões de madeira, mão-de-obra com o gado desde os pastos até os frigoríficos, entre outras. (ANDRADE e PEREIRA, 2009, p.12)

Em meados do século XX, o Brasil tinha relação amigável com o Paraguai. Apesar disso, nesse período a identidade paraguaia dos que estavam no Brasil era disfarçada, pois se evitavam as manifestações características do Paraguai devido ao medo de possíveis represálias.

Nem sempre as relações entre os migrantes e os residentes no Brasil foram serenas, mas que havia um sentimento de repulsa que aos poucos foi se amenizando por meio das trocas culturais, e das intensas relações entre brasileiros e paraguaios. (ANDRADE e PEREIRA, 2009, p.3)

Corrêa (2005, p.100) afirma que a região de fronteira era habitada majoritariamente por uma população de descendência guarani. No trabalho com a erva-mate na Companhia Matte Laranjeira, os trabalhadores eram, em sua maior parte, paraguaios. Estima-se que tenha chegado a 70%. Lembra ainda que, depois da guerra, os paraguaios partiram em grande número rumo ao Brasil. As companhias brasileiras de erva-mate empregavam milhares de trabalhadores paraguaios no cone sul do estado do Mato Grosso. Nesse período não havia mão de obra brasileira para fazer o trabalho, pois muitos trabalhadores brasileiros não se adaptaram às condições de trabalho oferecidas pelas companhias ervateiras. Melo e Silva, por sua vez, retrata o pensamento da época em que atuou como juiz na fronteira na década de 1930:

A ausência de braços, que é uma das causas principais do atraso na fronteira, não impede o curso crescente do progresso dessa indústria: é o trabalho preferido do paraguaio, hábito que este contraiu de longos anos, talvez porque lhe saiba melhor que qualquer outra essa bebida prodigiosa, o chimarrão e o tereré. (MELO E SILVA, 2003, p. 97- 98)

O território fronteiro é um dos fatores que favoreceram o êxodo, pois facilitava a proximidade e influência cultural entre brasileiros e paraguaios. Ainda segundo Silva,

Da empresa não se poderá exigir o sacrifício de repudiar o peão paraguaio, em condições de prestar bons serviços, porque é conhecedor do gênero do trabalho, crescendo que ela de forma alguma conseguirá, só com seu esforço, dispor ali de outro braço que impulse sua indústria. Ademais, o peão paraguaio está ali mesmo. Quase nasceu à sombra daquelas matas. A sua pátria fica a dois passos dos ervais mato-grossenses. (MELO E SILVA, 2003, p. 174)

Com a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, muitos migrantes e imigrantes de países vizinhos e, principalmente paraguaios, vieram para o Brasil. O trânsito de pessoas ficou mais fácil e teve início o desenvolvimento do Mato Grosso (ARCA, 1993).

A Companhia Matte Larangeira desempenhou um papel muito importante na formação populacional do Mato Grosso. A empresa iniciou suas atividades no ano de 1882 em várias cidades do extremo sul do estado, principalmente em Ponta Porã e em Dourados, e fechou em 1947. Explorava a erva-mate (*Ilex paraguariensis*), planta nativa que era tratada e depois escoada pelo Rio Paraguai rumo à Argentina. Segundo Moro (2010, p.7), cerca de três mil pessoas trabalhavam nessa empresa, a maioria delas indígenas e paraguaios. Os brasileiros não aceitavam ou não se adaptavam às condições de trabalho dentro dos ervais, pois o regime era de semiescravidão. A Cia. Matte Larangeira possuía cinco milhões de hectares de terras devolutas para a exploração da erva mate. Tinha poder sobre a maior parte das terras localizadas ao sul do Mato Grosso que se situavam próximas à fronteira, o que permitia a entrada de milhares de paraguaios no Brasil. Estes, por sua vez, eram obrigados a se submeter a regimes de trabalho exaustivos e com baixos salários, já que na maioria das vezes não conseguiam terra para cultivar. Centeno elenca a questão do paraguaio que chegava ao Brasil:

Como se vê, a economia do mate atraiu muitos imigrantes na esperança de que pudessem vir a melhorar suas vidas no sul do Estado. Contudo, foram poucos os imigrantes que conseguiram lotes de terras explorando o mate e criando gado. Chegando à fronteira, deparavam-se com o monopólio exercido pela Companhia Matte Larangeira que os impossibilitava de ter acesso às terras. (CENTENO, 2007, p. 126)

A facilidade de acesso à área da faixa de fronteira do Brasil com o Paraguai se deve ao fato de ser uma região pouco habitada por brasileiros, além de ser uma

fronteira mal demarcada. Melo e Silva (2003, p.17) nos lembra que foi a partir da Constituinte brasileira de 1933 que o Brasil passou a se preocupar mais com as fronteiras internacionais.

Segundo Centeno (2000), o imigrante paraguaio, ao chegar às terras de Mato Grosso, vinha com esperança de conseguir um pedaço de terra para cultivo de subsistência, já que a terra no Paraguai teve uma alta valorização após a guerra, o que gerou a expulsão do mais fraco, o camponês. Porém, quando não conseguiam trabalho, em que, na maioria das vezes, eram submetidos a um regime quase escravo, os paraguaios, para garantir sua sobrevivência, acabavam lançando mão do crime. Centeno afirma:

Porém, a criminalidade não foi o único recurso que encontrou o imigrante para manter sua sobrevivência. A maior parte, sobretudo o paraguaio, teve que dispor do único meio que ainda lhe restara: a força de trabalho, submetendo-se ao duro trabalho nos ervais. Dessa forma, sem apoio nem recursos que pudessem garantir a sua fixação à terra como colono, esse trabalhador tornou-se meio de exploração das empresas ervateiras.(CENTENO, 2000, p.127)

Segundo Corrêa (2005), as relações entre brasileiros e paraguaios não eram muito amistosas, uma vez que os imigrantes eram estigmatizados como bandidos e pessoas sem escrúpulos. Por isso, eram frequentemente maltratados. Andrade e Pereira (2009) reforçam essa ideia dizendo:

Dessa forma, enquanto os consulados pareciam não conseguir coibir os maus tratos sofridos pelos paraguaios, esses começaram a se organizar em associações para denunciar abusos das autoridades militares que vigiavam constantemente os migrantes advindos dos países vizinhos. As associações chegaram a reclamar diretamente ao Presidente do Estado solicitando providências com relação aos abusos sofridos rotineiramente pela polícia. (ANDRADE e PEREIRA, 2009, p. 7)

No início do século XX, já havia uma pesquisa sobre a população do estado de Mato Grosso, feita pelo IBGE de 1920 (BRASIL, 2009, p. 51), na qual é discriminada a população de imigrantes, dentre eles os paraguaios, que viviam no Mato Grosso e na cidade de Cuiabá. Na tabela temos a população estrangeira de Mato Grosso e de Cuiabá, segundo as nacionalidades até 1920:

NACIONALIDADE	MATO GROSSO	CUIABÁ
Outros países	-	20
Argentina	8	2232
Bolívia	13	2090
Chile	1	12
Cuba	-	5
Paraguai	63	13.118
Países diversos ou indeterminados		534

Fonte: BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. Recenseamento do Brasil em 1 de setembro de 1920. Rio de Janeiro: Typografia da Estatística, 1922-1930, v. 4, parte.

Podemos observar o aumento da população de Mato Grosso no período do pós-guerra. O censo de 1920 aponta um número de 13.118 paraguaios em Cuiabá, sendo este o maior grupo de estrangeiros na região. Os dados confirmam a quantidade de imigrantes paraguaios que havia em maior número já na década de vinte. A seguir, discutiremos o conceito de cultura e logo depois veremos como o povo paraguaio e sua cultura fizeram parte e continuam a influenciar os aspectos culturais de Mato Grosso do Sul.

CAPÍTULO III

A IDENTIDADE DOS SUJEITOS DA COLÔNIA PARAGUAIA EM CAMPO GRANDE: A LÍNGUA E A CULTURA

Neste capítulo, procederemos à análise dos trechos que foram selecionados a partir dos depoimentos dos frequentadores da Colônia Paraguaia. Essa seleção foi feita tendo em vista responder aos objetivos colocados anteriormente: 1) analisar, a partir dos discursos dos paraguaios ou descendentes de paraguaios que frequentam a colônia, o que consideram como cultura paraguaia; 2) se ocorre o aprendizado da língua guarani e de que modo isso se dá; e, sobretudo, 3) saber o que os motiva a irem à colônia e 4) compreender os discursos sobre a identidade que permeia o uso ou rejeição do guarani jopará pelos sujeitos, o que é importante no sentido de identificar atitudes dos frequentadores da colônia frente à língua.

Para tanto, daremos enfoque aos temas da identidade, da língua e da cultura, visando compreender os discursos que permeiam a instituição Colônia Paraguaia, seus temas recorrentes e suas contradições. Nesta pesquisa, como já foi dito, é dado o enfoque ao discurso dos frequentadores da Colônia Paraguaia de Campo Grande. Dessa maneira, foi apresentado um roteiro de conversa (em anexo) para que pudéssemos delimitar o tema a ser tratado e para que algumas questões não fossem deixadas de lado.

Nas análises, os sujeitos que contribuíram para este trabalho de pesquisa são identificadas como D1, D2, D3 e assim por diante, ou seja, discurso do sujeito da narrativa 1, narrativa 2, narrativa 3. Para efeito de análise, os depoimentos foram, primeiramente transcritos³, depois foram selecionados recortes destacados em itálico, e depois identificados como R1, R2, R3, e assim sucessivamente.

Com os depoimentos coletados, julgamos ser possível fazer uma leitura de alguns aspectos da Colônia Paraguaia, como a percepção e o emprego da língua guarani na instituição e as possíveis representações dessa cultura nos discursos.

³ Para tanto, utilizamos o modelo de transcrição do Projeto NURC/SP.

Nosso corpus de análise é composto de sete depoimentos de frequentadores da Colônia Paraguaia. Os encontros se deram em dias diferentes, como explicitaremos logo mais.

Segundo Bois (2005, p.3), em 1991 os paraguaios formavam o maior grupo de estrangeiros no Estado de Mato Grosso do Sul, com um número estimado em 46,5% da população. A comunidade paraguaia de Campo Grande começou a se organizar, com espaço próprio na década de 1970, a partir da doação de um terreno da prefeitura para a criação da Associação Colônia Paraguaia. (JARA, 2012, p.5). No período entre 2009 e 2013, com o projeto Ponto de Cultura, houve novas práticas como o curso de audiovisual, de violão, de acordeon, de harpa, de dança regional,⁸ entre outros, com mais investimento para a fomentação cultural no espaço da Colônia. Quanto ao projeto Ponto de Cultura, a fundação esclarece que:

Os Pontos de Cultura são elos entre a Sociedade e o Estado que possibilitam o desenvolvimento de ações culturais fundamentadas pelos princípios da autonomia, protagonismo, sustentabilidade e empoderamento social, integrando uma gestão compartilhada e transformadora, da instituição selecionada, com a Rede de Pontos de Cultura. A ação integra o Programa Mais Cultura/Cultura Viva do Ministério da Cultura, criado pelo Decreto 6.226, de 4 de outubro de 2007 e tem como objetivo funcionar como um instrumento de pulsão e articulação das ações dos projetos já existentes nas comunidades. (Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul-FCMS).

Como foi citado, o projeto Pontos de Cultura funciona de modo integrado com o programa Cultura Viva. Quanto a esse último:

A Política Nacional de Cultura Viva foi criada em 2014 para garantir a ampliação do acesso da população aos meios de produção, circulação e fruição cultural a partir do Ministério da Cultura, e em parceria com governos estaduais e municipais e por outras instituições, como escolas e universidades. (Ministério da Cultura- MINC)

Em Mato Grosso do Sul, com a mediação da Fundação de Cultura, em 2007 o governo assinou o convênio com o Ministério da Cultura tendo por objetivo selecionar projetos para ser contemplados pelo programa Pontos de Cultura Mais Cultura/Cultura Viva, instituições sem fins lucrativos da sociedade civil com propostas para o desenvolvimento ações culturais que existissem há no mínimo dois anos.

Segundo Jara (2012, p.6) é importante enxergarmos as associações no campo das relações de poder e anseio por representação e visibilidade em um estado onde ocorreram várias ondas migratórias advindas de países diferentes. Pois,

(...) estas atuam no sentido de garantir um espaço próprio de convívio entre indivíduos, onde suas práticas possam ser organizadas e promovidas. No interior disso, discursos frequentes são os de perpetuação, conservação e/ou resgate daquilo que é típico, dos costumes e das chamadas tradições culturais.

As atividades promovidas na Associação Colônia Paraguaia auxiliam para que a comunidade paraguaia tenha um espaço onde possa se encontrar, fortalecer sua identidade coletiva e representatividade. Para Mondardo (2013, p. 84), essas atividades contribuem ao servirem de base material e simbólica para as manifestações culturais tradicionais, como as danças, a culinária, celebrações religiosas, entre outras. O autor afirma ainda que os participantes dessas manifestações culturais reinventam sua identidade frequentemente a partir do momento em que revivem suas tradições, compartilham e dialogam com seu outro, que é o brasileiro.

O primeiro contato com a Colônia Paraguaia de Campo Grande- MS foi feita por meio do telefone no dia 12 de dezembro de 2014. Conversamos com a professora de dança L.B. e perguntei se tinha possibilidade de marcar um encontro com o presidente da Colônia para entregá-lo a carta de apresentação do projeto da presente pesquisa e pedir sua autorização para realização do mesmo. A professora me passou o número de celular do presidente e depois da terceira tentativa, finalmente conseguimos nos encontrar na Colônia, no dia 17 de dezembro de 2014.

Nesse dia, participamos do encerramento das atividades do ano de 2014, momento em que conhecemos o presidente da colônia, S.C, que foi o primeiro entrevistado. Ele nos chamou para o seu escritório, a fim de que o som do lado de fora não interrompesse ou atrapalhasse a conversa. Apresentamos a proposta da pesquisa e discutimos alguns aspectos da cultura paraguaia, porém, durante nossa conversa, repetidas vezes surgia alguém que batia na porta ou entrava no escritório chamando S.C. Depois de alguns minutos de conversa, enfim surgiu a oportunidade

de entrevistar o presidente e gravar no aparelho celular. Lemos o roteiro de conversa para S. C. e lhe dissemos que se ele deixasse de responder algum tópico retomariamos, sem problemas. Assim, a entrevista iniciou com o entrevistado um pouco tenso (devido à gravação), mas logo depois ele foi ficando mais à vontade.

Optamos por iniciar as análises com a entrevista de S.C. (doravante D1), 58 anos, por ser o seu perfil bastante rico no que se refere às suas relações com a colônia e com a história dos paraguaios que, assim como seu pai, vieram para Campo Grande⁴. O entrevistado é descendente de paraguaios e tem uma ligação muito forte com a história e a memória desses imigrantes, demonstrando muito interesse pela cultura paraguaia e exigindo seu reconhecimento por meio da memória que quer cultivar e dos elementos culturais que formam a tradição paraguaia. Para Orlandi (2010, p.43), a AD mostra como se dá a relação entre sujeito e sentido ao afirmar que “todo discurso se delinea em sua relação com outros dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória”.

Como foi referido anteriormente, o primeiro contato que fizemos com D1 foi pelo celular. Por ele trabalhar como assessor de um político e ainda atuar como advogado, além de ocupar o cargo de presidente da Colônia, não foi fácil marcar um encontro, porém na terceira tentativa ele pôde nos receber para a entrevista. O encontro ocorreu na própria Colônia Paraguaia.

Desde o primeiro dia fui muito bem recebida pelos responsáveis e pelos frequentadores da colônia, todos gentis e receptivos. A diretora e professora de dança sempre muito disposta a ajudar no que fosse preciso, levou-nos até a professora de guarani para que pudéssemos conversar com seus alunos. Todos os depoimentos foram dados na Associação Colônia Paraguaia de Campo Grande localizada na Rua Ana Luiza de Souza, 668 – Vila Pioneira. Diferentes atividades ocorrem simultaneamente, como ensaios do grupo de dança, reunião dos diretores e aulas de guarani, de modo que interrupções e interferências externas ocorreram diversas vezes, porém, não a ponto de comprometer as falas dos entrevistados,

4 Perfil bastante rico no sentido de que o entrevistado tem diversos tipos de relações com o povo paraguaio e com a Colônia Paraguaia. O presidente da colônia é advogado, atuando juridicamente em prol da Colônia e também desempenha o papel de assessor político, usando de seus contatos e influências para conseguir benefícios para a Colônia.

pois, quando necessário, parávamos a gravação e logo depois retomávamos sem problemas.

No dia 21 de março de 2015, entrevistamos a professora de dança e diretora da Colônia Paraguaia, L.S.B.C (doravante D2), 38 anos, neta de paraguaio. Em sua narrativa D2 nos conta sobre os objetivos da Colônia como instituição cultural. Destaca ainda a importância do grupo de dança para a divulgação da cultura paraguaia em Campo Grande e no Brasil. A professora (L.S.B.C) D2 foi quem intermediou o encontro com a professora de guarani (I.M.L) D7 e seus alunos, como já foi dito.

As aulas de guarani ocorrem aos sábados no período da manhã. Dessa forma, marcamos um encontro para sábado 28, de março de 2014. Pude perceber que os alunos de língua guarani, em sua maioria, possuem idade superior a 60 anos. A professora (D7) disse que tem alunos jovens também, por volta dos 20 anos, que vêm com menor frequência por trabalharem aos sábados. Um dado importante é que a professora é paraguaia, conhece, portanto, a escrita do guarani e a cultura paraguaia.

Depois de falar com L.S.B.C (D2) sobre a minha intenção de entrevistar os alunos de língua guarani, ela nos direcionou para a sala em que a professora I.M.L (D7) ministrava a aula e nos apresentou como pesquisadores da UEMS. Apresentamo-nos e dissemos, então, que estávamos pesquisando sobre a cultura paraguaia na Colônia. Buscamos tomar o devido cuidado para não intimidar os alunos com a figura de pesquisadora. Duas alunas se manifestaram no mesmo instante e disseram que gostariam de falar. Os homens já foram mais reservados. Quisemos deixá-los mais à vontade possível para decidirem se iam participar da pesquisa, ou não. A professora foi bastante solícita a ponto de intimar os alunos a darem entrevista para a pesquisa. Ela apontava e dizia: E você, quer participar? Nós, no mesmo instante, tratamos de deixar claro que gostaríamos que fosse algo espontâneo e que não era nada muito complicado, pelo contrário, que seria uma conversa simples, pois nós queríamos saber um pouco mais sobre eles e sobre sua relação com a cultura paraguaia. Demos uma semana para decidirem. Voltamos no outro sábado. Nesse dia a professora nos passou seus contatos para combinarmos quando e de que forma seriam as entrevistas.

No dia 28 de março de 2015, no período da manhã, coletei os depoimentos de: M.A.J.M, (doravante, D3), brasileira, 68 anos, aluna de guarani; P.T.Z.P, (doravante, D4), brasileira descendente de pais paraguaios, 80 anos, aluna de guarani; H.F.V (doravante D5), brasileiro, neto de paraguaio, 62 anos, aluno de guarani; e I.M.L (doravante D7) paraguaia, 38 anos, professora de guarani.

De modo geral, percebemos que os alunos estão frequentando as aulas há mais de três anos e têm muita vontade de aprender a língua, apesar de a acharem muito difícil. Afirmam também que a professora I.M.L (D7) é muito dinâmica e dedicada e não ensina apenas a língua guarani, mas outros aspectos da cultura paraguaia, como a culinária. As motivações para persistirem no curso são: para entender a letra da música paraguaia; para conversar com os amigos; para ajudar nas missas da vila; porque acham a língua bonita.

No dia 07 de novembro de 2015 entrevistamos R.J.Z.C (doravante D6), paraguaio, 54 anos, que atua como presidente da colônia. Ele já sabia da pesquisa desde seu início, pois já tínhamos nos encontrado outras vezes na Colônia, porém, sempre viajava a trabalho para outras cidades do estado de Mato Grosso do Sul e para o Paraguai. Marcamos o encontro por meio de uma rede social e a coleta do depoimento foi tranquila. D6 demonstrou conhecer muito sobre a história e a formação étnica e cultural de seu país, o Paraguai.

Para o procedimento de análise, nos apoiaremos, principalmente, no conceito de Formação Discursiva para organizar os trechos recortados das narrativas em temas. Para Brandão, (1994, p.90), formação discursiva é um “conjunto de enunciados marcados pelas mesmas 'regras de formação' e se define pela sua relação com a formação ideológica. A formação discursiva determina "o que pode e deve ser dito" a partir de um lugar social historicamente determinado”. A partir disso iremos delinear as formações discursivas, que na sua relação histórica com a memória, constituem os sentidos.

3.1 Poder político e função social legitimadores da instituição Colônia Paraguaia

Neste item, encontramos nos trechos selecionados, questões como a legitimação da instituição Colônia Paraguaia por meio do poder político que atua na representação simbólica da entidade junto à sociedade. Também veremos como os discursos legitimadores se pautam pela razão de ser ou finalidade da instituição, ou seja, sua função social como agente transmissor da cultura paraguaia, principalmente aos descendentes de paraguaios.

A constituição do espaço material e concreto da Colônia Paraguaia permitiu a construção de sua representatividade simbólica em Campo Grande. Essa construção deve ser pensada dentro das relações de poder, a partir das quais a instituição, assumindo a imagem de um país, o Paraguai, reivindica um espaço de representação, visibilidade e reconhecimento (JARA, 2012, p.17) em outro país. Isso é possível no espaço da Colônia, pois “(...) as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora sabendo (...) sempre, que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma ‘falta’, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do Outro” (HALL, 2006, p.112). Procuraremos ressaltar os recortes de D1 que falam a respeito dos objetivos da Colônia:

D1R1 alguns paraguaios que vivem no país vizinho... nosso país vizinho... o Paraguai.. éh.. (inventaram) a associação Brasil/Paraguai que tinha por objetivo a... a tradição paraguaia.

D1R9 a gente pretende avançar né... na construção desse espaço... tudo... você sabe né? Aqui é um espaço... esta instituição representa um país... o Paraguai... então aqui tudo em benefício do associado...

D1R10 fizemos um DVD de diretores e conselheiros passando desde... aí fala de toda a fundação da associação colônia paraguaia... né? associação Brasil cultural... casa paraguaia... instituição colônia paraguaia

Os recortes D1R1 e D1R9 tratam dos objetivos da Colônia Paraguaia, em um discurso que pode ser considerado como aquele que, em tom ufanista, procura fomentar a *tradição* e *avançar* na construção do espaço que *representa um país*. Ao narrar o espaço da colônia na representação que o constitui, esse descendente de paraguaio, falando do *lugar que ocupa em relação ao seu interlocutor*, não só se

coloca como um representante do país, como mostra também a relevância desse “lugar do Paraguai” no Brasil. No trecho D1R10 *fizemos um DVD de diretores e conselheiros* o enunciador utiliza figuras de legitimação histórica, descrevendo ações e fatos que documentam o percurso de afirmação da instituição.

Os recortes a seguir representam uma Formação Discursiva (FD) ligada ao campo político:

D1R2 *isso em mil novecentos e oitenta e nove por aí que nós retomamos a (associação) colônia paraguaia.*

D1R5 *uma demanda de vinte e três anos, (na qual) participou também o nosso ex-prefeito A. B , tá?*

No recorte D1R2, *isso em mil novecentos e oitenta e nove por aí que nós retomamos a (associação) colônia paraguaia*, D1 remete à perseguição feita à instituição durante o Regime Militar, por isso a retomada se deu somente em 1989. No trecho D1R5 *uma demanda de vinte e três anos, (na qual) participou também o nosso ex-prefeito A. B., tá?* É reforçado o tema da luta, salientado a participação de uma figura política renomada no município, a fim de se referir à retomada das atividades da Colônia Paraguaia.

Em uma relação interdiscursiva, esse discurso possibilita a construção de sentido de que falando para uma interlocutora pesquisadora brasileira interessada na sua cultura, esse paraguaio mostra que não é só a tradição que é importante. É preciso avançar na organização de um lugar, no Brasil, que vá além, avance e beneficie o seu associado, um espaço que o acolha, que possa expressar a identidade de seu país, o Paraguai.

D1R7 *nós temos o nosso sonho de... éh, de construirmos éh... concluímos, todinha a:::, ampliarmos e concluímos o espaço da colônia paraguaia né? Nos moldes das ruínas jesuíticas tá?*

D1R6 *a partir daí o governador Z. do PT... ele esteve aqui neste local para assistir o jogo do Brasil e Paraguai... foi quando ele disse... ele era candidato a governador... caso ele ganhasse para o governo, ele iria concluir essa obra aqui... então... hoje o que nós vemos aqui devemos muito ao governo... governador Z. do PT que concluiu toda essa obra aqui até esse momento...*

Nos exemplos D1R6 e D1R7, considerando o discurso do lugar que ocupa a sua interlocutora e do discurso que investiga, a situação enunciativa dá aos enunciados algumas possibilidades de efeitos de sentido. No enunciado D1R7, por exemplo, o enunciador ressalta a questão da cultura quando expressa seu desejo de avançar e construir/reproduzir, na Colônia, as *ruínas jesuíticas*. O tom empolgado é reforçado pelos marcadores discursivos (*né?, tá?*) que visam prender a atenção do enunciatário e levá-lo a concordar com o empreendimento ambicioso. Isso porque as ruínas jesuíticas são consideradas um “tesouro paraguaio”, sendo parte do resultado de reduções das construções jesuíticas na América do Sul — mais especificamente Argentina, Brasil e Paraguai — com um valor histórico. Então, construir a instituição como uma *colônia jesuítica* gera um efeito de sentido de uma monumentalização da identidade nacional.

Outro efeito de sentido possível está relacionado ao fato de que as Missões Jesuíticas, criadas nos séculos XVII e XVIII com a finalidade de evangelizar os indígenas, eram centros importantes constituídos de hospitais, escolas, casas para se morar, alimentação entre outros aspectos e, para o enunciador, é um sonho ver a Colônia Paraguaia ter uma estrutura desse porte para beneficiar o associado.

No exemplo D1R6, temos uma relação interdiscursiva que possibilita a construção de sentido das relações dos associados da Colônia com o poder público em uma demonstração de influência política. Além disso, ao relatar que o candidato, durante a campanha, fez a promessa de ajudar na conclusão da obra da Colônia e a confirmação de que o fez, depois de eleito, o enunciador, em seu discurso, traz um exemplo de político que, no dizer dele, cumpre o que promete. Outra possibilidade de efeito de sentido é que este enunciador quer demonstrar gratidão ao político que os ajudou a realizar um sonho e/ou, no “não-dito que diz”, evidenciar para a pesquisadora a sua preferência partidária.

O próximo exemplo ilustra as relações políticas da Colônia Paraguaia.

D1R8 com a entidade pública estadual nós vamos conseguir verbas... através do deputado... da emenda parlamentar do deputado Cabo Almí que vai ajudar... com o governador Z. do PT que também... deputado federal... que vai nos ajudar também... disse nas reuniões... então nós vencemos uma batalha... que era justamente... éh... nós fechamos o ano de dois mil e catorze... regularizando...

O recorte D1R6 se inter-relaciona com o D1R8, quando mais uma vez, D1 relata que a Colônia conta com apoio de políticos para pleitear verbas para manter suas atividades e espaço. No trecho “vencemos uma batalha”, significa que é preciso enfrentar muitos problemas para conseguir regularizar os documentos para ter a condição de entidade pública estadual e conseguir verbas no setor do governo estadual. O lexema “batalha”, reiterado, indica a precariedade e o desafio de manter a instituição progredindo, como se fosse uma disputa bélica.

A partir dos recortes analisados tivemos exemplos do aspecto político que é recorrente na narrativa de D1. Essa relação da instituição Colônia Paraguaia com o poder político se dá desde sua criação e se mantém até os dias atuais, pois é por meio de sua representatividade perante o Estado que ela se constitui em uma instituição oficial e, a partir disso, pode conseguir verbas para manter-se em funcionamento e poder desenvolver e até mesmo concluir projetos.



Figura 1 Grupo de danças folclóricas da Colônia Paraguaia em apresentação na Assembleia Legislativa de MS.

Nos recortes a seguir, temos alguns objetivos da instituição Colônia Paraguaia. Os discursos que mais se repetem são sobre manter e divulgar/transmitir as tradições do Paraguai, a cultura paraguaia.

(D6R49) com certeza é a divulgação da cultura paraguaia... do guarani... das tradições né... do Paraguai... mas assim... hoje eu vejo né... que a própria cultura sul-mato-grossense tem tudo a ver com a cultura paraguaia... vamos dizer assim... que a cultura sul-mato-grossense ela é uma soma né... da cultura paraguaia... da cultura gaúcha né... da cultura nordestina... é nossa cultura né... porque como estado o Mato Grosso do Sul é um estado muito jovem né... muito novo né... tem trinta e poucos anos... então acredito que ela está criando a sua identidade... formando sua identidade e com certeza né... a cultura paraguaia faz parte... a cultura paraguaia ela tem uma influência muito grande... e com certeza nossa cultura sul-mato-grossense é essa soma aí que eu falei né

D6R56 na nossa região... nosso estado né... nós somos parte desse... dessa política ali né... que somos Ponto de Cultura... divulgamos nossa cultura né... e com isso com certeza a gente cria... ajuda a criar nossa identidade... nossa identidade cultural como sul-mato-grossenses

D6 afirma que a cultura sul-mato-grossense é muito jovem, *muito novo né... tem trinta e poucos anos... então acredito que ela está criando a sua identidade... formando sua identidade e com certeza né... a cultura paraguaia faz parte... e é composta de outras culturas mais antigas, como a paraguaia. D6 descreve a cultura sul-mato-grossense ela é uma soma né... da cultura paraguaia... da cultura gaúcha né... da cultura nordestina...*, nesse trecho D6 demonstra a transculturalidade como condição identitária do estado, a sua hibridização com a cultura paraguaia e outras. No exemplo D6R56 o sujeito salienta sobre o fator político na instituição Colônia Paraguaia, ao destacar o projeto Ponto de Cultura como preponderante na criação da identidade do sul-mato-grossense com o ato de promover e divulgar a cultura paraguaia no estado.

Nos próximos recortes D4 e D7 falam da função social da Colônia.

D4R67 a Colônia Paraguaia é um ponto de referência pra todos os paraguaios que vem aqui na cidade né... que tem uma referência de onde participar... pra rever sua cultura que deixou pra trás... isso aqui tudo pra gente ouvir... dançar... participar... comer... dançar... tocar... que aqui tem as aulas de música né... e o importante é que é tudo gratuitamente né... é harpa... é violão... é um... é um centro cultural muito gratificante pra todos nós... os paraguaios... e nós descendentes né ...

D7R66 onde tem os amigos né... Colônia Paraguaia... éh:::... além de fazer isso... você vem... encontra outros paraguaio... conhecidos... e quando encontra alguém que é desconhecido e falando guarani ou castelhano... vem e conversa com você... aí relembra um pouquinho né lá do Paraguai... um pouquinho aqui... a memória... eu acho importante por isso... mas éh:::... os paraguaios... tem vários paraguaios aqui em Campo Grande... eu falo assim... ajuda um pouco a conservar e difundir um pouco também

D4 destaca a função da Colônia Paraguaia em servir como um espaço que é *referência para todos os paraguaios*, onde podem participar das danças, degustar as comidas típicas e tocar, tudo gratuitamente. D7 afirma que a Colônia é um lugar em que o sujeito paraguaio pode encontrar outros paraguaios e, dessa forma, pode falar as línguas usadas em seu país, o guarani e o espanhol (castelhano), lembrando-se do Paraguai e seus costumes, o que serve para a manutenção da memória e também para *conservar e difundir* a cultura paraguaia.

D2R82 o nosso objetivo mesmo hoje... nós que estamos aqui na diretoria... é isso... trazer ao máximo os paraguaios e os seus descendentes... e o que a gente tem feito pra poder atingir isso... está também outros meios... formas...pra que a gente possa atraí-los através de sua própria cultura... é oferecendo cursos... através desses cursos que o Ponto de Cultura conseguiu tem alguns anos já...

D2R90 a gente quer cada vez mais poder... éh:::... estar juntos com o verdadeiro povo paraguaio... os paraguaios e seus descendentes... pra gente poder também estar passando isso pros nossos alunos... que não são paraguaios né... que sentem como paraguaios já... tem o coração que pulsa como o paraguaio né... os nossos alunos que dançam... no que fazem... se vestem de paraguaios... a gente se sente realmente paraguaios... a nossa vontade é estar junto com eles... e poder representar com mais fidelidade o que a gente tá fazendo...

D2 primeiro destaca o papel social da instituição Colônia Paraguaia, que é atrair os paraguaios e seus descendentes, usando como atrativo a cultura paraguaia, que seria *sua própria cultura*. No segundo trecho temos a seguinte situação: o ser paraguaio X parecer paraguaio; a assimilação da identidade pelo contato cultural com o outro. Podemos observar nos recortes marcas passionais de assimilação da identidade pelo enunciador: *sentir como, coração que pulsa como, fico encantada, me emociona*.

Nos trechos analisados das narrativas podemos constatar que os frequentadores da Colônia Paraguaia a compreendem como um espaço onde se mantém a cultura paraguaia, já híbrida, e que funciona como um meio para os paraguaios e descendentes se encontrarem e celebrarem seus costumes, fato que ajuda na constituição da identidade sul-mato-grossense.

3.2 Reivindicação da identidade: seu reconhecimento pela memória

Veremos nos recortes a seguir como a memória atua juntamente com um sentimento de reivindicação da identidade. Interessa-nos como o sujeito concebe as representações de si e afirma sua identidade paraguaia. Nesse sentido, a memória é essencial na construção de referências simbólicas coletivas situadas no passado, fato que dá impressão aos indivíduos de estarem ligados entre si por uma mesma origem, trajetória, e destinos comuns. Ela faz uma seleção das recordações para atender às necessidades específicas de uma dada situação. Para Vassallo, (2011, p.335) “(...) esses elementos são ressignificados, ou seja, adquirem um novo sentido, à luz das novas intenções, interesses e emoções” dos sujeitos.

A memória está diretamente ligada ao processo de construção da identidade e da representação, processo que se dá na interação do sujeito com o seu outro. Ao mobilizá-la, eles podem ajustar suas identidades a seu modo, a fim de atender a seus planos futuros. Por isso,

Os grupos que se consideram minoritários e discriminados acionam suas próprias histórias, paralelas às histórias oficiais, pois entendem que a compreensão do passado é um passo decisivo rumo à afirmação positiva da identidade do presente. Com isso, constroem suas memórias e elaboram seus projetos para o futuro. (VASSALLO, 2011, p. 336)

Nos recortes a seguir veremos como os sujeitos utilizam sua memória na construção de sua identidade. A seguir temos os recortes da narrativa de S.C. (D1) para análise.

D1R3 aonde eu, na época, filho de um ex-combatente da guerra do Chaco, meu pai Maurício Cantero... éh...

D1R4 pedi a palavra porque eu sou filho de um ex-diretor da colônia paraguaia... da casa paraguaia... meu pai foi diretor aqui e...

D1R23 éh:: eu queria apenas dizer... acho importante... falar da minha pessoa... eu sou filho de paraguaio... sou filho de um cidadão... éh:: para o Paraguai... meu pai... ex combatente da guerra do Chaco... uma guerra que teve entre o Paraguai e a Bolívia... meu pai... um ex combatente que veio para... para o BraSIL... onde hoje é Rio Brillhante... chegou a Campo Grande... como TANTos outros paraguaios que vieram né? na época da ditadura no Paraguai... que vieram... que eram do partido liberal... que vieram pra Campo Grande...

Nos recortes D1R3, D1R4 e D1R23, o discurso do enunciador tem o efeito de sentido de reivindicação e reconhecimento da identidade do pai paraguaio, ex-combatente que lutou na guerra do Chaco. Depois veio para o Brasil e atuou como um dos diretores da Colônia Paraguaia, na época denominada Casa Paraguaia. Para o enunciador, é de suma importância evidenciar a figura de seu pai como um sujeito valente e de valor. Pelo seu papel social de filho desse ilustre paraguaio, o enunciador sente-se autorizado a pedir a palavra. Nessa direção, Fiorin e Savioli (2001) afirmam:

Como comunicar é agir sobre o outro, quando se comunica não se visa somente a que o receptor receba e compreenda a mensagem, mas também a que a aceite, ou seja, a que creia nela e faça o que nela se propõe. Comunicar não é, pois, somente um fazer saber, mas também um fazer crer e um fazer fazer. (...) A persuasão é então o ato de levar o outro a aceitar o que está sendo dito, pois só quando ele o fizer a comunicação será eficaz. (FIORIN E SAVIOLI, 2001, p. 284)

Para que a comunicação se dê de maneira efetiva faz-se necessário usar argumentos convincentes. Esses argumentos estão situados no proceder linguístico-discursivo, que buscam convencer o receptor, fazer com que ele aceite a informação, acredite na mensagem e se mobilize. Fiorin e Savioli (2001, p.285) denominam o recurso argumentativo utilizado por D1, de Argumento de Autoridade, que,

É a citação de autores renomados, autoridades num certo domínio do saber, numa área da atividade humana, para corroborar uma tese, um ponto de vista. O uso de citações, de um lado, cria a imagem de que o falante conhece bem o assunto que está discutindo, porque já leu o que sobre ele pensaram outros autores; de outro, torna os autores citados fiadores da veracidade de um dado ponto de vista. (FIORIN E SAVIOLI, 2001, p. 285)

Portanto, quando D1 usa figuras como *filho de paraguaio, pai ex-combatente da Guerra do Chaco*, que definem o sujeito que tem autoridade para falar em nome da cultura paraguaia, ele adota o recurso denominado “argumento de autoridade”, que retoma a figura do pai paraguaio, veterano de guerra.

Para Hall (2012, p. 110), “(...) as unidades que as identidades proclamam são, na verdade, construídas no interior do jogo do poder e da exclusão (...)”. É

importante perceber a vontade do enunciador de marcar seu espaço nas relações de poder, ao falar de si e do povo paraguaio como um sujeito autorizado, como filho de paraguaio.

O enunciador exige o reconhecimento de sua posição de descendente de um paraguaio importante que lutou pelo seu país, o Paraguai, mas que apesar de ter lutado como um bravo combatente, teve que deixar seu país devido ao período de governo de Stroessner. Em seu discurso, prevalece o orgulho de seu pai paraguaio, que tem autoridade para falar de uma posição de paraguaio ex-combatente.

No trecho D1R23 a repetição é um recurso linguístico de que o enunciador lança mão em seu depoimento. Marcuschi (2002, p. 105) constata que a repetição além de ser uma característica da fala, também funciona na formulação textual, principalmente na oralidade. Para o autor, ela “contribui para a organização discursiva e a monitoração da coerência textual; favorece a coesão e a geração de sequências mais compreensíveis; dá continuidade à organização tópica e auxilia nas atividades interativas”. Podemos observar o uso de repetições das seguintes estruturas sintagmáticas⁵: (...) *sou filho* (...), (...) *meu pai... ex combatente* (...) e (...) *que vieram* (...). Trata-se, assim, da construção de um efeito de sentido de reivindicação de uma identidade paraguaia por meio da memória do pai, o que ocorre, por exemplo, com a repetição dos verbos *ser*, *combater* e *vir* que desempenham o papel na intensificação/esclarecimento e de argumentatividade/reafirmção. O enunciador usa da repetição para esclarecer e reafirmar sua origem e identidade paraguaias.

Em seguida, D1 fala a respeito da figura do pai.

D1R27 eu tomo pelo meu pai... ele veio aqui e formou toda sua vida aqui... fez sua vida aqui em Campo Grande... então hoje passa para uma segunda geração... que sou eu... né? que fiz questão de abraçar essa causa... de abraçar a colônia paraguaia... não deixar morrer... a memória...

O pai do enunciador é tido pelo filho como um cidadão paraguaio exemplar, que veio ao Brasil, formou sua vida e constituiu família e, além disso, trabalhou com

⁵ As R sintagmáticas ou R de construções são aquelas que reproduzem constituintes oracionais dos mais diversos tipos” (MARCUSCHI, 2002, p.113).

a cultura paraguaia e passou, para o filho, essa missão de continuar seu trabalho com a cultura paraguaia e *não deixar morrer* a memória do povo paraguaio na cidade de Campo Grande.

D1R11 outro fato interessante há dois anos atrás... nós...éh... através do deputado C. A. ... nos presenteou... porque todo dia catorze de maio através de uma lei que o deputado A. instituiu catorze de maio como o dia do povo paraguaio...

O reconhecimento perante o Estado com a instituição da lei⁶ é tido como um presente para o povo paraguaio e para a demarcação de seu espaço com a afirmação de sua identidade. As datas, como ancoragem discursiva, reforçam o efeito de legitimação do discurso.



Figura 2 Comemoração do Dia do Povo Paraguaio, com homenagens a descendentes paraguaios radicados em Campo Grande.

⁶ Em 2001, foi instituído no Mato Grosso do Sul, por meio da Lei Estadual nº 2.235, o Dia do Povo Paraguaio, comemorado em 14 de maio, que também é o dia da independência do Paraguai.

D1R26 então o paraguaio aqui DENtro de Campo Grande... Mato Grosso do Sul... é importante porque ele... ele... essas mão de obra... tá? Era o paraguaio que realmente se tornou... se tornou pungente esse município... graça também ao povo paraguaio... tá?

No recorte D1R26, especifica o lugar com o uso do dêitico “aqui” e ao enfatizar a palavra “DENtro” de Campo Grande... Mato Grosso do Sul..” o enunciador demonstra-se muito certo e ciente da importância da mão de obra dos paraguaios na construção da cidade de Campo Grande.

Outro fato interessante é o emprego da palavra *pungente* que, segundo o dicionário *Houaiss*, significa doloroso, que comove, que atormenta, para qualificar a cidade de Campo Grande. Talvez seu intuito fosse utilizar o adjetivo “pujante”, que significa poderoso, próspero. As duas palavras – pungente, pujante – pouco utilizadas nas situações cotidianas de fala, reforçam o efeito retórico de solenidade imposto ao discurso, ainda que os significados sejam diversos.

Na AD, o sujeito é tido como descentrado e que opera pela ideologia e pelo inconsciente, o que, segundo Pêcheux (2010) gera um sujeito cindido, clivado e descentrado, dessa forma, não sendo fonte do seu dizer. Na vontade de ver o Paraguai em uma situação melhor, o sujeito enuncia, por meio de um processo do inconsciente, sua vontade suprimida de ver o país de seu pai, que sofre até os dias atuais a consequência de guerras, ditaduras e espoliação econômica, transformado em um país pujante, próspero. O oposto, portanto, de uma imagem “pungente”, dolorosa, que permanece implícita. Tanto que quando quer se referir ao sujeito paraguaio responsável pela pujança da cidade de Campo Grande, troca-o, metonimicamente, pelo nome do país no trecho (...) *era o Paraguai que realmente se tornou... se tornou pungente esse município*. O inconsciente trai o pensamento do enunciador e se manifesta como uma interferência na fala, ou seja, é um modo de o inconsciente de fazerem presentes elementos que o discurso deveria ocultar. Orlandi (2012, p. 219) afirma que “não se pode ser indiferente às palavras, assim como as palavras não são indiferentes ao que significam”.

No próximo recorte, D1 fala dos profissionais paraguaios que vieram para Campo Grande.

D1R24 e chegaram até esta capital... tá? E aqui MUltos eram bons... o meu pai era muito bom na área... na área que éh::: na área de couros... meu montou um... chama talabaqueria... é uma selaria... onde éh::: fez com que nesse local fosse um ponto de referência para que os paraguaios que vinham e não tinham colocação... emprego... fugido do país vizinho... o Paraguai ... então MUltos procuravam meu pai pra quê... pra um emprego... e assim foi feito tá?...

O enunciador nos apresenta um pai muito competente no trabalho com couro e, além disso, como alguém que ainda ajudava vários paraguaios. Nesse ponto do enunciado, há a possibilidade de alguns efeitos de sentido. O primeiro deles está na evidência discursiva de que o pai era bom, então os paraguaios são bons, em um contraponto com o discurso da fronteira que desqualificava os paraguaios, pois segundo ANDRADE e PEREIRA (2009, p. 3) “(...) nem sempre as relações entre os migrantes e os residentes no Brasil foram serenas, (...) havia um sentimento de repulsa que aos poucos foi se amenizando por meio das trocas culturais, e das intensas relações entre brasileiros e paraguaios.” É possível compreender que o sentimento de solidariedade é uma marca da identidade paraguaia.

Outro efeito de sentido possível é o fato de que o Paraguai é um povo trabalhador e qualificado — que muito ajudou os brasileiros campo-grandenses — desenvolvendo atividades específicas no comércio local.

D1R25 eu só queria registrar isso aí porque essa passagi fez com que muitos descendentes... hoje... os paraguaios daqui... famílias tradicionais paraguaias... são pessoas que vieram... que vieram éh::: e se deram muito bem na área de paisagismo... como a família Chaparro... tem a família por exemplo... a família dos Quevedos na parte de paisagismo... jardinagem... éh::: excelentes éh::: cerqueiros que fazem cerca em fazendas... o paraguai é muito bom né? então... na parte de serralheria... marcenaria ...

Em uma relação intradiscursiva com o recorte D1R24, no recorte D1R25 há, por parte do enunciador um reforço discursivo sobre as qualidades, a identidade do povo paraguaio quando afirma perguntando: *o paraguai é muito bom né?* É uma representação de que esses sujeitos são muito competentes no que fazem; quer registrar a memória dos paraguaios de forma bastante positiva. Faz uso da chamada economia linguística, quando emprega “paraguai” para o sujeito paraguaio. Neste

caso falar “paraguaio” seria de difícil pronúncia e parece ser desnecessário para o momento da enunciação.

D1R30 mas eu queria fazer... fazia questão de registrar...a passagem né? desses paraguaios valentes que vieram e se tornaram meCÂNico... torNEIro... serraLHEiro... marceNEiro... tá? seLEiros... então tudo fez com que.. por isso hoje...a população do estado de Mato Grosso do Sul e Campo Grande principalmente... muitos vieram pra Campo Grande... fugidos da ditadura no Paraguai... porque era do partido liberal... lá o partido liberal... do Strossner... né? então... muitos vieram pra cá...

Esses trechos correspondem à afirmação da identidade paraguaia e tudo que isso possa significar, uma vez que a posição-sujeito de descendente paraguaio procura, por meio da ênfase nos aspectos positivos das seleções de suas memórias, marcar seu espaço e, sobretudo, romper com os sentidos negativos que os paraguaios sofreram ao chegar ao Brasil.

Outro aspecto é a entonação que o enunciador usa ao falar das profissões (...) *meCÂNico... torNEIro... serraLHEiro... marceNEiro... (...)* e (...) *seLEiros... (...)*. Com isso ele produz um efeito de sentido de importância desses trabalhadores paraguaios na construção de Campo Grande, sobretudo, em profissões de baixa remuneração e de caráter braçal, enfatizadas no sufixo “eiro”, reforçando as profissões “típicas” dos imigrantes paraguaios. O discurso de D1 busca romper com a memória discursiva do imigrante paraguaio que sofreu com a invisibilidade, observada na falta de documentos específicos, e com o preconceito.

Por meio da AD, podemos inferir esses dados históricos, percebendo os efeitos de sentido que se dão em determinadas condições de produção, no caso, ao contexto da imigração paraguaia. Nesse caso, a imagem que os sujeitos têm de si mesmos, do seu cotidiano e do espaço e atuação na Colônia, com certeza, é narrada de maneira diferente para esta interlocutora do que o seria para um outro descendente de paraguaio e/ou paraguaio, a começar pelos objetivos da interlocutora, sua profissão, seu nível de familiaridade com o locutor e de conhecimento. Haja vista o destaque dado ao pai, bem como a referência que faz ao perfil das pessoas que frequentam a Colônia. Os descendentes também fazem parte do grupo que vão à Colônia, porém, são os admiradores e pessoas que não têm vínculo com a colônia, que a procuram predominantemente:

D1R12- o perfil das pessoas que frequentam a colônia paraguaia são pessoas... são descendentes... são admiradoras... pessoas que não têm vínculo nenhum com a colônia paraguaia...

Nesse recorte do discurso, ocorre a repetição do verbo de ligação *ser*, que possibilita a construção de sentido de que o enunciador repete o item lexical para introduzir novas informações sobre as pessoas que frequentam a Colônia Paraguaia e, especialmente, para explicitar a importância da valorização da cultura e da identidade paraguaia, que é procurada também por admiradores e pessoas que não são do país.

D1 seleciona as memórias positivas e valorativas para enaltecer os paraguaios imigrantes ao reconhecê-los como profissionais que ajudaram a construir a cidade de Campo Grande. O sujeito deseja um reconhecimento oficial perante o estado e, para isso, usa a figura do pai como argumento de autoridade, a fim de embasar seu anseio pelo reconhecimento da contribuição desses imigrantes.

A narrativa analisada traz importantes reflexões sobre a função da memória na construção da identidade paraguaia e, além disso, reivindica um espaço de representação dessa cultura entre os brasileiros campo-grandenses. O sujeito sente-se autorizado, como descendente de paraguaio, a reivindicar esse espaço e a falar do povo paraguaio em busca do reconhecimento de sua importância, tanto na construção de Campo Grande, quanto na constituição da população da cidade, pois grande parte é constituída por descendentes paraguaios. Esse sujeito recebeu a *missão* de seu pai para continuar o trabalho com a cultura e *não deixar morrer... a memória...* desses paraguaios. Verificamos que, apesar de o sujeito se sentir autorizado a falar pelo povo paraguaio, ele é um narrador descentrado, portanto, não pode falar a partir da sua experiência.

3.3 A noção de “cultura paraguaia” e seus elementos convencionais

Neste tópico, serão analisados os discursos constituintes da formação discursiva sobre a cultura paraguaia. É importante esclarecer que não pretendemos definir o que é a cultura paraguaia, mas, sim analisar o que está no imaginário e na memória discursiva dos sujeitos frequentadores da Colônia Paraguaia. Interessa-

nos, sobretudo, compreender como os elementos tidos como tradicionais vinculam-se a memórias discursivas, operando na constituição e na afirmação da identidade paraguaia. Também não afirmamos que esses elementos culturais presentes nos discursos de alguns sujeitos, representem todos os paraguaios. Porém, para tornar possível esta pesquisa, consideraremos os elementos culturais citados nas narrativas.

Para Mondardo (2013), o estado de Mato Grosso do Sul se formou por meio de redes transfronteiriças culturais, políticas e econômicas, o que, devido à sua localização, gerou uma relação muito próxima e dependente do Paraguai. Afirma ainda:

Essas redes que ligavam o estado ao país vizinho transformaram a fronteira, além de espaço de trocas comerciais, num "território" de trânsito de pessoas, de intercâmbio e mesclas culturais. Nas inúmeras redes construídas foram sendo incorporadas línguas, etnias, costumes, culinária, representações e visões de mundo ao "território". Esses elementos materiais e simbólicos foram elaborando uma "identidade híbrida", uma mistura transfronteiriça, para além das fronteiras e dos territórios nacionais entre Brasil e Paraguai. (MONDARDO, 2013, p. 83)

Nas análises dos recortes a seguir, teremos os elementos culturais que o enunciador destaca como constituintes da cultura paraguaia. É pelo uso da língua, além das relações com outros sujeitos e culturas, que o homem se constitui em sujeito (PINTO, 2005, p. 267). Ainda segundo a autora,

“Todo falante de uma língua, ao se expressar, oralmente e/ou por escrito, possibilita ao seu interlocutor, depreender de seu discurso não só o assunto que deseja colocar em discussão, mas também outros aspectos que revelam a região de que se origina, o grupo social a que pertence, seus falares e costumes, sua identidade, sua cultura, sua história” (PINTO, 2005, p. 267-268)

Diante disso, procuramos identificar os elementos culturais, que segundo o discurso do enunciador, são representativos da cultura paraguaia. Veremos de que forma eles estão articulados, associados na construção das identidades dos indivíduos do grupo social da Colônia Paraguaia de Campo Grande.

Para proceder à análise sobre a cultura paraguaia e seus elementos representativos, lançaremos mão de categorias que Fiorin e Savioli (2001) utilizam

para analisar dois tipos de discurso: os “predominantemente concretos” e os “predominantemente abstratos”. Os concretos são figurativos e os abstratos são temáticos. Explicam ainda que,

Cada um dos tipos tem uma função distinta. Os textos figurativos produzem efeito de realidade e, por isso, representam o mundo, criam uma imagem do mundo, com seus seres, seus acontecimentos e etc.; os temáticos explicam as coisas do mundo, ordenam-nas, classificam-nas, interpretam-nas, estabelecem relações e dependências entre elas, fazem comentários sobre suas propriedades. Os primeiros têm uma função representativa; os segundos, uma função interpretativa. (FIORIN e SAVIOLI, 2001, p. 89)

Utilizaremos as categorias de texto temático para analisarmos o que os sujeitos entendem por cultura paraguaia, empregando léxico abstrato. Para tratarmos dos elementos concretos tidos como representativos da cultura paraguaia, usaremos a categoria de texto figurativo. Contudo, lembramos que os textos predominantemente temáticos possuem também figuração esparsa, assim como as figuras recobrem temas abstratos em um texto. Nos depoimentos, notamos que são textos predominantemente temáticos, mas com ocorrência do figurativo:

D644 hoje a gente vê que é incorporada pelo próprio sul-mato-grossense... pelo campo-grandense né... ele adquiriu esses costumes né.. você vê o campo-grandense tomando o tererê como o paraguaio... essa cultura paraguaia que contribuiu para formar a cultura sul- mato-grossense...

D6R46 veja bem... a cultura paraguaia... éh::: eu diria que está muito ligada à cultura da erva mate... aonde se tem a erva mate né... se tem cultura guarani né... porque se a gente for realmente analisar... essa cultura toda nossa veio do... da cultura guarani né...

Ao afirmar que a cultura da erva mate veio do índio guarani, D6 demonstra conhecer a história da formação do povo paraguaio. Antes da colonização espanhola, a população do Paraguai era composta de indígenas guarani. E no trecho *a cultura paraguaia... éh::: eu diria que está muito ligada à cultura da erva mate... aonde se tem a erva mate né... se tem cultura guarani né...* podemos inferir no “não-dito” que onde chegou a erva mate, há descendentes de indígenas guarani, matriz do povo paraguaio. Logo, a cultura paraguaia é vista como cultura guarani.

D6R48 na grande província do Paraguai era muito importante a erva mate... cultura da erva mate... a comercialização... e era a base da economia da... da... da... desses povos ali... junto da pecuária... né... então era base da economia ... quando se formou o Paraguai... na época da independência... foi mais forte procriar nossos costumes ali né... então... hoje... vamos dizer assim... que a cultura paraguaia... ela... ela... é uma cultura... é uma língua... nós temos o diferencial de termos uma língua indígena como língua oficial e é falado por grande parte da população paraguaia né...

Há um sentimento de reconhecimento da cultura indígena, no discurso de D6, ao se destacar o “diferencial” da cultura paraguaia em ter a língua guarani como idioma oficial.

Os dois recortes acima (D6R46, D6R48) fazem menção a um elemento simbólico - uma figura- muito significativa na cultura indígena guarani: a erva mate. Para D6, a cultura paraguaia está em todo lugar onde se encontra a erva mate, cujo manejo era dominado pelos índios guarani e que foi repassado aos paraguaios. Baller (2008, p.158) esclarece que:

A aptidão dos paraguaios nesse trabalho é o legado de sua própria descendência indígena guarani. Agregada a herança cultural que é transmitida entre os povos que há vários séculos se utilizavam da planta, como chá, remédio, e posteriormente como um modo "cevado" de mate/tereré.

D6 valoriza a questão de ter uma língua indígena como língua oficial no Paraguai. Fala da importância da erva mate na economia do país, destacando que a cultura indígena guarani faz parte da cultura paraguaia. Em sua visão, a cultura paraguaia já é resultado de um processo de forte hibridismo desde a época da colonização, quando os espanhóis começaram a ter filhos com indígenas. O tema da miscigenação é revestido pela figura da erva-mate, vista como elemento concreto agregador.

Em seguida, D3 destaca a dança e o ritmo da polca paraguaia como representativas da cultura paraguaia.

D3R31 dança... principalmente da polca paraguaia né? e da sopa paraguaia

D4R57 ela é muito gostosa... é muito bom participar... éh::: o convívio com as pessoas... traz amizade... alegria principalmente... então a cultura enobrece a pessoa né

D4 compreende o aprendizado cultural como algo positivo para a socialização. Em sua narrativa podemos perceber uma sequência: o *convívio* traz a *amizade*, que por sua vez gera a *alegria* e *enobrece* os sujeitos envolvidos.

D4R58 olha... na dança... eu amo a dança paraguaia... eu gosto muito da polca... do chamamé... é uma música alegre... enquanto a gente tá dançando essas músicas lindas... alegres... você se esquece que existe problema... a gente esquece éh:::... éh:::... esquece que existe doença... e qualquer coisa que nos aborrece lá fora né... e quanto a culinária... nossa... de vez em quando eu faço lá em casa ... os professores e (colegas) da Colônia Paraguaia... como o bori bori... a galinhada... como fala né... que é o bori bori... a sopa paraguaia né... o locro... que é uma sopa contundente...

D4R30 a gente frequenta aqui a Colônia por tradição... po:::r amizade... por amor mesmo... amor à raça

No trecho *olha... na dança... eu amo a dança paraguaia... eu gosto muito da polca... do chamamé... é uma música alegre... enquanto a gente tá dançando essas músicas lindas... alegres... você se esquece que existe problema... a gente esquece éh:::... éh:::... esquece que existe doença... e qualquer coisa que nos aborrece lá fora né...*, a dança e a música, associadas a uma memória discursiva associada à alegria, faz com que o sujeito esqueça os problemas e as doenças que surgem com a idade, já que o momento de alegria alivia.

Já no trecho *e quanto a culinária... nossa... de vez em quando eu faço lá em casa ... os professores e (colegas) da Colônia Paraguaia... como o bori bori... a galinhada... como fala né... que é o bori bori... a sopa paraguaia né... o locro... que é uma sopa contundente...*, as comidas típicas, feitas junto com a comunidade paraguaia, proporcionam um sentimento de coesão e pertença. A palavra “contundente”, segundo a versão dicionarizada (Dicionário *Priberam*), significa aquele que mostra decisão ou firmeza. Na narrativa de D4, a comida paraguaia ganha característica humana, mas, no contexto da narrativa, pode ser entendida como uma comida forte, que satisfaz. No trecho *a gente frequenta aqui a Colônia por*

tradição... po:::r amizade... por amor mesmo... amor à raça, o enunciador reforça sua identidade paraguaia.

No recorte a seguir, temos uma mistura de elementos figurativos e temáticos.

D2R91 então... éh:::... eu acho a cultura um negócio difícil de você definir né... como a cultura de um povo... mas essa essência né... esse vivenciar o dia a dia né... o tereré... a comida... né... a culinária em si... éh:::... a dança... a conversa em guarani e em castelhano né... eu fico encantada com tudo isso... pra mim isso é a verdadeira... a cultura paraguaia é isso... é esse vibrar... é esse sentir... é esse ser... entendeu? pra mim é isso...

D2 reconhece a dificuldade de se tratar de aspectos da cultura de um povo, porém destaca alguns elementos concretos e outros mais subjetivos. No trecho da narrativa, figuras como: *tereré, culinária, comida, conversa em guarani e dança*, concretizam o tema da cultura.

D5R73 mas falando da situação da... da... da... da cultura paraguaia... ela é boa... por exemplo a dança... e outras formas dentro das dança que eles apresentam... é diferente de todas essas... até da cultura brasileira que eu vejo.. então a cultura paraguaia ela é enraizada... arraizada... isso aí vem de longo tempo né... e não cai... sempre é apresentado em qualquer local de Campo Grande... eles são chamados... nos dias de reunião maior da cidade que tem aí né... é apresentado... e a gente nota que é uma cultura que tem um aprofundamento... de bastante sentimento... vamos dizer assim... eu vejo que eles fazem aquilo com bastante amor... por isso num acaba... ela melhora cada vez mais...

D5 afirma que a cultura paraguaia é boa por ser diferente das outras e da cultura brasileira. Quando trata da cultura brasileira como diferente da paraguaia deve estar se referindo à cultura brasileira que não é da fronteira, pois subentende-se que essa cultura de fronteira já é híbrida. No trecho *a cultura paraguaia ela é enraizada... arraizada... isso aí vem de longo tempo né... e não cai...* temos a figura da “raiz” cultural, procurando afirmar a cultura paraguaia como “*profunda*” e “*verdadeira*”, algo que não acaba.

No próximo recorte D7, que é professora de guarani, explica que em suas aulas não ensina apenas a língua, mas também a cultura paraguaia. Depois, destaca alguns elementos.

D7R63 o Paraguai é muito rico em costume de música... eu falo assim... a guarânia... a polca e a comida... então eu faço tudo isso pra eles ... não é só aula... não é só gramática... então pra trazer um pouquinho da minha cultura lá do Paraguai aqui pra Campo Grande.

D7R64 a roupa e a culinária... a música... a guarânia... esses identifica o paraguaio... quando você for falar assim... "paraguaia... música"... então eu falo assim... o pájaro campana é muito conhecida e são... quando ouve assim "ah... é Paraguai"... então a música identifica e a comida típica... que é a sopa paraguaia... o vori vori... locro... então quando fala assim... a comida sopa... as pessoas pensam que é sopa de caldo... mas num é sopa... é sopa de sopa paraguaia... também tem a chipa guaçu de milho verde...

Outro aspecto da cultura paraguaia que é citado nas narrativas de D2 e de D3 é a religiosidade e a devoção à Virgem de Caacupé. Resultante das missões jesuíticas e outras ordens da igreja católica, a população paraguaia, em sua maioria, professa uma forte religiosidade. A padroeira do país é a Virgem de Caacupé, que tem por data comemorativa o dia 8 de dezembro. As comemorações ocorrem no mesmo dia no Paraguai e no Brasil. No estado de Mato Grosso do Sul, essas festividades são realizadas em várias cidades.

D2R93 uma coisa tão forte... que me emociona muito é a religiosidade do povo paraguaio né... a fé em Nossa Senhora de Caacupé... que nós temos a gruta aqui né... que tem a imagem também dela... e que as pessoas vem... vem buscá... neste momento de fé né... e a gente tá envolvido nisso... nesse processo... nesse sentir... nessa vibração toda... isso pra mim é a cultura paraguaia...

Temos como uma possibilidade de leitura considerar essas manifestações religiosas como tentativa de construir uma identificação no espaço da Colônia que crie um efeito de sentido de pertença a esse lugar que não se localiza no Paraguai, porém tem um pouco dele. O trecho *uma coisa tão forte... que me emociona muito e e a gente tá envolvido nisso... nesse processo... nesse sentir... nessa vibração toda...*, demonstra o envolvimento afetivo do sujeito com a crença religiosa do meio cultural paraguaio onde vive.

D3 fala em quais eventos vai.

D3R39 de vez em quando eu venho em algumas festas... principalmente no dia de Nossa Senhora de... Caacupé... às vezes quando eu tenho tempo eu venho... tem missa... missa LINda... missa em TRÊS idiomas... língua

portuguesa... espanhol e guarani... lindíssima... lindíssima... na missa do final do ano... lindíssima...

Apesar de D3 não ser paraguaia nem descendente, ela é interpelada em sujeito pela língua guarani e pela religiosidade paraguaia.



Figura 3 Missa da Virgem de Caacupé, celebrada anualmente na Colônia Paraguaia.

Nos próximos exemplos, D3 e D4 falam da questão da distância para acesso à Colônia Paraguaia.

D3R40 pra mim a colônia é ótima que é perto da minha casa né? não preciso tomar ônibus... eu venho a pé né? então quando eu posso eu venho aqui...

D4R65 só que não é muito procurado porque o pessoal acha muita dificuldade de pegar ônibus pra vir aqui... essas coisa né... mas tem muita gente que quer fazer... mas não tem meios de vir... eu moro não muito perto não...

Nos recortes de D3 e D4, encontramos duas situações diferentes. Para D3, a Colônia Paraguaia é próxima à sua casa, ou seja, não há dificuldade para chegar até a instituição. Já D4 relata uma situação oposta, a da dificuldade que “o pessoal” encontra para pegar um meio de transporte para chegar até a Colônia. Evidenciando que “o pessoal” não mora perto, e, por isso, encontra dificuldade para ir à Colônia Paraguaia.

Quando os sujeitos falam da cultura paraguaia, alguns elementos figurativos são recorrentes: dança e música: *polca paraguaia, guarania, chamamé, quando se trata de culinária: sopa paraguaia, locro, vori-vori, chipa guaçu*, que são elementos concretos e produzem um efeito de sentido de realidade da cultura paraguaia no mundo. Há, por outro lado, outros aspectos relacionados à cultura paraguaia, como a emoção e a afetividade gerada por ela no sujeito. Os termos utilizados para se referir à cultura foram: *amizade, alegria, convívio, enobrece, aprofundamento, sentimento, amor, essência, vivenciar, vibrar, sentir e ser*, que expressam como o sujeito interpreta a cultura paraguaia e, ao mesmo tempo, é interpelado por ela.

3.4 Representações subjetivas dos frequentadores da Colônia Paraguaia: ufanismo, hibridismo e ocultamento

Neste item, pretendemos verificar qual é o perfil das pessoas que vão à Colônia Paraguaia. Interessa saber como elas se veem, se assumem (ou evitam) por meio de representações identitárias como ser paraguaio, descendente de paraguaio ou brasileiro sem ascendência paraguaia. Também iremos saber quais atividades os atrai para a instituição.

D6R50 pra eu te falar a verdade a grande maioria aqui são de brasileiros... com certeza que os brasileiros que vem tem alguma:::... tem alguma identidade... alguma... vamos dizer assim... alguma cultura paraguaia... mas a maioria são brasileiros... não são só descendentes né...

D6R52 hoje quem frequenta nossa entidade nesses eventos... Vamos dizer assim... é aquele pessoal ligado a nossa cultura sul-mato-grossense... agora... os associados né... que se associam aqui na entidade são paraguaios...

D2R81 hoje nós estamos assim... com mais brasileiros mesmo dentro da Colônia Paraguaia...

D2R86 então... hoje nós temos mais brasileiros mesmo né... mas eu penso assim... o sul-mato-grossense... ele tem sempre um pezinho no Paraguai... entendeu? a maioria... quase cem por cento tem um pezinho no Paraguai e essa ligação com o povo paraguaio é muito forte aqui dentro do Estado... então não tem como a gente separar... mas assim... paraguaio mesmo... como eu tava falando... a gente tem pouco...

D6 reconhece, em diversos momentos, que a Colônia não tem como principal público os paraguaios ou seus descendentes diretos. D2, por sua vez, a fim de não questionar a representação paraguaia atribuída à instituição, assume o tema da cultura sul-mato-grossense como aquela que traz em si a própria cultura paraguaia, assimilada num claro processo de hibridismo. O sul-mato-grossense, por ter sua identidade ligada/misturada à paraguaia, frequenta com legitimidade a colônia paraguaia. Mas, quando se refere aos associados, que têm uma relação “oficial” com a Colônia Paraguaia, (D6) afirma que se trata de pessoas que são paraguaias ou descendentes. O discurso que legitima o hibridismo cultural (brasileiros, sul-mato-grossenses, paraguaios) tem como limite a representação oficial da instituição, imbuída da função de manter e transmitir os valores tradicionais da cultura paraguaia.

No próximo exemplo, D4 lembra-se da impressão sobre o comportamento do sujeito paraguaio em outras condições de produção.

(D4R53) uma coisa que eu posso falar e que me chamou muito a atenção quando vim morar aqui em Campo Grande é que quem dá mais valor a cultura paraguaia era o próprio brasileiro que o paraguaio... entendeu... é uma coisa que me chamou a atenção... o paraguaio é meio retraído e tal né... pelo menos falando lá atrás né... vinte anos atrás...

No recorte (D4R53), o enunciador menciona um sujeito paraguaio local que não assume sua identidade. Para entender esse possível ocultamento da identidade, podemos inferir, com ajuda de dados presentes na literatura histórica do estado de Mato Grosso do Sul, que durante o período ditatorial, o governo de Alfredo Stroessner (1954-1989) operava em conjunto com o governo ditatorial brasileiro, a fim de identificar possíveis comunistas que vinham para o Brasil. Nesse período,

muitos paraguaios eram perseguidos e, por isso mesmo, negavam sua identidade, passando muitas vezes por indígenas.

Por isso, falar a língua guarani, por exemplo, era assumir-se publicamente como paraguaio, estrangeiro. No trecho *pele menos falando lá atrás né... vinte anos atrás...* O momento histórico que D4 elenca, referindo-se ao período de perseguição coordenado pelo governo ditatorial de Stroessner, coincide com a época que tais paraguaios que viviam em Campo Grande ainda guardavam o medo em sua memória discursiva (MONDARDO, 2013, p. 81).

Outra possível razão para o ocultamento da identidade pode se dar por razões de discriminação étnica e socioeconômica que tem repercussão na sociedade brasileira, que de alguma forma vê-se em uma situação econômica e simbólica melhor que o país vizinho. O preconceito e a discriminação foram fortes obstáculos que os migrantes tinham que enfrentar. Uma das consequências foi que muitos dos paraguaios e seus descendentes preferiam esconder ou amenizar características de sua cultura, como a língua. Isso marcou a identidade de gerações. Os paraguaios carregavam o estigma de bandidos, criminosos, e por isso eram tratados com violência e preconceito. (ANDRADE e PEREIRA, 2009, p. 7)

A invisibilidade e o preconceito a que estavam submetidos os paraguaios em terras brasileiras são dados importantes na medida em que essa relação dialógica (eu-outro/brasileiro-paraguaio) nos ajuda a compreender a constituição identitária dos migrantes e a memória discursiva do sul-mato-grossense. Segundo Andrade e Pereira (2009, p. 11), a invisibilidade dos paraguaios pode ser constatada na falta de documentos e registros históricos.

Contudo, há também o discurso do descendente que valoriza a tradição paraguaia e que vê na instituição Colônia Paraguaia a possibilidade de expressar sua identidade e seu orgulho por ser paraguaio.

D4R59 eu nasci em Ponta Porã né... meus pai são... eram de eram Assunção mesmo e nós irmãos sempre em Ponta Porã e éramos muito criança quando viemos pra cá pra Campo Grande... e aqui a gente estudô... trabalhô... se formô... aposentô... tudo aqui... então a gente frequenta aqui a Colônia por tradição... po::r amizade... por amor mesmo... amor à raça...

D4 é descendente direta (filha) de paraguaios, por isso tem uma relação afetiva com a Colônia devida à sua memória discursiva. Uma possibilidade de análise é a adesão passional da enunciativa à cultura e à Colônia paraguaia, o que pode ser observada nas expressões *por tradição, por amizade, amor à raça*.

D7R60 são famílias que vieram do Paraguai para o Brasil... querendo aprender... querendo preservar o costume aqui do Paraguai... e gostam e amam..

D7R62 são variados né... tem melhor idade... já teve alunos a partir de vinte anos até oitenta e cinco anos né... então é mais pelo que... o pai ou a mãe foi paraguaio e veio no Brasil há muito tempo eles... alguns já entendem alguma coisa... e outras não né... e outros vem pela curiosidade da língua... tem lugar... “vô vê se eu vô”... né... e vem e se apaixona né... pela língua...

Novamente a adesão passional e ufanista, no caso, à língua e aos costumes, é evidenciada por D7 nos trechos *e gostam e amam, vem e se apaixona e o pai ou a mãe foi paraguaio e veio no Brasil há muito tempo*. Outro aspecto importante são as famílias que vão à Colônia Paraguaia, como se vê em *famílias que vieram do Paraguai para o Brasil... querendo aprender... querendo preservar o costume aqui do Paraguai*. D7 procura enfatizar que os frequentadores são paraguaios, ou pelo menos, descendentes deles. Explica que o perfil dos alunos de guarani é bem variado, pois vai da faixa etária dos 20 até os 85 anos, ou seja, dos jovens até os idosos, e que a motivação também varia. Existem os que são paraguaios e querem *preservar* seus costumes indo até um espaço onde podem encontrar elementos de sua cultura. Também existem os que são descendentes e querem manter o vínculo com a cultura de seus pais e, por último, os *curiosos* ou simpatizantes que foram interpelados em sujeito pela cultura paraguaia.

D7R67 é importante para nós e eu gosto de divulgar... não tenho vergonha de falar que eu sou paraguaia e ainda eu brinco assim que sou paraguaia original do Paraguai... aí o pessoal brinca... fala “é tudo falsificado”... eu falo... de jeito nenhum... a origem lá do Paraguai é origem final (risos)...

O enunciativador D7, ao afirmar que não tem vergonha de sua identidade, deixa implícita a noção de que muitos têm medo de assumir a identidade paraguaia. Ao tratarmos das relações entre imigrantes paraguaios e brasileiros no estado de Mato

Grosso do Sul, Andrade e Pereira (2009, p. 3-4) afirmam que as relações entre eles nem sempre foram muito amigáveis e que “havia um sentimento de repulsa”, que com o tempo e a intensa convivência, resultaram em trocas culturais, fato que ajudou a amenizar o conflito. Lembram ainda que dependendo das circunstâncias o sujeito paraguaio é menosprezado e depreciado e que, aos poucos, essa repulsa é substituída por brincadeiras e piadas envolvendo paraguaios, como no exemplo de D7R67.

Apesar da memória discursiva negativa sobre as experiências dos paraguaios no contexto da imigração, D7 assume uma posição que reforça sua origem paraguaia como verdadeira, contrapondo esta afirmação à memória discursiva que aponta que as coisas oriundas do Paraguai são falsificadas (esfera econômica). Para o enunciador, defender a legitimidade da cultura e da identidade paraguaia é se opor dialogicamente a certo discurso depreciativo que reproduz a imagem do Paraguai como país não produtivo, conhecido pelo comércio de produtos piratas e de qualidade questionável. Trata-se de uma batalha simbólica que coloca a cultura paraguaia sempre entre o bom e o ruim, o verdadeiro e o falso, o que afeta diretamente as atitudes dos sujeitos em relação à sua identidade.

Nesse espaço de trocas, as identidades híbridas não se encontram estáveis, mas se relacionam em processos de divisão, exclusão e afirmação da diferença perante o outro. Esse comportamento complexo em que, ora as identidades se aproximam, ora se distanciam, revela a contradição e ambivalência nas relações das identidades e a transculturação do sujeito.

3.5. Língua guarani linda, mas difícil: é preciso persistência

Na análise a seguir, trataremos dos discursos dos frequentadores da Colônia Paraguaia em relação ao guarani. Pretendemos averiguar como está a situação da língua, qual o interesse dos alunos das oficinas de guarani com a língua, e se ela é realmente aprendida e usada. Para Wilcox (2008, p. 38), uma das principais influências que os imigrantes paraguaios exerceram na cultura do sul do Mato Grosso é o que os manteve unidos: a língua.

A língua guarani funciona como símbolo/marca de resistência da cultura indígena guarani à colonização europeia e também como marca territorial que identifica os imigrantes paraguaios no Mato Grosso do Sul. A língua espanhola tentou se sobrepor à língua guarani desde a época da colonização, o que surtiu diferentes efeitos, como sua recusa e, em outros casos, sua incorporação à língua guarani, como podemos verificar na região de fronteira (MONDARDO, 2013, p. 86).

Começaremos pela informante D3, que é brasileira e não possui ascendência paraguaia, tem 68 anos e é aluna de guarani. Ela destaca a *paixão* que sente pela língua, o que a motiva a não desistir, apesar da dificuldade.

D3R32 eu quero um dia chegar lá e falar... eu quero muito mas até agora não consegui... é MUlto difícil... mas estou tentando... sou teimosa... mas eu vou chegar lá... um dia eu vou falar pra você OLHA... aprendi..

D3R35 eu acho LINda por isso que eu tô aqui teimando... um dia eu vou aprendê...

D3R36 olha... eu não tenho muita certeza não... acho que desde dois mil e doze... dois mil e doze que eu tô aqui... teimando em aprendê... olha... é um pouco difícil...

D7R65 lindo.. profundo... extensa... e não tem o significado... tem vez que você tenta traduzir em português e não existe... então é só no guarani... é muito profundo e eu amo...

D3 tem uma atitude linguística positiva perante o guarani, acha a língua *linda* e em sua narrativa ganha destaque a dificuldade que exige persistência, denominada pelo sujeito como “teimosia”. Ela tem dificuldade na pronúncia. Apesar de todo seu empenho para aprender a língua, D3 não tem com quem falar fora da associação, por isso usa outros artifícios, como a música para praticar a língua. No recorte (D7R65) o sujeito revela sua relação passional com sua língua materna.

D3R34 algumas frases... e assim mesmo com muita dificuldade... com muitos erros... principalmente no “y” e no som nasal...

D3R33 só aqui no curso... e escuto música em casa... pra tentar educar meu ouvido pra aprender e falar

D3R37 é só curiosidade mesmo e:::... ajudar minha memória... né? pra minha memória num enferrujá...

No trecho (D3R6), vemos a aprendizagem de uma segunda língua com o intuito de exercitar a memória que, segundo o discurso médico (relação interdiscursiva), no idoso precisa ser mais estimulada.

D3R38 eu vim pra fazer espanHOL... como num tinha vaga pra espanhol só tinha pra guarani... eu resolvi... não ia pagar mesmo... depois me apaixonei por guarani...

D3 queria fazer o curso de espanhol, porém não havia mais vagas e, por acaso, decidiu fazer o curso de língua guarani, pois não acarretaria ônus. Depois de ter contato com a língua, afirma ter se apaixonado por ela.

Em sua narrativa D3 afirma que não fala guarani, não tem com quem falar fora da Colônia, não possui parente paraguaio, tem dificuldade com a língua, só fala algumas frases. Além disso, diz que fez o curso de guarani porque não havia mais vagas para espanhol e que faz o curso para exercitar a memória. Percebemos que não há a expectativa de transmissão da língua para seus descendentes, pois a enunciativa não fala o guarani em outro lugar.

D4 é brasileira da fronteira (Ponta Porã), descendente de pais paraguaios, tem 80 anos e também é aluna de guarani.

D4R60 eu falo... não tão bem quanto a minha professora... quanto aos outros aqui... mas me defendo...

O verbo “defender” é empregado na luta que ocorre no campo linguístico, no qual quem conhece a língua tem a arma, que serve ao mesmo tempo para defesa e ataque de quem a utiliza.

D4R61 quando eu ouço a música... eu acompanho... aí eu pronuncio bem porque eu acompanho a música... você entendeu? e... falo aqui com a professora... com a colega aqui... temos amigos também... que de quando em quando... quando a gente encontra a gente fala guarani pra não esquecer...

D4, ao falar sobre a pronúncia da música no trecho “quando eu ouço a música... eu acompanho... aí eu pronuncio bem”, inferimos que devido à repetição e

à emoção que a música em guarani provoca no ouvinte, é estabelecida uma relação com a memória discursiva que atinge a afetividade do sujeito. Já D7 destaca o encontro com pessoas para estabelecer um diálogo em guarani, o que afirma ocorrer esporadicamente, mais durante as aulas na Colônia.

D4R63 a língua guarani... além de bonita... porque antigamente era... não.. não era... como dizer... universal... não sei... mas agora... hoje... ela é... já é... ensinada mesmo no Paraguai... até nas faculdades né... antes não... era usada só na zona rural... a língua guarani né... mas hoje não ... hoje já tá na escola... na faculdade... então um país bilíngue né... muito rica por isso...

Como possibilidade de análise desse trecho, podemos pensar nas oposições: hoje a língua guarani é bonita e reconhecida *versus* antigamente era feia e não reconhecida. A entrevistada destaca o fato de a língua guarani agora ser reconhecida como a segunda língua oficial do Paraguai e, por isso mesmo, ser ensinada nas escolas e instituições de ensino superior, ou seja, ganhou importância e status. Na memória discursiva, a língua guarani teve um passado de língua interiorana e de posição menos privilegiada, sendo usada por pessoas de classe baixa que viviam na zona rural.

D4R64 o meu objetivo é frequentar sempre e falar cada vez melhor...

Há, no discurso de D4, um efeito de sentido de que ela não tem pressa para concluir o curso, pois o objetivo é *falar cada vez melhor*. Não há intenção imediata, o que reforça o peso da memória do sujeito que tem uma ligação afetiva com a língua devido ao fato de seus pais serem paraguaios.

D4R65 já tem uns anos que eu frequento aqui...

Quando D4 utiliza o artigo indefinido *uns*, deixa transparecer uma despreocupação com a quantidade de anos que está “investindo” na aprendizagem da língua guarani. Para D4, a Associação Colônia Paraguaia funciona como um espaço de convivência com a cultura e a memória paraguaia.

No próximo recorte, D5 narra como se deu seu contato com a língua guarani.

D5R68 minhas tias casado com paraguaio... tem primos... enfim... familiares meu... e aí surgiu a oportunidade de eles falarem castelhano... o guarani... não falavam espanhol... castelhano e guarani... e nós ali no meio... mas eles nunca ensinavam nós... o guarani não... espanhol eles deixavam falar alguma coisa... (nos) ensinava... mas os tio... as vezes escapava e a gente ficava sabendo alguma coisa...

D5 tem familiares que falavam o guarani, porém, a língua não era ensinada para os mais novos, apenas o espanhol. Tinham contato com o guarani apenas quando os tios deixavam escapar alguma coisa, porém era uma situação indesejada. A língua guarani é associada às populações indígenas pertencentes ao tronco tupi-guarani, com toda uma gama de afetividade, expressividade e representatividade própria, operando em um movimento de resistência e marca da identidade indígena paraguaia. Por outro lado, partindo da visão de uma formação ideológica eurocêntrica, a língua guarani é vista com menosprezo, como língua inferior e representativa do empecilho ao crescimento e desenvolvimento do Paraguai. Já o espanhol representa o progresso e a civilização, pois tem origem na Europa. É nesse espaço de lutas ideológicas em meio às representações linguísticas e simbólicas que se constitui a identidade do imigrante paraguaio e seus descendentes (MONDARDO, 2013, p. 87).

D5R69 nós como sócios também hoje... a gente faz parte como pessoas que gosta tá... da linha do trabalho paraguaio também... da parte cultural... aí surgiu o guarani... como é muito usado o jopará né... da fronteira pra cá... nessa mistura... castelhano e guarani... aqui não... a gente aprende o guarani puro... purinho... desde o alfabeto até o ponto que nós estamos agora de cinco ou seis anos com eles... não é fácil... é difícil... tem que fazer passo a passo...

D5 é brasileiro, descendente de paraguaios e sócio da Colônia. A expressão *guarani puro* representa que não há uma mestiçagem étnica no que diz respeito à língua, ela marca o sentido de positividade e de identidade histórica, pois é possível considerar que, dado o contato histórico entre espanhóis, guaranis e portugueses, não é muito comum o sentido de “pureza”. Pureza opõe-se a mestiçagem, possuindo um sentido positivo e marcando uma posição de diferença daquele que não se misturou, que resistiu à mistura. Ao se referir ao sentido de *o verdadeiro guarani*, faz-se oposição ao que seria o “falso guarani” falado pelas novas gerações, que já sofreu modismos e variantes constituídas nos contatos, ou seja, os estrangeirismos.

D5R70 eu acho o guarani muito bonito... pra mim acho bonito... apesar que meus pais falavam muito o castelhano... bem falado... meu avô falava os dois... guarani... como ele morou no Paraguai né... então ele teve a oportunidade de aprender bastante...

D5 ao dizer *pra mim acho bonito* produz um efeito de sentido de que, para ele sim, é uma língua bonita, mas para pessoas de seu convívio não. Seus pais falavam o espanhol (castelhano). Apesar disso o sujeito tem uma atitude positiva em relação à língua guarani, pois carrega em sua memória a imagem do avô que falava a língua.

D5R74 ó... por exemplo.. eu que tenho essa convivência lá na Nova Campo Grande... hoje eu participo... por exemplo... lá nós fazemos a missa...éh:::.... éh:::.... de Caacupé no dia oito de dezembro... por exemplo... vai o ano todo nós arrumando porque tem que ter a comida típica paraguaia... e todos nós na reunião nós não falamos português... a não ser que tem pessoas brasileiras nato mesmo dali que tá junto...

D5R38 mas se vô lá na Popular também encontro aquela turma... por exemplo... lá tem uma quadra grandona lá... dos dois lados é só paraguaio... então não tem jeito tá... de não falá cum eles... ou eles falá com a gente... até onde a gente aguenta ou a gente sabe né... mas... geralmente cunverso o básico cum eles todo dia... tenho essa cunvivência direto...

D5R78 então eu tenho qui ajudá aquelis qui num iscrevi... tá? ajuda elis iscrevê... traduzi... porque sempre vem celebrar conosco... o:::....o:::.. padre que vai lá conosco é do Paraguai... então eli cunhece corretamente tanto u guarani como u castelhano... e ele celebra... celebra a missa deles... e ele fala em português também... tudinho... então nós temos qui sabê os três... quatro lado... pra sabê também... uma pessoa que seja útil ali né... vai lá... pede pra iscrevê... num iscrevi... pede pra traduzi... também acha dificuldade... i num é fácil traduzi nada... nós tamo aprendendo né... e é por isso que eu tenho interesse pelo guarani...

D5 é um dos organizadores da missa no dia 8 de dezembro, quando é comemorado o dia da Nossa Senhora de Caacupé, e demonstra que os organizadores, em geral, falam a língua guarani. A língua portuguesa é utilizada somente quando não há possibilidade de dialogar com o interlocutor via língua guarani. Além de D5 falar o guarani em sua comunidade, no seu dia a dia, também tem ligação direta com a vida cultural da comunidade paraguaia de Campo Grande.

Em “e todos nós na reunião nós não falamos português... a não ser que tem pessoas brasileiras nato mesmo dali que tá junto...” há, da parte do enunciador, uma

tentativa de manter sua língua com pessoas iguais, ao passo que busca se adaptar às novas situações ao falar o português com as pessoas vindas “de fora”. Há ainda o sentido de opção pelo uso da língua, a partir dos sujeitos que constituem a enunciação, ou seja, dependendo da escolha, em sua posição sujeito, de usar uma língua em detrimento da outra, o que evidencia uma identidade constituída a partir do “outro” na relação dialógica proferida por Bakhtin.

Nos próximos recortes D5 relata sobre a dificuldade em aprender uma língua e sua gramática.

D5R75 ó... falando aqui desse idioma... da... da... da língua guarani... a gente fala... ah... o português é difícil... o português é difícil... mas além do guarani ali... o idioma... ficou pra trás porque quando eu vim pra cá pra fazê o guarani... eu ia escapar de uma situação qui eu num gosto de português... qual que é? esse negócio de... de... de... como que chama? é da... dos pronomes... da gramática... tem que encaixar isso aqui... isso aqui num serve aqui... eu cheguei aqui ... aí quando eu cheguei aqui ela falou assim... primeiro... são trinta e três letras do alfabeto... i nós começamo a fazer aquilo ali... colocamo nu cadernu... aí eu falei... estragou tudo...

D5R77 aceitá o guarani né... porque eu gosto du idioma... mas qui é difícil é... não é fácil... nós começamo por aqui... por exemplo... pra fazê o guarani... tinha quase cem pessoas... cem... aí nós terminamos... quando estávamos com a professora T... terminamos cum quinze... e hoje essa média com a professora I. a mesma coisa... de dez... às vezes vai a quinze... os mesmos... por motivo de trabalho... doença... às vezes dá uma afastada... mas a média é isso aí... num... é só os que é de origem mesmo qui fica ... brasileiro nato mesmo já veio bastante... eles vem... pensa qui é fácil ... ah... vô lá fazê o guarani... fazê o espanhol... num sei u que... acaba indo embora no outro dia... num vem mais...

A taxa de evasão é alta, quem acaba ficando e persistindo é quem tem alguma ligação afetiva ou parentesco com alguém que fala o guarani, no trecho é só *os que é de origem mesmo que fica ... brasileiro nato mesmo já veio bastante... eles vem... pensa que é fácil ... ah... vô lá fazê o guarani... fazê o espanhol... num sei o que... acaba indo embora no outro dia...* A população ativa no mercado trabalha aos sábados (no horário das aulas) e acaba tendo que optar pelo emprego, já os idosos desistem mais por motivo de doença e, além disso, há também a formação discursiva escolar com o uso da gramática tradicional que “desloca” a língua de seu uso.

D6R41 Aqui em Campo Grande a gente sabe que a comunidade paraguaia... tem muitos descendentes... tem muita coisa também aqui no estado que é ligado ao idioma guarani e:: falar guarani... com certeza a

gente fala quando encontra com outro paraguaio... e com certeza a gente fala... a gente fala o guarani...

D6R42 os pais da minha esposa mora no Paraguai... moravam né... éh... a gente levava eles de férias pra lá... então nessas férias eles aprenderam o castelhana né... o guarani já é mais complicado... mas eles entende... eles falam fluentemente o castelhana... o espanhol...

D6 é paraguaio, afirma que fala a língua guarani em Campo Grande porque a comunidade paraguaia na cidade *tem muitos descendentes* e, por isso, usa a língua quando encontra seus conterrâneos. D6 fala, mas seus descendentes não, apesar do contato com paraguaios que falam, há uma falta de interesse. Existe uma relação de poder entre as línguas em que são estabelecidos valores em seu uso, como por exemplo, em Assunção se fala mais espanhol, no interior mais guarani. Pessoas mais instruídas falam espanhol e as menos, guarani. É como se o interiorano que fala guarani fosse “caipira”. O guarani é, ainda, associado ao atraso e à “falta de cultura e classe”. (BARREDA, 2007, p. 44). É contra esse discurso depreciativo que a constante afirmação da importância da língua se impõe:

D289 ele ligou e disse assim... eu quero ir participar... eu quero fazer aula de guarani porque eu quero passar isso pros meus filhos também... entendeu?... então assim... isso é uma coisa que nos deixa muito contentes... que nos ajuda muito quando a gente vê... e assim... a gente vê que os descendentes estão procurando mais...

D2 fala de sua relação com a língua guarani.

D2R92 to aqui falando português e aí daqui a pouquinho vem alguém e fala guarani... a gente não entende... mas a gente acha bonito isso sabe... daqui a pouco chega outro paraguaio... você não entende nada... mas você tá ali... tá vendo que isso realmente é forte... que é uma coisa que une eles... une... entendeu?

D2R94 então... ainda não falo... mas pretendo né... assim... a gente... a gente participa disso tudo... como eu te falei né... éh:::... eu sou neta de paraguaio... mas não tenho essa vivência... então não tenho uma referência disso né...

D2 entende que a língua como fator cultural ajuda na união e cumplicidade dos paraguaios. A língua como elemento de uma cultura funciona para manter a coesão dos seus e, ao mesmo tempo marca a diferença na relação falante/não

falante. Ela é descendente, porém não teve convivência com o parente que falava guarani, por isso afirma *não tenho essa vivência... então não tenho uma referência disso*, o que vem a significar um empecilho para a efetivação da aprendizagem da língua.

Nas narrativas, os sujeitos afirmam achar importante que os descendentes de paraguaios frequentem a Colônia Paraguaia, porém, seus próprios filhos não costumam ir e não falam a língua guarani. Os alunos de guarani que persistem em aprender a língua, em sua maioria, têm ascendência paraguaia ou pelo menos uma ligação afetiva com a memória e com o povo paraguaio. Os entrevistados que falam ou estão aprendendo a língua guarani demonstram, por meio de seus discursos, que são mínimas as chances de transmitirem a língua guarani para seus descendentes. O espaço da Colônia Paraguaia serve como um dos poucos lugares onde esses sujeitos de fato encontram uma oportunidade de dialogar com um interlocutor usando a língua guarani.

Verificamos também que durante os anos de 2014 e 2015, período em que ocorreu a pesquisa de campo, os alunos da oficina de guarani eram todos maiores de 60 anos de idade. Esses sujeitos demonstram ter interesse pela língua devido à sua memória discursiva que mantém laços afetivos com a língua e a cultura paraguaias. Constatamos também que, em todas as narrativas, os sujeitos não demonstram haver expectativa de transmissão da língua para seus filhos e netos. O espaço da Colônia acaba sendo o único lugar onde é possível encontrar um interlocutor que fale guarani.

3.6 Hibridismo e tradição: as ações realizadas na Colônia Paraguaia

Nos recortes a seguir os sujeitos falam das atividades desenvolvidas dentro da Colônia. Com as análises desses recortes, poderemos verificar que a cultura paraguaia fomentada na Colônia é uma mescla, uma cultura híbrida, e que se dá em novas condições de produção e, por isso mesmo, já modificada pelos novos elementos de outras culturas e também pelo momento histórico em que ocorre. Aquela cultura paraguaia, que veio com os paraguaios em diferentes levas e

momentos históricos como no período pós-guerra, durante os governos ditatoriais e outros, já se modificou, se adaptou e se tornou transcultural porque agregou novas memórias, novas experiências; portanto, é uma cultura paraguaia que se reproduz apoiada nas memórias discursivas de seus frequentadores, professores e administradores paraguaios, descendentes e brasileiros.

A seguir D6 fala das atividades desenvolvidas na Colônia.

D6R45 viramos Ponto de Cultura Colônia Paraguaia... e com esse convênio nós começamos a oferecer várias oficinas pra justamente manter e divulgar nossas tradições né... nossos costumes... então dentro dessas oficinas nós temos ali ensinando o guarani né... a língua guarani... nós tínhamos o espanhol... hoje... nós tínhamos o ensino da língua espanhola... as danças... nós tínhamos... nós temos até hoje o regional né... nós temos o grupo de dança regional e o grupo de dança folclórica... temos o grupo de dança folclórico né... que tá presente em vários e vários ... estilo da harpa e do violão... então esses seis oficinas faziam parte do Ponto de Cultura... em dois mil e treze esse convênio se encerrou... mas nós... com recursos próprios né... continua algumas oficinas... seria o guarani... a dança regional... e a oficina de dança folclórica...

D2R84 a gente conseguiu o Ponto de Cultura... conseguiu sentar e selecionar algumas coisas... então hoje a gente tem domingo... todo domingo a gente tem um churrasco dançante ... que também é terceirizado... mas... porém... dentro do que a gente né... normalmente gosta de fazer... que é o churrasco... a dança... o baile... mais voltado pra cultura paraguaia também... mais na verdade a cultura sul-mato-grossense... que... hoje em dia a gente tá completamente inserido...

D2R87 uma coisa que tem deixado a gente muito contente é que a gente tem visto... a partir do Ponto de Cultura... interesse das pessoas... a gente tem o grupo de dança né... de dança paraguaia... que tem divulgado o nosso trabalho... porque essas oficinas são realizadas aqui dentro né... dança regional... o guarani o espanhol... as aulas de música... então elas ficam aqui mais fechadas... são divulgadas na internet...redes sociais... mas ficam mais aqui... já o grupo de dança é o que leva mais a cultura paraguaia e o projeto Ponto de Cultura lá fora... é o que a gente tem feito... e através do grupo de dança a gente tem visto que as pessoas tem se interessado...

D1R13 porquê? porque neste local se realiza éh::: tem os bailes... bailes... éh::: sertanejo... aonde toca polca... guarânia... chamamé... principalmente chamamé... né? Então isso faz com que uma::: uma::: entrosamento né? desses grupos de danças sertanejo com a::: com a::: com a::: com a guarânia...né?... então... éh... éh::: e as pessoas acho que participam aqui... são... são admiradoras... são pessoas... hoje a colônia paraguaia é um ponto de referência né?

D1R17 temos também o curso de ((tossiu)) dança regional né? aí dança regional... como eu disse pra você... somos baileiros... ali tem aula de dança de salão... que é a polca... que é o xote... o vanerã:::o né?... o chamamé::: então tudo... uma miscelânea... mas lá no fundo tem a raiz que é a polca né?

O recorte D1R13 inicia com a pergunta retórica no trecho *porquê? Porque (...)* que o próprio enunciador irá responder, o que evidencia seu grau de envolvimento com o interlocutor. Para Marcuschi (1999) quando há uma menor relação entre o locutor e seu interlocutor, maior é o grau de subjetividade. Outro recurso de linguagem que é importante para a construção dos sentidos dos enunciados são as expressões hesitativas que desempenham “uma atividade textual-discursiva que atua no plano da formulação textual”, o que demonstra a existência de atividades discursivas (MARCUSCHI, 1999, p. 164). Encontramos as expressões *éh e são*. No trecho *então isso faz com que uma:::... uma:::... entrosamento né?* temos o que Marcuschi denomina como um dos fenômenos prosódicos, que é o alongamento vocálico em *uma:::... uma:::...* e “*com a:::*”, que no caso serve para o enunciador ter tempo de buscar a palavra que deseja empregar.

Os recortes D1R13 e D1R17 tratam dos ritmos musicais tidos como tradicionais da cultura paraguaia que, apesar da mistura (heterogeneidade) com outros ritmos que vieram do Rio Grande do Sul, como o xote e o vanerão, possui a matriz paraguaia, que é a polca, que representa o elo com a tradição, pois ela é a base, o que permanece e une. No que se refere aos ritmos paraguaios em Campo Grande, Higa (2010) afirma,

A persistência dos gêneros musicais “polca paraguaia”, “guarânia” e “chamamé” na cidade de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, seja em suas configurações e repertórios tradicionais, seja diluída em influências sobre a produção musical local se constitui em uma de suas mais vigorosas manifestações culturais (...). (HIGA, 2010, p. 1)

A colônia paraguaia, apesar de ser apresentada como portadora da “cultura paraguaia”, assimila e reproduz expressões culturais de outras localidades como o xote nordestino, música gaúcha, englobadas no clasema “música sertaneja”, o que resulta em uma interação transcultural entre os ritmos. O enunciador demonstra a mistura dos gêneros musicais paraguaios, como a polca e a guarânia, que são tidos como representativos da cultura paraguaia. Este último tem origem na polca, mas pertence à Argentina. Para D1 essa mistura dá certo e tem admiradores.

D1R15- mas principalmente da colônia paraguaia... ela virou marca uma referência...

No trecho 10, (...) *ela virou marca uma referência...* o enunciador fala do reconhecimento da colônia como modelo de referência da cultura paraguaia em Campo Grande. A palavra “marca” segundo o dicionário *Priberam* (2008-2013) “(...) é um símbolo ou nome que identifica determinados produtos comerciais”, ou seja, o lexema *marca* aponta o viés publicitário-mercadológico da instituição. Já a palavra *referência* é um “(...) conjunto de qualidades ou características tomado como modelo.” (PRIBERAM, 2008-2013). A Colônia Paraguaia funciona como marca porque vende a imagem da cultura paraguaia para se manter, ao mesmo tempo e que suas características são reconhecidas como modelo dessa cultura. .

D1R16 curso de guarani... esse curso do guarani é importante éh... porque resgata... tá resgatando né? não deixando morrer... né? nossa língua... né? no Paraguai hoje é uma língua obrigatória lá... tá? o guarani... e aqui também

No recorte D1R16, temos *nossa língua*, esse trecho mostra que o enunciador tem como “sua” língua o idioma guarani. Segundo o dicionário *Priberam* (2008-2013) o verbo “resgatar” indica “(...) livrar-se do cativeiro por meio de resgate.” Podemos inferir que a representação paraguaia e seu reconhecimento operam como o resgate da liberdade e do orgulho da identidade paraguaia, pois a memória discursiva guarda sentimentos opostos de outro momento histórico. Andrade e Pereira (2009, p. 15) descrevem a situação dos imigrantes que chegavam ao Brasil em “(...) condições econômicas e sociais desfavoráveis”. Afirmam também que:

A discriminação velada sob o discurso da democracia e harmonia racial identificava os descendentes dos migrantes pela linguagem utilizada e a partir daí arrazoavam sobre suas características e seu modo de vida. Por isso era mais fácil manter-se na clandestinidade e evitar o uso da língua materna, o guarani. (ANDRADE e PEREIRA, 2009, p. 15-16)

O curso de guarani é o meio para a liberdade de expressão e manifestação da cultura e identidade paraguaia. O uso dos verbos no gerúndio em *tá resgatando*, *não deixando morrer... né?* indicam uma ação que ainda não foi concluída, ou seja, a missão de manter a língua guarani é um processo que continua.

D1R18 temos o curso de... de... de... de.. temos o curso de violão... curso de acordiÓN e curso de harpa...

São os cursos de instrumentos de corda, elementos tidos como tradicionais da cultura paraguaia.

D1R19 tudo em prol do quê? Pra manter viva a cultura paraguaia... através do acondiÓN... da harpa... do violão... da dança folclórica também que continua... muito firme porque são alunos de colégios próximos aqui a colônia paraguaia... não são filhos de paraguaios nada... são BrasilElros

No recorte D1R19, temos novamente o uso do curso de instrumentos tradicionais paraguaios como meio de fomentar a cultura. Um aspecto importante é o fato dos alunos que participam da Colônia Paraguaia morarem próximo, o que lhes permite continuarem *firme*. Quanto ao perfil dos alunos, o entrevistado afirma que *não são filhos de paraguaios nada... são brasilElros*.

D1R20 a repercussão do grupo dança folclóricas paraguaia... é requisitado em todos os pontos de Campo Grande... esse grupo foi danÇÁ lá no Rio Grande do Norte... lá em::: Natal...representar a cidade de CAMpo Grande... o estado de Mato Grosso do Sul ...

Finalmente, o reconhecimento do grupo de dança da colônia, que por sua vez, representa um país, como marca, símbolo do Estado.

D1R21 nós não deixamos morrer o grupo de danças folclóricas da colônia paraguaia... curso de dança de salão... o curso de guarani e o curso de violão... violão... ...pra manter viva este ponto de cultura...

Esses elementos representam a essência da vida cultural paraguaia, sua identidade. Manter viva implica o não-dito morrer. Porém, para não *deixar morrer* o grupo de dança, é preciso ter verba, como ficará mais claro nos excertos analisados adiante.

D1R28 então quando eu vejo os meninos dançar... esse som... paraguaios de nada... são apenas admiradores... dançam perfeitamente as danças paraguaias que... a dança paraguaia ela fala da muLHER paraguaia... fala do do sentiMENTo... as danças são essas né? dos Pássaros né? Então dançam perfeitamente...



Figura 4 Tradição: apresentação do grupo de danças folclóricas paraguaias. Em primeiro plano, nota-se o destaque dado às mulheres com roupas tradicionais.

O uso da figura do *pássaro* produz um efeito de sentido de liberdade, leveza. Sabemos da história da mulher paraguaia que teve que lutar sozinha para criar e sustentar seus filhos no período da guerra e do pós-guerra; por isso, a ênfase na entonação do substantivo *mulher*. Pascal (2006) descreve as mulheres no período mencionado:

Esposas, prostitutas, companheiras, mães, que se alimentavam das sobras de seus companheiros, cozinhavam, lavavam, cuidavam dos feridos, abrigavam-se em barracas, distribuíam solidariedade humana, sendo por vezes maltratadas pelos maridos. Combatiam e morriam esquecidas. As vivandeiros e andarilhas seguiam a tropa, vendendo víveres e bebidas. (PASCAL, 2006, p. 145)

Temos uma memória discursiva de orgulho da mulher paraguaia que vivenciou e sofreu na Guerra da Tríplice Aliança.

D1R29 me arrepia... arrepia meu pelo... do..do.. dos braços... de emoção... dá vontade de chorar porque é emocionante ver aqueles meninos dançarem né? (você tá com eles) ver esses meninos dançar... né?

A arte da representação que toca no íntimo, ativa e faz a manutenção da memória afetiva do sujeito. "Existe nesse intrincado território fronteiriço não apenas afinidades e contra-sensos entre as populações migrantes, mas também identidades híbridas e memórias em lutas" (BALLER, 2008, p. 123).

D2R83 a partir do momento que a Colônia começou a ter a necessidade... financeira... e de alugá o seu espaço pra vários eventos... começô a realizá uns eventos não tão ligados à cultura paraguaia... e isso afastou os paraguaios e automaticamente seus descendentes... entendeu? porque? porque eles queriam que realmente fosse vivenciado a verdadeira cultura paraguaia né... e não outros eventos né...

D1R22 SHOWS de prêmios que a colônia paraguaia realiza duas vezes por ano tá? com:: os nossos churrascos éh:: são daí que vêm os nossos recursos da colônia paraguaia... e::... e::... das locações também... tá?... pra manter viva este ponto de cultura.

No recorte D283 temos dois discursos: o da tradição por meio do fomento das atividades da cultura paraguaia; e o do dinheiro que é preciso para manter o espaço e as próprias atividades culturais tradicionais em funcionamento. O discurso da tradição coloca a Colônia Paraguaia como um meio de *manter e divulgar* as tradições paraguaias, representadas por sua música, danças, língua, culinária, roupas e manifestações religiosas. Porém, ocorre que com o fim do projeto Ponto de Cultura (2009-2013) que provia verbas para a Colônia, a instituição teve que abrir espaço para outros eventos “terceirizados”, como bailes, churrasco dançante, “SHOWS de prêmios”, e o aluguel do espaço, atividades que não eram “tão ligadas à cultura paraguaia” para poder manter-se, o que, segundo D2, *afastou* paraguaios e descendentes.



Figura 3 Gruta da Virgem de Caacupé na Colônia Paraguaia. O que nos chama a atenção são as duas meninas ao centro, pois vestem o tradicional kimono da cultura japonesa.

Portanto, as ações da Colônia, mostram como os eventos são híbridos, impulsionados pela necessidade financeira que se impõe às instituições e a necessidade de ampliar e agregar um público diversificado; ao mesmo tempo em que promove ações que expressam a transmissão de uma herança tradicional que se quer legítima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho adotou como base teórica a Análise de Discurso (AD) de linha francesa para analisar os discursos dos frequentadores da Colônia Paraguaia. A AD trabalha o discurso na relação da língua com a história, o que nos permite enxergar as marcas das contradições ideológicas na materialidade linguística. No processo de análise utilizamos alguns conceitos da AD, tais como sujeito, condições de produção, interdiscurso, não-dito, dialogismo e formação discursiva. Apoiamo-nos nessa última noção, sobretudo para organizar a análise em temas. A formação discursiva é um espaço onde é possível ver a dispersão e, ao mesmo tempo, as regras de formação e regularidade em um conjunto de enunciados/textos. Brandão (1994) declara que a formação discursiva:

Opera com o conceito de ideologia que envolve o princípio da contradição que está na base das relações de grupos sociais, cujas ideias entram em confronto, numa correlação de forças (...). Ela busca não eliminar essas contradições, mas, ao contrário, fazê-las aflorar na materialidade linguística do discurso, aprendê-las nas formas de organização discursiva, possibilitando captar as relações de antagonismo, de aliança, de dissimulação, de absorção que se processam entre diferentes formações discursivas. (BRANDÃO, 1994, p.103)

Buscamos identificar, nos depoimentos, quais elementos os frequentadores consideram como representativos tradicionais da cultura paraguaia e como a concebem. Averiguamos a situação da língua guarani, sua aprendizagem e transmissão. Por último, analisamos os discursos sobre a representação identitária nas narrativas desses sujeitos que vivem entre duas culturas: a brasileira e a paraguaia. Em resumo, podemos dizer que esta pesquisa traz as seguintes conclusões:

1. Constatamos que os frequentadores da Colônia Paraguaia a compreendem como um espaço onde se mantém a cultura paraguaia, já híbrida, e que funciona como um meio para os paraguaios e descendentes se encontrarem e celebrarem seus costumes, fato que ajuda na constituição da identidade sul-mato-grossense. Outro aspecto que se destacou foi a ajuda que a Colônia recebeu, por meio dos contatos políticos, para construir seu espaço e para manter os cursos oferecidos.

2. Vimos como a memória atua juntamente com um sentimento de reivindicação da identidade. Procuramos compreender como o sujeito concebe as representações de si e afirma sua identidade paraguaia. O sujeito seleciona as memórias positivas e valorativas para enaltecer os paraguaios imigrantes ao reconhecê-los como profissionais que ajudaram a construir a cidade de Campo Grande e, além disso, desejam um reconhecimento oficial perante o estado. O sujeito sente-se autorizado, como descendente de paraguaio, a reivindicar esse espaço e a falar do e pelo povo paraguaio.

3. Analisamos os elementos considerados representativos da cultura paraguaia e como ela atua na constituição da identidade desses sujeitos. Os frequentadores da Colônia têm duas formas de compreensão da cultura paraguaia. Na primeira, os sujeitos falam de elementos figurativos, que são recorrentes: dança e música: polca paraguaia, guarania, chamamé, na culinária: sopa paraguaia, locro, vori-vori, chipa guaçu, que são elementos concretos e produzem um efeito de sentido de realidade da cultura paraguaia. Por outro lado, a emoção e a afetividade gerada por ela no sujeito se refletem nos temas: amizade, alegria, convívio, enobrece, aprofundamento, sentimento, amor, essência, vivenciar, vibrar, sentir e ser, que expressam como o sujeito interpreta a cultura paraguaia e, ao mesmo tempo, é interpelado por ela.

4. No posicionamento assumido pelos sujeitos, percebemos o uso de um discurso que pode ser considerado ufanista na defesa da legitimidade da cultura e da identidade paraguaias, a fim de se opor dialogicamente ao discurso depreciativo sobre o Paraguai. Os sujeitos, nas narrativas, são considerados de nacionalidade híbrida, pois “ser brasileiro sul-mato-grossense, também é ser paraguaio”. Nesse espaço de trocas, as identidades não se encontram estáveis, mas se relacionam em processos de divisão, exclusão e afirmação da diferença perante o outro. Também encontramos resquícios de ocultamento da identidade paraguaia presentes nas narrativas. Os diferentes comportamentos revelam a contradição e a ambivalência nas relações das identidades e a transculturação do sujeito.

5. Verificamos que as pessoas que vão à Colônia com interesse na língua guarani possuem, em geral, mais de 60 anos. A Colônia funciona um como espaço onde é possível encontrar um interlocutor no diálogo em guarani e alguns costumes

considerados tradicionais da cultura paraguaia. Os alunos de guarani que persistem em aprender a língua e não se preocupam com o tempo que ali investem, em sua maioria, têm ascendência paraguaia ou pelo menos uma ligação afetiva com a memória e o povo paraguaio. Afirmam achar importante que os descendentes de paraguaios frequentem a Colônia Paraguaia e aprendam o guarani; porém, seus próprios filhos não costumam ir e não falam a língua. Os que falam ou estão aprendendo a língua guarani demonstram que são mínimas as chances de transmitirem essa língua para seus descendentes.

6. Concluímos que a cultura paraguaia fomentada na Colônia revela um processo de hibridização que se dá em novas condições de produção e, por isso mesmo, já modificada pelos novos elementos de outras culturas e também pelo momento histórico em que ocorre. O discurso da tradição coloca a Colônia Paraguaia como um meio de “manter e divulgar” as tradições paraguaias. Porém, ocorre que ela teve que alugar seu espaço para outros eventos não vinculados à cultura paraguaia. Essas ações da Colônia mostram como as atividades passaram a ser “transculturais”. Assim, impulsionada pela necessidade financeira, a instituição teve que ampliar e agregar um público diversificado, ao mesmo tempo em que promove ações que expressam a transmissão de uma herança tradicional.

Nossa contribuição, no presente trabalho, foi principalmente no sentido de perceber as contradições nos discursos dos frequentadores da Colônia Paraguaia ao falarem sobre os usos da língua, a identidade e a cultura. Foi possível verificarmos as trocas culturais e de conhecimentos entre brasileiros e paraguaios. Isso mostra, em última análise, que os habitantes das regiões de fronteira sofrem influências mútuas, mesclando as culturas, na tentativa de simular o *modus vivendi* de seu local de origem em outro lugar. Configura-se, desse modo, o hibridismo que marca essa condição fronteiriça.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. **A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios entre o Brasil e o Paraguai**. São Paulo: Annablume, 2010.

_____. **Fronteiras em movimento e identidades nacionais: A imigração brasileira no Paraguai**. Fortaleza, 2005. (Tese Doutorado Programa de Pós-Graduação em Sociologia). Universidade Federal do Ceará.

ANDRADE, Silvia Salomão Ishikawa; PEREIRA, Jacira Helena do Valle. **Fontes Documentais e Históricas na Interpretação da Migração Paraguaia em Mato Grosso do Sul: Elementos para Compor o Desenho das Trajetórias Escolares e da Constituição de Sujeitos Migrantes**. 2009. Disponível em: <http://www.propp.ufms.br/gestor/titan.php?target=openFile&fileId=385>

ARCA: **Revista de Divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande**. N. 4, Campo Grande: Sergraph, 12/1993.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética de Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12 ed.: Hucitec, 2006.

_____. **Problemas da poética de Dostoievski**. Paulo Bezerra (Trad.). Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2010.

_____. **O freudismo: um esboço crítico**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BALLER, Leandro. **Cultura, identidade e fronteira: Transitoriedade Brasil/Paraguai (1980-2005)**. Dourados, 2008. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Grande Dourados.

BARREDA, Suzana Vinicia Mancilla. **A História dos professores de espanhol nas fronteiras**. 2007. Campo Grande. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

BENVENISTE, Émile. (1966) **“O homem na língua”**. In: Problemas de linguística geral. Trad. M.G. Novak e L. Neri. São Paulo: Ed. Nacional/EDUSP, s.d. p. 245-315.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 1998.

BOIS, Lindomar José. **Campo Grande, a Vila Popular e a Cultura Paraguaia contada por seus moradores**. 2005.

BRANDÃO, Helena Hatsue Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 3 ed. Campinas- SP: ed. UNICAMP, 1994.

_____. **Análise do discurso:** um itinerário histórico. In: PEREIRA, Helena B. C. & ATIK, M. Luiza G. (orgs.). *Língua, Literatura e Cultura em Diálogo*. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2003. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/brand005.pdf>. Acesso em 10/01/2015.

CENTENO, Carla Villamaina. **A Educação do Trabalhador nos Ervais de Mato Grosso (1870 – 1930):** crítica da historiografia regional, de suas concepções de trabalho, história e cultura. Campo Grande, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

_____. **Educação e Fronteira com o Paraguai na historiografia mato-grossense (1870-1950).** Campinas, 2007. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas.

CORRÊA, Lúcia Salsa. **A fronteira na história regional:** o sul de mato grosso (1870- 1920). Tese (Doutorado em História). São Paulo:USP, 1997.

CORRÊA, Walmir Batista. **Fronteira Oeste.** 2 ed. Campo Grande: ed. UNIDERP, 2005.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa 2008-2013. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/MARCA> Acesso em 20-10-2015.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Lições de texto:** leitura e redação. 4 ed. São Paulo: Ática, 2001.

FIORIN, José Luiz. **Interdiscursividade e intertextualidade.** In: BRAIT, Beth (org). Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

FCMS- Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul. <http://www.fundacaodecultura.ms.gov.br/pontos-de-cultura/> Acesso em: 22/01/2014.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina.** Rio de Janeiro: L&PM, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

HIGA, Evandro. **A assimilação dos gêneros polca paraguaia, guarânia e chamamé no Brasil e suas transformações estruturais.** 2005 Disponível em: <http://www.iaspmal.net/wp-content/uploads/2012/01/EvandroHiga.pdf>- Acesso em 18/09/2015.

JARA, Alan Luiz. Representações da cultura paraguaia: tradições e memórias na construção identitária de imigrantes e descendentes. **Revista Eletrônica História em Reflexão.** Vol. 6 n. 12 – UFGD - Dourados jul/dez 2012. Disponível em:

<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/viewArticle/2141>. Acesso em 23/03/2015

LINHARES, Gladis. **Mídia e Etnia**: A visibilidade dos grupos étnicos na televisão sul-mato-grossense. UNIDERP- Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal. Campo Grande: s.n., 2001. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/eaf1dcfdf62ebc4453db949202052ebf.pdf>. Acesso em 24/06/2015.

MALDIDIÉ, D. Elementos para uma história da Análise do Discurso na França. IN: ORLANDI, Eni P. (Org.) **Gestos de leitura da história no discurso**. 2ª ed., Campinas-SP: ed. UNICAMP, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A hesitação. In: NEVES, Maria Helena de Moura. (org) **Gramática do Português Falado**. 2. ed.- São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: ed. Unicamp, 1999.

_____. KOCH, Villaça Ingedore. Estratégias de Referenciação e Progressão Referencial na Língua Falada. In: **Gramática do português falado**. Abaurre, Maria Bernardete M. e Rodrigues, Angela. C.S (orgs)- Campinas, SP: ed. Unicamp, 2002.

MELO E SILVA, José de. **Fronteiras guaranis**: a trajetória da Nação cuja cultura dominou a fronteira Brasil-Paraguai. 2. ed. Campo Grande: IHGMS, 2003.

MORO, Nataniél Dal. **Mundo Rural e Cidades no Sul de Mato Grosso (1850-1950)**. 2010. Disponível em: <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Natani%20Dal%20Moro.pdf>.

MUSSALIM, Fernanda. **Análise do discurso**. IN. MUSSALIM, Fernanda. & BENTES, Anna Christina (orgs.) Introdução à Lingüística: fundamentos epistemológicos. Volume 3, São Paulo: Cortez, 2004, pp. 102-142

NASCIMENTO, Andréia Barbosa do. **Migrante da fumaça**: O Profissional do Carvão. Campo Grande, Everest, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos, 9 ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.

_____. Processo de significação, corpo e sujeito. In: AZEVEDO, Aline Fernandes de (org.) **Sujeito, corpo, sentidos**. Curitiba: Appris, 2012.

_____. **Discurso em análise**. Sujeito, sentidos, ideologia. Campinas- SP: Pontes, 2012.

PASCAL, Maria Aparecida Macedo. **As mulheres e a Guerra do Paraguai**. 2006. Disponível em: www.mackenzie.com.br/fileadmin/Graduacao/EST/Publicacoes/_artigos/pascal_11.0.pdf- Acesso em 13/10/2015.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP: ed. Unicamp, 2010.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Orlandi. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1997.

PINTO, Maria Leda. Cotidiano e representação do pantaneiro nas narrativas orais. In: **Tendências Contemporâneas em Letras**. Campo Grande: Ed. UNIDERP, 2005.

_____. **Discurso e cotidiano: Histórias de vida em depoimentos de pantaneiros**. Tese (Doutorado em Letras). USP, 2007.

POSSENTI, S. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, F; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à Linguística fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004, V. 3.

PRETI, Dino; URBANO, Hudinilson (org). **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. São Paulo: T. A. Queiro, Fapesp, 1990. v. 4.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão étnica**. São Paulo: Parábola, 2003.

RODRIGUES, Marlon Leal. Identidade: movimento do sujeito. In: **Língua e Literatura: questões teóricas e práticas/ Danglei de Castro Pereira e Marlon Leal Rodrigues**. São Paulo: Nelpa, 2010. p.84-115

CARDOSO, Rafael. **Ruínas jesuíticas: um guia para conhecer o tesouro paraguaio**. Disponível em: <http://www.cariocaemfuga.com/2014/10/ruinas-jesuíticas-guia-para-conhecer-o-tesouro-paraguaio.html>. Acesso em 21/11/2015.

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. **Hibridismo e tradução cultural em Bhabha**. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (org). **Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. P. 113-133.

_____. **CMC, hibridismos e tradução cultural: reflexões**, 2007. Disponível em: http://people.ufpr.br/~marizalmeida/celem1_11/arquivos/Hibridism...pdf Acesso em: 18/11/2015.

VASSALLO, Simone. **Identidade negra, cidadania e memória: os significados políticos da Capoeira de Angola contemporânea**. 2011. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/intersecoes/article/viewFile/4619/3417>- Acesso em: 17/09/2015 às 18:53.

Fundação de Cultura- Acesso em: 16/02/2016. Disponível em: <http://www.fundacaodecultura.ms.gov.br/pontos-de-cultura/>
<http://www.cultura.gov.br/cultura-viva1-> acesso em: 16/02/2016.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/contundente>. Acesso em: 18-02-2016.

ANEXO 1- ROTEIRO DE CONVERSA- Colônia Paraguaia

a) Representantes da colônia paraguaia

- Como se constituiu a colônia? Quais os objetivos?
- O que se tem de registro da história da criação da colônia paraguaia em Campo Grande- MS?
- Qual é o perfil das pessoas que frequentam a colônia? Quem são? São paraguaios?
- Qual a proposta da Colônia Paraguaia? Qual o objetivo do projeto?
- O que faz para atingir os objetivos do projeto? Atingem os objetivos?
- O que é feito para atingir os objetivos do projeto? A seu ver esses objetivos são alcançados?

b) Geral

- Existe uma cultura que se possa dizer que é a paraguaia? O que é a cultura paraguaia?
- Você fala guarani? Onde? Com quem? Em quais situações? O guarani é sua primeira língua? O que você acha da língua?
- Você participa das oficinas de guarani? Como são? Quais são seus objetivos?
- Você participa de outras atividades da Colônia? Quais?
- Qual a importância da Colônia para você?

c) Imigrantes

- Por que você vem aqui (colônia)?
- Por que você veio para cá (Campo Grande)?
- Por que você saiu do Paraguai?

ANEXO 2- Normas para transcrição (projeto NURC/SP)

Ocorrências	Sinais	Exemplificação*
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda... () nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entoação enfática	maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os... éh::: ...o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	eo Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático	-- --	... a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo

Superposição, simultaneidade de vozes	{ ligando as linhas	A. na { casa da sua irmã B. sexta-feira? A. fizeram { lá... B. cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	""	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... "O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós"....

OBSERVAÇÕES:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.)
2. Fáticos: *ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, ta* (não por *está: tá? você está brava?*)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: *oh:::... (alongamento e pausa)*.
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*.

ANEXO 3

NARRATIVA D1 do S. C. idade: 57 profissão: advogado e presidente da Colônia nacionalidade: brasileiro

a constituição da colônia paraguaia... ela se dá em mil novecentos e cinquenta e oito... éh.. alguns paraguaios que vivem no país vizinho... nosso país vizinho... o Paraguai.. éh.. (inventaram) a associação Brasil/Paraguai que tinha por objetivo a... a tradição paraguaia, em mil novecentos e cinquenta e oito, após mil novecentos e cinquenta e oito... éh.. o senhor doutor H. C. ... éh... houve uma... uma... como diria... diríamos... éh, éh... devido a ditadura, tanto lá como aqui... né? foram impedido de... da... manifestação, então a casa paraguaia... aí a casa paraguaia com um período sem poder atuAR...com a ditadura a associação colônia paraguaia chegando, hoje, (chegando dentro da colônia paraguaia) associação colônia paraguaia... isso em mil novecentos e oitenta e nove por aí que nós retomamos a (associação) colônia paraguaia... estava na mão desse... desse nosso ERmão doutor H. C. , aonde eu, na época, filho de um ex combatente da guerra do Chaco, meu pai M. C. ... éh... estive na localidade onde hoje é o colégio Hércules Maymone, para uma reunião, ali funcionava, ali ia funcionar o hospital Brasil/Paraguai... lá éh... associação colônia paraguaia, nós perdemos (justamente) por causa do doutor Horácio... éh, não deu continuidade no projeto e o governo estadual (retomou) e essa reunião, eu pedi para o doutor H. C. ... pedi a palavra porque eu sou filho de um ex diretor da colônia paraguaia... da casa paraguaia... meu pai foi diretor aqui e... e ele não me deu a palavra... daí... eu... juntamente com um outro grupo formado pelo nosso atual... meu vice presidente doutor A. R. ... né? Mais o cônsul do Paraguai da época... né? éh... o doutor ... o cônsul... éh... doutor... cônsul do Paraguai... éh... vou lembrar mais pra frente... tá? ... e outras pessoas (admiradoras) da colônia paraguaia... da...da...casa paraguaia, resolvemos montar um grupo independente para retomarmos a... a casa paraguaia, então foi uma demanda de vinte e três anos, (na qual) participou também o nosso ex-prefeito A. B. , tá? Também participou dEsse movimento... porque... Não é possível tinha um negócio de (democracia)... Aquilo era democracia... o H. C. tava dezoito anos no poder,né? Então o cônsul... agora me lembrei... o cônsul C. P. também participou desse movimento da sociedade... foi quando nós (retomamos) a colônia paraguaia... o dr H. C. mandou () oficial e... e a administração dele dessa data até o esse momento na qual hoje eu sou o presidente paraguaio... passaro outros presidentes como o dr... o A. R. , A. B. , A. L. ... éh... R. C. ... o A. C. que foram éh... Persi... foram os conselheiros-presidentes da instituição colônia paraguaia que deu continuidade... então o que aconteceu? Quando retomado em oitenta e nove... em oitenta e nove... foi retomado em oitenta e nove, então era... nesse local aqui era... tinha um espaço... né? éh... uma choupana... eu diria... uma casa bem... foi quando... éh... na gestão já do Alcides Bernal, ele deu o pontapé inicial... começou montando a estrutura... o esqueleto de um galpão... né? Porque até então antes, é... quando

retomamos... tentamos montar... mas era muito difícil... mas com os eventos na colônia paraguaia... houve uma boa arrecadação, aí começou a montagem desse local como é hoje a estrutura... a partir daí o governador Z. do PT... ele esteve aqui neste local para assistir o jogo do Brasil e Paraguai... foi quando ele disse... ele era candidato a governador... caso ele ganhasse para o governo, ele iria concluir essa obra aqui... então... hoje o que nós vemos aqui devemos muito ao governo... governador Z. do PT que concluiu toda essa obra aqui até esse momento... éh... passaro outros presidentes e::: só agora nós estamos legalizando a entidade, éh, no caso é regularizando a entidade para nós darmos continuidade na estruturação... nós temos o nosso sonho de... éh, de construirmos éh... concluirmos, todinha a:::, ampliarmos e concluirmos o espaço da colônia paraguaia né? Nos moldes das ruínas jesuíticas tá? Naqueles moldes... temos o nosso engenheiro o dr R. C. que tem um projeto pronto né... e::: nós já perdemos três emendas parlamentar do deputado C. A. éh, no caso... seriam verbas que seria para a entidade...perdemos porque nós não somos entidade pública estadual, somos só municipal, então... então... então... então... éh::: então agora éh::: nós temos... éh... fechando este ano de dois mil e catorze... final da minha gestão... da minha administração... fechando com a... estamos regularizando junto a prefeitura... junto ao bombeiros... com o que nós temos já temos agora é possível avançarmos... irmos até o próximo ano... éh::: conseguirmos a utilidade pública estadual... como a entidade pública estadual nós vamos conseguir verbas... através do deputado... da emenda parlamentar do deputado C. A. que vai ajudar... com o governador Z. do PT que também... deputado federal... que vai nos ajudar também... disse nas reuniões... então nós vencemos uma batalha... que era justamente... éh... nós fechamos o ano de dois mil e catorze... regularizando... depois o que é que acontece? Nós vamos tomar posse agora em janeiro... na nova administração... e a gente pretende avançar né... na construção desse espaço... tudo... você sabe né? Aqui é um espaço... esta instituição representa um país... o Paraguai... então aqui tudo em benefício do associado... nós temos hoje... nossa administração... nós regularizamos... eu escrevi um estatuto tá? um estatuto dos associados – ô::: meu deus-- O registro histórico que nós temos aqui na associação colônia paraguaia... acredito que sejam alguns livros de ata... alguns livros de ata né? que registra né? toda::: a evolução desta entidade... né? até este momento... eu tenho... éh... feito nesta administração... então foram gravado depoimentos com alguns fatos importantes que vou enumerar... fizemos um DVD de diretores e conselheiros passando desde.. aí fala de toda a fundação da associação colônia paraguaia... né? associação Brasil cultural... casa paraguaia... instituição colônia paraguaia...então existe conselheiros nossos... da instituição colônia paraguaia que prestaram depoimentos... né? de toda evolução da instituição colônia paraguaia... outro fato interessante há dois anos atrás... nós...éh... através do deputado C. A. ... nos presenteou... porque todo dia catorze de maio através de uma lei que o deputado A. instituiu catorze de maio como o dia do povo paraguaio... e o deputado nos presenteou na Assembleia Legislativa... aonde...éh::: pessoas que estão a serviço da instituição colônia paraguaia... éh::: diretores... conselheiros... ex-diretores... ex-conselheiros... pessoas que

contribuíram para que associação colônia paraguaia chegasse aonde está... recebeu um diploma... uma condecoração...éh:: através do deputado C. A. ... foi um marco muito interessante... éh::... muito importante para a colônia paraguaia porque aí a gente resgatou todos... todos... todas as pessoa que fizeram... foram contempladas... mais de quarenta comendas... comendas né? para os participantes... então foi um marco... foi em dois mil e catorze... dois mil e doze... então foi um marco interessante... então...dando continuidade...éh::... -- eu tô dentro do assunto?-- ah...então tá bom... **(éh::...você pode falar um pouquinho do perfil das pessoas que frequentam a colônia... se elas são paraguaias)** bom... o perfil das pessoas que frequentam a colônia paraguaia são pessoas... são descendentes... são admiradoras... pessoas que não têm vínculo nenhum com a colônia paraguaia... porquê? porque neste local se realiza éh:: tem os bailes... bailes... éh:: sertanejo... aonde toca polca... guarânia... chamamé... principalmente chamamé... né? Então isso faz com que uma::... uma::... entrosamento né? desses grupos de danças sertanejo com a::... com a::... com a guarânia...né?... então... éh... éh:: e as pessoas acho que participam aqui... são... são admiradoras... são pessoas... hoje a colônia paraguaia é um ponto de referência né? Falou em música sertaneja... a gente sempre pede que:: que:: toque também não só a música gaúcha... pedimos também a polca paraguaia né? pedimos o chamamé:: a polca:: tem uma éh:: o xote... o xote também... tudo tem a vê... tudo eles são... fazem parte da:: da música sertaneja... os baileros aqui né? os baileros só pra você ter noção... existe no Facebook várias pessoas que tem seu face aonde...éh:: ... existe os seguidores né? do Face... dos... dos... chamados "baileiros" né?... são vários... são (três ou quatro) baileiros que jogam... que fazem o evento da colônia paraguaia nos demais... mas principalmente da colônia paraguaia... ela virou marca ...uma referência... **(quais são as principais propostas do ponto de cultura colônia paraguaia e os objetivos do projeto?)** o ponto de cultura nasceu do nosso atual presidente do conselho... Amado Leite quando esteve na fundação de cultura... ele::... éh... ele trouxe a associação colônia paraguaia para o ponto de cultura... o ponto de cultura nada mais é... éh... feita em módulos... em módulos... o primeiro módulo por exemplo foi a compra a compra né? dos materias para o... para a... para o curso... aqui na colônia paraguaia nós temos... foi implantado o curso de audiovisual para::... a custo zero... né? o convênio entre o governo do estado... governo federal e associação colônia paraguaia... tá? a custo zero para as pessoas vim aqui fazer o curso de audiovisual... tá? éh:: curso de espanhol... curso de guarani... esse curso do guarani é importante éh... porque resgata... tá resgatando né? não deixando morrer... né? nossa língua... né? no Paraguai hoje é uma língua obrigatória lá... tá? o guarani... e aqui também e até o momento continua esse curso (o vice continua)... temos também o curso de ((tossiu)) dança regional né? aí dança regional... como eu disse pra você... somos baileiros... ali tem aula de dança de salão... que é a polca... que é o xote... o vanerã::o né?... o chamamé:: então tudo... uma miscelânea... mas lá no funcho tem a raiz que é a polca né? temos o curso de... de... de.. temos o curso de violão... curso de acordiÓN e curso de harpa... então foram esses três (moldes) com todas essas oficinas tá? tudo em prol do quê?

Pra manter viva a cultura paraguaia... através do acondiÓN... da harpa... do violão... da dança folclórica também que continua... muito firme porque são alunos de colégios próximos aqui a colônia paraguaia... não são filhos de paraguaios nada... são brasileiros QUE... juntamente... através da professora Luciene Bicudo... tá? TROUxe aqui pra dentro da colônia paraguaia esses alunos... né? e através de um professor... professor Zenon... lá da cidade de Conceição... Concepción... Paraguai... né? A pessoa conseguiu esse número todo né? (já fiquei sabendo de vinte países) né? e a pessoa vem... neste ano mesmo veio mais de quatro ou cinco vezes aqui... éh... trazer... éh... novas danças... (né? ele com a professora Luciene) então o que nos vimos nesse ano de dois mil e catorze... dois mil e treze foi a repercussão do grupo dança folclóricas paraguaia... é requisitado em todos os pontos de Campo Grande... esse grupo foi danÇÁ lá no Rio Grande do Norte... lá em::: Natal...representar a cidade de CAMpo Grande... o estado de Mato Grosso do Sul ... visitando outros pontos de cultura... porque o Ponto de Cultura são vários pontos de cultura... pontos de cultura nada mais é... são locais que tem representação de várias (camadas) né? Aqui no caso aqui é associação colônia paraguaia né? **(o que é feito para se atingir os objetivos do projeto, a seu ver eles são alcançados?)** sim... é::: fechando este ano de dois mil e catorze... como eu disse pra você esse curso... éh o ponto de cultura... saindo éh::: terminou o convênio e nós demos continuidade... nós não deixamos morrer o grupo de danças folclóricas da colônia paraguaia... curso de dança de salão... o curso de guarani e o curso de violão... violão... tudo éh::: arrecadado através dos nossos SHOWS de prêmios que a colônia paraguaia realiza duas vezes por ano tá? com:: os nossos churrascos éh::: são daí que vêm os nossos recursos da colônia paraguaia... e:::... e:::... das locações também... tá?... pra manter viva este ponto de cultura... EU abracei desde o primeiro momento que assumi... porque na administração passada também eu assumi a colônia paraguaia... o nosso presidente teve que se retirar... afastado da colônia paraguaia e eu assumi interinamente na gestão passada... mantive a::: o ponto de cultura... um momento crucial... um momento importante... tá? e tenho mantido... com muita dificuldade porque éh::: existe gastos... na roupa... pensa na roupa éh::: éh::: para o balé é carríssimo... o balé::: com... quatro casais é muito cara... tá? então esses recursos vem tudo... éh::: não é doação de órgão nenhum é tudo aqui da colônia paraguaia... éh::: eu queria apenas dizer... acho importante... falar da minha pessoa... eu sou filho de paraguaio... sou filho de um cidadão... éh::: para o Paraguai... meu pai... ex combatente da guerra do Chaco... uma guerra que teve entre o Paraguai e a Bolívia... meu pai... um ex combatente que veio para... para o BraSIL... onde hoje é Rio Brilhante... chegou a Campo Grande... como TANtos outros paraguaios que vieram né? na época da ditadura no Paraguai... que vieram... que eram do partido liberal... que vieram pra Campo GRANde... aliás... entraram por Bela Vista... entraram por Porto Murinho... entraram por Ponta Porã... né? E chegaram até esta capital... tá? E aqui MUltos eram bons... o meu pai era muito bom na área... na área que éh::: na área de couros... meu montou um... chama talabaqueria... é uma selaria... onde éh::: fez com que nesse local fosse um ponto de referência para que os paraguaios que vinham e não tinham colocação... emprego...

fugido do país vizinho... o Paraguai ... então MUltos procuravam meu pai pra quê... pra um emprego... e assim foi feito tá?... éh:: não... eu só queria registrar isso aí porque essa passagi fez com que muitos descendentes... hoje... os paraguaios daqui... famílias tradicionais paraguaias... são pessoas que vieram... que vieram éh:: e se deram muito bem na área de paisagismo... como a família Chaparro... tem a família por exemplo... a família dos Quevedos na parte de paisagismo... jardinagem... éh:: excelentes éh:: cerqueiros que fazem cerca em fazendas... o paraguaio é muito bom né? então... na parte de serralherla... marcenarla ... então o paraguaio aqui DENtro de Campo Grande... Mato Grosso do Sul... é importante porque ele... ele... essas mão de obra... tá? Era o paraguaio que realmente se tornou... se tornou (pungente) esse município... graça também ao povo paraguaio... tá? eu tomo pelo meu pai... ele veio aqui e formou toda sua vida aqui... fez sua vida aqui em Campo Grande... então hoje passa para uma segunda geração... que sou eu... né? que fiz questão de abraçar essa causa... de abraçar a colônia paraguaia... não deixar morrer... a memória... então quando eu vejo os meninos dançar... esse som... paraguaios de nada... são apenas admiradores... dançam perfeitamente as danças paraguaias que... a dança paraguaia ela fala da muLHER paraguaia... fala do do sentiMENTo... as danças são essas né? dos Pássaros né? Então dançam perfeitamente... a cada evento eu digo para a professora Luciene... me arrepiam... arrepiam meu pelo... do..do.. dos braços... de emoção... dá vontade de chorar porque é emocionante ver aqueles meninos dançarem né? (você tá com eles) ver esses meninos dançar... né?—talvez tenha fugido um pouquinho da sua pergunta... mas eu queria fazer... fazia questão de registrar...a passagem né? desses paraguaios valentes que vieram e se tornaram meCÂNico... torNEIro... serraLHEiro... marceNEiro... tá? seLEiros... então tudo fez com que.. por isso hoje...a população do estado de Mato Grosso do Sul e Campo Grande principalmente... muitos vieram pra Campo Grande... fugidos da ditadura no Paraguai... porque era do partido liberal... lá o partido liberal... do Strossner... né? então... muitos vieram pra cá...

ANEXO 4**NARRATIVA D2 de L. S. B. C. profissão: professora de dança idade: 38****nacionalidade: brasileira**

a Colônia Paraguaia...ela foi... na verdade um processo já longo né... da Casa Paraguaia... e:::... a gente... a história mais ou menos mil novecentos e sessenta e três... a gente conta a partir dessa data né... então a gente tem já alguns diretores que já faleceram e que começaram isso aqui... assim... com muita raça... com vontade e com muita união também... né... o povo paraguaio é um povo muito corajoso... um povo muito forte... é o que a gente tem notado né... durante o tempo que eu estou aqui... mas é um povo que:::... lá atrás teve muita dificuldade de construí essa Colônia aqui também né... de buscar parcerias... de poder conseguir essas parcerias... até pra... pra... buscá... um pouco difícil né... porque alguns ainda se sentiam discriminados né... até hoje a gente ainda encontra... assim... alguns paraguaios que se sentem... né... tanto é que alguns desistiram no meio do caminho... alguns desistiram... (e outros) conseguiram realmente continuar e estão aí até hoje na luta... vem tentando buscar um pouco... trazer mais gente pra essa luta também... só que hoje nós estamos assim... com mais brasileiros mesmo dentro da Colônia Paraguaia... éh:::... a gente tenta ao máximo... o nosso objetivo mesmo hoje... nós que estamos aqui na diretoria... é isso... trazer ao máximo os paraguaios e os seus descendentes... e o que a gente tem feito pra poder atingir isso... está também outros meios... formas...pra que a gente possa atraí-los através de sua própria cultura... é oferecendo cursos... através desses cursos que o Ponto de Cultura conseguiu tem alguns anos já... tem conseguido uma divulgação maior do nosso trabalho e também uma credibilidade... porque o que acontecia antigamente era que a Colônia ela foi... depois de toda essa luta né ... conseguiram uma parceria... políticos... depois o governador ajudou bastante aqui dentro pra terminá o nosso prédio e:::... a gente conseguiu que essas pessoas viessem pra dentro... mas... a partir do momento que a Colônia começou a ter a necessidade... financeira... e de alugá o seu espaço pra vários eventos... começô a realizá uns eventos não tão ligados à cultura paraguaia... e isso afastou os paraguaios e automaticamente seus descendentes... entendeu? porque? porque eles queriam que realmente fosse vivenciado a verdadeira cultura paraguaia né... e não outros eventos né... só que a necessidade da Colônia para se mantê... no momento... realmente foi o que os diretores da época conseguiram fazê... depois a gente... hoje a gente foi conversando... depois conseguimos firmá uma parceria... que foi uma luta... a gente conseguiu o Ponto de Cultura... conseguiu sentá i selecioná algumas coisas... então hoje a gente tem domingo... todo domingo a gente tem um churrasco dançante ... que também é terceirizado... mas... porém... dentro do que a gente né... normalmente gosta de fazer... que é o churrasco... a dança... o baile... mais voltado pra cultura paraguaia também... mais na verdade a cultura sul-mato-grossense...

que... hoje em dia a gente tá completamente inserido... amarrado... e:: a gente tem... oferece também o curso de dança regional que nos ajuda bastante também... é muita gente que vem atrás... pra dançá... pra aprendê a dançá... então quando é evento da Colônia Paraguaia o grupo de dança participa... os meninos participa... eles nos ajudam em conjunto... vendem convite pra familiares né.. pra poder compartilhar aqui com a gente... e pra mostrar o que eles tão fazendo... o que estão aprendendo né... inseridos dentro desse processo ... mas a gente gostaria muito... muito mesmo... a gente ainda pretende atingir e conseguir atrair mais os paraguaios e seus descendentes... **(tem algum registro da história da Colônia?)** então... a gente... com a criação do Ponto de Cultura... a gente teve oficina de audiovisual e a gente conseguiu resgatar alguma coisa... mas através desse documentário a gente conseguiu trazer essas pessoas que começaram lá atrás né... na construção da Colônia Paraguaia né... da constituição da Colônia Paraguaia... e:::... foi mudando o nome até chegar na Colônia Paraguaia... e::: éh:::... a gente tem assim... esse documentário com depoimentos de algumas pessoas... mas assim... a gente sabe que tem documentos... algumas coisas também que estão aí... a gente precisa ir atrás... a gente precisa de pessoas que possam nos ajudar a pesquisar... registrar e buscar... tudo isso aí... fazer... pra poder pegar todo esse material... compilar pra gente pretende fazer um memorial da cultura paraguaia aqui dentro... a gente tem também esse projeto pronto... estamos na busca de parceria né pra gente poder por em prática tudo isso aí que a gente tem em mente né ... é um projeto jovem... mas assim... da Colônia paraguaia hoje a gente tem pouca coisa... o que nós temos em mãos é esse documentário ... onde cada diretor conta um pouco da vida de sua família... alguns tem um pai que participaram da guerra do Paraguai né... então a gente tem coisa assim... o documentário nosso tem quarenta minutos... e cada diretor que participou... músicos que fizeram parte que dão o seu depoimento né... **(fale do perfil das pessoas que frequentam a Colônia paraguaia... elas são paraguaias ou descentes?)** então... hoje nós temos mais brasileiros mesmo né... mas eu penso assim... o sul-mato-grossense... ele tem sempre um pezinho no Paraguai... entendeu? a maioria... quase cem por cento tem um pezinho no Paraguai e essa ligação com o povo paraguaio é muito forte aqui dentro do Estado... então não tem como a gente separar... mas assim... paraguaio mesmo... como eu tava falando... a gente tem pouco... pessoas que ainda vem... os próprios descendentes... mas assim... uma coisa que tem deixado a gente muito contente é que a gente tem visto... a partir do Ponto de Cultura... interesse das pessoas... a gente tem o grupo de dança né... de dança paraguaia... que tem divulgado o nosso trabalho... porque essas oficinas são realizadas aqui dentro né... dança regional... o guarani o espanhol... as aulas de música... então elas ficam aqui mais fechadas... são divulgadas na internet...redes sociais... mas ficam mais aqui... já o grupo de dança é o que leva mais a cultura paraguaia e o projeto Ponto de Cultura lá fora... é o que a gente tem feito... e através do grupo de dança a gente tem visto que as pessoas tem se interessado... aí vem pessoas e perguntam o que a gente tem mais né... e aí nesse momento a gente começa a perceber que alguns descendentes eles querem aprendê... principalmente a língua... a língua guarani né... porque fala... poxa... meu

pai fala... meu vô fala... e o descendente não fala... então eles estão buscando né... ontem mesmo eu tive um rapaz que tem seu vô que não tem participado tanto porque já tem mais idade... e ele quer vir... ele ligou e disse assim... eu quero ir participar... eu quero fazer aula de guarani porque eu quero passar isso pros meus filhos também... entendeu?... então assim... isso é uma coisa que nos deixa muito contentes... que nos ajuda muito quando a gente vê... e assim... a gente vê que os descendentes estão procurando mais... **(o que é feito para atingir os objetivos do projeto? eles são alcançados?)** então... eu acho que ainda não... mas a gente tem muito ainda pra poder alcançar... né... mas eu vejo assim... que... são poucos os que estão com esse objetivo fechado com a gente e que querem realmente vê... mas essa força... essa energia é muito grande né... que a gente tem... a gente (sente) que os diretores daqui são poucos os que podem participar... são poucos... da diretoria são poucos os que realmente podem estar presente... são poucos diretores que estão realmente focados nisso... mas... que tem muita vontade... a gente tem muita vontade... busca ao máximo se unir né... os poucos que tem... que estão vindo... que podem participar mais e pra poder buscar isso... e tenho certeza que ainda vai demorar muito pra gente (passar) tudo aquilo que a gente pretende... a gente tem muito projeto e a gente quer cada vez mais poder... éh:::... estar juntos com o verdadeiro povo paraguaio... os paraguaios e seus descendentes... pra gente poder também estar passando isso pros nossos alunos... que não são paraguaios né... que sentem como paraguaios já... tem o coração que pulsa como o paraguaio né... os nossos alunos que dançam... no que fazem... se vestem de paraguaios... a gente se sente realmente paraguaios... a nossa vontade é estar junto com eles... e poder representar com mais fidelidade o que a gente tá fazendo... **(qual a sua ideia sobre a cultura paraguaia? sua essência)** então... éh:::... eu acho a cultura um negócio difícil de você definir né... como a cultura de um povo... mas essa essência né... esse vivenciar o dia a dia né... o tereré... a comida... né... a culinária em si... éh:::... a dança... a conversa em guarani e em castelhano né... eu fico encantada com tudo isso... pra mim isso é a verdadeira... a cultura paraguaia é isso... é esse vibrar... é esse sentir... é esse ser... entendeu? pra mim é isso... então cada momento... cada instante que a gente convive com o povo paraguaio... to aqui falando português e aí daqui a pouquinho vem alguém e fala guarani... a gente não entende... mas a gente acha bonito isso sabe... daqui a pouco chega outro paraguaio... você não entende nada... mas você tá ali... tá vendo que isso realmente é forte... que é uma coisa que une eles... une... entendeu? então a gente... até tenho vontade de aprender mais para se unir também a eles... e também... uma coisa tão forte... que me emociona muito é a religiosidade do povo paraguaio né... a fé em Nossa Senhora de Caacupé... que nós temos a gruta aqui né... que tem a imagem também dela... e que as pessoas vem... vem buscá... neste momento de fé né... e a gente tá envolvido nisso... nesse processo... nesse sentir... nessa vibração toda... isso pra mim é a cultura paraguaia... **(você fala o guarani? se fala onde e em quais situações?)** então... ainda não falo... mas pretendo né... assim... a gente... a gente participa disso tudo... como eu te falei né... éh:::... eu sou neta de paraguaio... mas não tenho essa vivência... então não tenho uma referência disso né... assim... a

partir do momento que entrei aqui dentro... que tenho vivido com os paraguaios... a gente começa a ver que precisa realmente... a gente sente necessidade mesmo de aprender mais e algumas palavras a gente vai aprendendo... vai perguntando ... a gente também como grupo de dança... como dançarina... a gente vai em alguns eventos que tem paraguaios... e essa coisa... vê você caracterizado... vêm falando com você em guarani ou castelhano... mas a gente realmente não consegue corresponder tudo... mas a gente tem muita vontade realmente de poder aprender mais né... e com certeza falar um pouquinho ainda né... e chegar nesse... nesse estágio com eles... bom... o que eu gostaria... um objetivo que eu tenho mesmo é que as pessoas olhassem um pouco mais pro povo paraguaio... pra cultura paraguaia né... aqui dentro do estado é muito forte... a ligação que nós temos... eu... eu me sinto uma parte de paraguaio... uma parte disso tudo... entendeu? e eu acredito assim... que todo sul-mato-grossense em algum momento ele vai sentir essa emoção... então... quando você ouvir uma música tá... quando você ouve o toque da harpa paraguaia... eu acho que... quando saboreia uma sopa paraguaia... uma chipa... não tem como não te remeter a isso tudo... a esse povo... a essa cultura que ajudou... que tem ajudado né... a construir a identidade do nosso estado... a nossa identidade... do nosso Estado... Estado de Mato Grosso do Sul... ela é muito forte... muito ligada à cultura paraguaia... ao povo paraguaio... a gente tem que ter essa gratidão... e assim... pra mim... meu objetivo é realmente que isso seja reconhecido e valorizado né... ainda mais... eu sei que algumas pessoas ainda... que o poder público não consegue enxergar tudo isso... assim como os paraguaios... tem outras cultura também mas eu... junto com essa associação... junto desse povo... tentando aprender e também tentando expandir isso... mostrar isso pra fora... a gente já foi pra outros estados também já... porque a gente tem muito orgulho disso... de poder ir lá e falar que dentro de Mato Grosso do Sul nós também temos o sangue paraguaio... e que é muito forte né... então... pra mim... o que eu... meu objetivo maior é esse... é poder dar minha contribuição éh:::... e mostrar isso e buscar um pouquinho mais de valorização pra cultura paraguaia...

ANEXO 5

NARRATIVA D3 de M. A.J.M.

idade: 68

profissão: professora aposentada

nacionalidade: brasileira

Eu gosto da dança... principalmente da polca paraguaia né? e da sopa paraguaia... amo de paixão... como feito uma gulosa... esganada... (risos) amo mesmo... eu aprendi a fazer com a professora de guarani... eu não sabia fazer... eu sou ruim de cozinha mas aprendi a fazer a sopa paraguaia... a sopa... exatamente... **(a senhora fala guarani?)** eu quero um dia chegar lá e falar... eu quero muito mas até agora não consegui... é MUIto difícil... mas estou tentando... sou teimosa... mas eu vou chegar lá... um dia eu vou falar pra você OLHA... aprendi... (risos)... **(em quais lugares que a senhora fala? só aqui no curso?)** só aqui no curso... e escuto música em casa... pra tentar educar meu ouvido pra aprender e falar... **(e aqui a senhora fala com seus colegas e com a professora?)** algumas frases... e assim mesmo com muita dificuldade... com muitos erros... principalmente no “y” e no som nasal...(risos) **(o que a senhora acha da língua guarani?)** eu acho LINda por isso que eu tô aqui teimando... um dia eu vou aprendê... eu acho que é a minha professora que me incentiva... porque ela é ótima professora... ensina MUIto bem... e aí eu fico encantada com a língua e quero aprender...(risos) olha... eu não tenho muita certeza não... acho que desde dois mil e doze... dois mil e doze que eu tô aqui... teimando em aprendê... olha... é um pouco difícil... porque assim... nossas salas são pequenas... só tem lousa... mas a professora traz o:::... o:::... como é que chama? O computador piquinininho? **(notebook?)** notebook... e aí a gente acompanha com o notebook tamBÉM... né? traz algumas questões gravadas lá... que a gente ouve e repete... na lousa e ela lê também... a gente repete... a gente canta muito... cantando até que eu canto bem já o guarani... sabia? (risos) é que a gente decora muito pra cantar né? Daí fica mais fácil... (risos) **(quais são seus objetivos com a língua?)** é só curiosidade mesmo e:::... ajudar minha memória... né? pra minha memória num enferruja... **(muito bem... e como a senhora soube do curso?)** ah... propaganda... a colega comentou e eu passei aqui, aliás eu vim pra fazer espanHOL... como num tinha vaga pra espanhol só tinha pra guarani... eu resolvi... não ia pagar mesmo... depois me apaixonei por guarani... **(a senhora percebe dos seus colegas... qual a intenção deles... é o mesmo da senhora? quais motivos que eles falam para virem aqui fazer o guarani?)** a maioria é assim... filho de paraguai que não sabe falar guarani e querem aprender... agora... eu não sou filha de paraguai... num conheci nada... conheci tudo aqui na colônia... (risos) me apaixonei assim mesmo pela língua... **(então a senhora é brasileira e tem interesse pela cultura paraguaia... pela colônia... éh... o que mais que a senhora faz aqui na colônia ou é só a língua?)** de vez em quando eu venho em algumas festas... principalmente no dia de Nossa Senhora de... **(Caacupé)... como? Caa.. CÚ... pe (Caacupé)...** Caacupé... às vezes quando eu tenho tempo eu venho

tem missa... missa LINDa... missa em TRÊS idiomas... língua portuguesa... espanhol e guarani... lindÍssima... lindÍssima... na missa do final do ano... lindÍssima... pra mim a colônia é ótima que é perto da minha casa né? não preciso tomar ônibus... eu venho a pé né? então quando eu posso eu venho aqui...

ANEXO 6

NARRATIVA D4 de P.

profissão: aposentada

idade: 80

nacionalidade: brasileira

a cultura paraguaia... vamos dizer assim... é um fenômeno... porque ela é muito gostosa... é muito bom participar... éh::: o convívio com as pessoas... traz amizade... alegria principalmente... então a cultura enobrece a pessoa né... enobrece porque enquanto você está num meio cultural você esquece seus problemas... esquece que existe doença né... então a gente fica naquela comunidade... naquela... naquele aconchego... éh::: familiar... amigo... éh::: pessoas que às vezes você nem conhece... mas pela cultura você até... éh::: bons amigos pra participar... pra continuar essa::: essa união que a cultura nos deixa né... **(e quanto a culinária... a dança... o que mais te atrai na cultura paraguaia?)** olha... na dança... eu amo a dança paraguaia... eu gosto muito da polca... do chamamé... é uma música alegre... enquanto a gente tá dançando essas músicas lindas... alegres... você se esquece que existe problema... a gente esquece éh:::... éh:::... esquece que existe doença... e qualquer coisa que nos aborrece lá fora né... e quanto a culinária... nossa... de vez em quando eu faço lá em casa ... os professores e (colegas) da Colônia Paraguaia... como o bori bori... a galinhada... como fala né... que é o bori bori... a sopa paraguaia né... o locro... que é uma sopa contundente... muito bom... e tem também outras coisa que::: atrai muito as pessoas de bom paladar... aprendi muito com minha mãe... o meu pai fazia o churrasco muito bom... muito bem pra nós né... comida com mandioca né... usamos muito a mandioca... com carne... com bolo.. mesmo frito... fritura... a mandioca frita com um bom bife acebolado... nossa... não tem coisa melhor... e uma sopa paraguaia com aquela farinha deles lá... que vem lá do Paraguai mesmo... com chá é muito bom... () paraguaia e::: com café:::... eu gosto com vinho... com vinho não tem coisa mais gostosa... **(a senhora nasceu aqui no Brasil?)** eu nasci em Ponta Porã né... meus pai são... eram de eram Assunção mesmo e nós irmãos sempre em Ponta Porã e éramos muito criança quando viemos pra cá pra Campo Grande... e aqui a gente estudô... trabalhô... se formô... aposentô... tudo aqui... então a gente frequenta aqui a Colônia por tradição... po:::r amizade... por amor mesmo... amor à raça... **(a senhora fala guarani?)** eu falo... não tão bem quanto a minha professora... quanto aos outros aqui... mas me defendo... **(com quem? em quais situações?)** éh... por exemplo... quando eu ouço a música... eu acompanho... aí eu pronuncio bem porque eu acompanho a música... você entendeu? e... falo aqui com a professora... com a colega aqui... temos amigos também... que de quando em quando... quando a gente encontra a gente fala guarani pra não esquecer... **(a senhora falava o guarani com seus pais?)** falava... falava muito pouco... mas falava... porque a gente estudava né... trabalhava... então... era tempo de convivência em casa ... era no trabalho... no estudo... era no dia a dia... então a gente até esquecia... mas respondia pra eles em guarani... **(o que a senhora acha da língua guarani?)** a língua guarani... além de bonita...

porque antigamente era... não.. não era... como dizer... universal... não sei... mas agora... hoje... ela é... já é... ensinada mesmo no Paraguai... até nas faculdades né... antes não... era usada só na zona rural... a língua guarani né... mas hoje não ... hoje já tá na escola... na faculdade... então um país bilíngue né... muito rica por isso... **(como são as oficinas de guarani? quais seus objetivos com a língua?)** as aulas aqui são ótimas né... que nós temos a nossa professora... muito::: culta né... muito dinâmica... muito disposta... então ela nos ensina com muita::: dedicação... com muito amor... a gente sente isso né... então... o meu objetivo é frequentar sempre e falar cada vez melhor... **(como soube do curso?)** eu soube... antes da professora aqui... tinha outra professora né... já tem uns anos que eu frequento aqui... éh::: por meio de:::.... de:::.... colega né... acho que já tem bem uns três... quatro anos que eu tô aqui né.. mas:::.... é muito bom... por meio dos colegas e eu sempre to ligando pra sabê... então eu venho... quando eu sei eu já venho... (parti) com os outros que queiram vir... só que não é muito procurado porque o pessoal acha muita dificuldade de pegar ônibus pra vir aqui... essas coisa né... mas tem muita gente que quer fazer... mas não tem meios de vir... eu moro não muito perto não... eu moro perto do bombeiro... perto da Enzo Fiat... **(de quais outras atividades da colônia a senhora participa?)** eu participo quando tem festinha pra nós né... eu participo... eu venho... a gente ajuda ali nos afazeres da culinária né... e participo assim só... dançando... e comendo... quando oito de dezembro que tem missa... a gente... eu venho... gosto muito... participo da procissão... que é pertinho aqui... faz tudo aqui né... eu gosto muito... eu venho sempre... a Colônia Paraguaia é um ponto de referência pra todos os paraguaios que vem aqui na cidade né... que tem uma referência de onde participar... pra rever sua cultura que deixou pra trás... isso aqui tudo pra gente ouvir... dançar... participar... comer... dançar... tocar... que aqui tem as aulas de música né... e o importante é que é tudo gratuitamente né... é harpa... é violão... é um... é um centro cultural muito gratificante pra todos nós... os paraguaios... e nós descendentes né ... até eu gostaria de fazer um apelo aí... que seja divulgado e que venham participar né... que venham participar porque isso faz bem pro ego... faz bem pras pessoas né... porque a gente não pode só viver trabalha:::ndo... trabalha:::ndo... vivendo... comendo... a gente tem que se divertir também... faz parte... Deus deixou isso... não é pecado nenhum... não é erro nenhum... agora excesso de bebida... excesso... isso é errado... mas se divertir no meio da comunidade onde estão seus amigo... seus parente... familiar... é muito bonito e gratificante... pra gente se sentir feliz...

ANEXO 7

NARRATIVA D5 de H.F.V.

profissão: professor

idade: 62

nacionalidade: brasileiro

sim... nasci aqui no Brasil tá... no dia treze de março de cinquenta e quatro né... e::: eu sou descendente de argentino né... meus pais... meus avós casaram aqui no Brasil... então tive oportunidade de nascer aqui... fui criado no Pantanal... e depois fui pra Rio Verde... depois vim pra Campo Grande... servi o exército... depois tive a oportunidade pra estudá um poço... foi daí que eu conheci a Colônia Paraguaia... porque minha família.. minhas tias casado com paraguaio... tem primos... enfim... familiares meu... e aí surgiu a oportunidade de eles falarem castelhano... o guarani... não falavam espanhol... castelhano e guarani... e nós ali no meio... mas eles nunca ensinavam nós... o guarani não... espanhol eles deixavam falar alguma coisa... (nos) ensinava... mas os tio... as vezes escapava e a gente ficava sabendo alguma coisa... e aí que me influenciei de ficar observando... quando eu cheguei aqui e me deparei com vários paraguaios... como profissional... trabalhando na Colônia Paraguaia... eu vim pra cá com eles mesmo né... fazendo visita nos almoço e churrasco dançante... e foi aí que depois surgiu a parte cultural dela né... da Colônia Paraguaia... e aí ... nós como sócios também hoje... a gente faz parte como pessoas que gosta tá... da linha do trabalho paraguaio também... da parte cultural... aí surgiu o guarani... como é muito o usado o jopará né... da fronteira pra cá... nessa mistura... castelhano e guarani... aqui não... a gente aprende o guarani puro... purinho... desde o alfabeto até o ponto que nós estamos agora de cinco ou seis anos com eles... não é fácil... é difícil... tem que fazer passo a passo... a gente faz a tradução do guarani para o espanhol... e depois traduz outra vez... pra num isquecê... no português... tá... no ensino... mas tem que fazê tudo no pé da letra... o alfabeto tá... e todo esse tempo... mas... depende da gente... muito... mas... como tem a cultura de dança... tem época que o pessoal volta aqui... professores colaborando nessa parte... mas eu escolhi o idioma... dançá a gente dança o que pode dançá... mas a cultura assim... eu acho o guarani muito bonito... pra mim acho bonito... apesar que meus pais falavam muito o castelhano... bem falado... meu avô falava os dois... guarani... como ele morou no Paraguai né... então ele teve a oportunidade de aprender bastante... a gente sabe... tem uma região da Bolívia... ali:::... ali da Argentina que fala o guarani... só que tá chique demais essa parte e eu gosto... e eu to todo esse tempo aí e to tentando participar aqui na Colônia né... até como sócio e até ambientado né... como simpatizante mesmo dos trabalhos e da cultura paraguaia... **(o senhor participa de outras atividades da Colônia? Como conheceu a colônia?)** sim, foi através do almoço... dos churrasco dançante da Colônia Paraguaia e de outros que ocupam aqui o salão pra fazê a festa deles.. também dentro do estilo da própria Colônia né... e:::... aqui nós temos radialista... por exemplo... O. M. ... ele traz... pessoas... músicos argentinos... paraguaios... faz festa na própria Colônia Paraguaia... então... a gente vinha pra cá pra passar o dia... saía

à noite... e eu ficava observando tudo aquilo que tá acontecendo na Colônia... e foi aí que me interessei... gosto... já tenho bastante tempo aqui... e quero continuar... é muito bom... ali na Nova Campo Grande... onde eu moro mesmo... nós fazemos a missa de Caacupé também... em oito de dezembro lá... porque tem uma turma paraguaia lá grande... que mistura com nós e lá da Vila Popular onde eu trabalhei muitos anos dando aula e eu fiz uma amizade muito grande... principalmente (quando ele falam) e a Colônia.. é um descendente ou é paraguaio... falam o guarani e o castelhano... você cria aquela amizade... e enturma com eles e acaba né... fazendo parte... que é o que eu faço hoje... **(o que o senhor acha da cultura paraguaia? o que entende por cultura paraguaia?)** uma das diferenças que tem mostrado... parece... dos longos anos... do tempo que eu vejo... aqui na Colônia Paraguaia... e o que vem do Paraguai e apresenta aqui... então vem da cultura boliviana... vem também... mas falando da situação da... da... da... da cultura paraguaia... ela é boa... por exemplo a dança... e outras formas dentro das dança que eles apresentam... é diferente de todas essas... até da cultura brasileira que eu vejo.. então a cultura paraguaia ela é enraizada... arraizada... isso aí vem de longo tempo né... e não cai... sempre é apresentado em qualquer local de Campo Grande... eles são chamados... nos dias de reunião maior da cidade que tem aí né... é apresentado... e a gente nota que é uma cultura que tem um aprofundamento... de bastante sentimento... vamos dizer assim... eu vejo que eles fazem aquilo com bastante amor... por isso num acaba... ela melhora cada vez mais... **(o senhor fala guarani? em quais situações? com quem?)** ó... por exemplo.. eu que tenho essa convivência lá na Nova Campo Grande... hoje eu participo... por exemplo... lá nós fazemos a missa...éh:::.... éh:::.... de Caacupé no dia oito de dezembro... por exemplo... vai o ano todo nós arrumando porque tem que ter a comida típica paraguaia... e todos nós na reunião nós não falamos português... a não ser que tem pessoas brasileiras nato mesmo dali que tá junto... aí a gente num mistura porque eles não vão entendê... mas lá... o capricho que tem de um... dois... três paraguaios... (desde) de que nós se encontramos... nós vamos tê que falá dentro daquilo qui nós aprendemo e que é próprio do idioma e da língua paraguaia... que é o guarani né... se mistura o jopará não há problema nenhum.. faz um misto também funciona a mesma coisa... mas a gente fala (sim)... mas se vô lá na Popular também encontro aquela turma... por exemplo... lá tem uma quadra grandona lá... dos dois lados é só paraguaio... então não tem jeito tá... de não falá cum eles... ou eles falá com a gente... até onde a gente aguenta ou a gente sabe né... mas... geralmente cunverso o básico cum eles todo dia... tenho essa cunvivência direto... **(o que o senhor acha da língua guarani?)** ó... falando aqui desse idioma... da... da... da língua guarani... a gente fala... ah... o português é difícil... o português é difícil... mas além do guarani ali... o idioma... ficou pra trás porque quando eu vim pra cá pra fazê o guarani... eu ia escapar de uma situação qui eu num gosto de português... qual que é? esse negócio de... de... de... como que chama? é da... dos pronomes... da gramática... tem que encaixar isso aqui... isso aqui num serve aqui... eu cheguei aqui ... aí quando eu cheguei aqui ela falou assim... primeiro... são trinta e três letras do alfabeto... i nós começamo a fazer aquilo ali... colocamo nu cadernu... aí eu falei...

tem menos de trezentos mil descendentes e os paraguaios... aonde é qui tá esse pessoal todo? Então eu vejo assim porque... eu vejo japoneis junto... (aproxima) eu sei que existe (interesse) mas num qué dizê qui uma diretoria pra outra... enfim... que você não possa montar um projeto (pra podê) alcançá todo esse pessoal... e melhorá o projeto e toda essa parte aqui... de cultura... de (passeio) né... igual nós já fizemo né... podemos programá dinovo... í pro Paraguai... enfim... éh:::... mostrar a cultura verdadeira... igual nós tivemos a oportunidade de ver em Pedro Juán né... ano passado... quando viajamo... então a gente vai vê a parte da cultura lá dentro mesmo... de tudo... e isso é importante... tudo isso que falta... mas não talvez por motivo de que não pode acontecê... um dia pode acontecê... e pode melhorá tudo... e nós temos certeza que vai fortalecer tudo cada veiz mais...

ANEXO 8

NARRATIVA D6 R. Z. C. profissão: engenheiro e diretor da colônia

idade: 54

nacionalidade: paraguaio

bom dia... eu sou... minha mãe é brasileira e meu pai paraguaio... eu nasci em Concepción... Paraguai... e vim pro Brasil cum.. dezoito anos de idade... pra istudá... **(seus pais vieram também?)** não... meus pais... eles... minha mãe sendo brasileira... ela tem parentes...então ela sempre vinha passear...e a gente... quando criança também costumava vir aqui pra Campo Grande ou pra Murtinho... e meus primos também que são brasileiros costumavam também passar as férias lá em casa... lá em Concepción... **(e a sua relação com a Colônia, como aconteceu?)** então, quando eu vim pra cá (com dezoito anos de idade... fazer faculdade... comecei engenharia civil) e logo depois eu comecei a frequentar a cidade... aqui era a/ associação Colônia Paraguaia tinha acabado de ser::: era/ a Casa Paraguaia né... depois houve uma mudança no estatuto e se tornou Associação Colônia Paraguaia... então a partir de então eu fiz parte da diretoria da entidade... **(você fala o guarani? em quais situações?)** então... veja bem... no Paraguai se fala as duas línguas né...o Paraguai tem como idioma oficial o guarani e o espanhol... o castelhanao né... não se costuma falar muito o espanhol lá... lá é chamado de castelhanao... nós falamos castelhanao e guarani... e todo paraguaio... noventa por cento... saiu em pesquisas esses dias... noventa por cento da população paraguaia fala o castelhanao e o guarani... (e mais outras línguas) e aqui no.. no.. em Campo Grande a gente sabe que a comunidade paraguaia... tem muitos descendentes... tem muita coisa também aqui no estado que é ligado ao idioma guarani e::: falar guarani... com certeza a gente fala quando encontra com outro paraguaio... e com certeza a gente fala... a gente fala o guarani... agora (assim)... quando eu vou pro Paraguai já é automático né... cruzou... passou a fronteira né... ali é só o guarani e o espanhol **(seus filhos falam guarani, o espanhol?)** então... meus filhos eles nasceram aqui em Campo Grande... são campo-grandenses.. sempre viajou pro Paraguai... nas férias né... os pais da minha esposa mora no Paraguai... moravam né... éh... a gente levava eles de férias pra lá... então nessas férias eles aprenderam o castelhanao né... o guarani já é mais complicado... mas eles entende... eles falam fluentemente o castelhanao... o espanhol... então... com eles eu aqui é muito difícil né... mas eles tem essa prática... esse costume no Paraguai... eles falar... eles fazem questão de falar o castelhanao **(qual a importância da colônia pra você?)** então... veja bem... a colônia na verdade... foi criada em setenta e três.. foi fundada... tem quarenta anos... ou seja... a comemoração dos quarenta anos da colônia paraguaia foi... se não me engano... no ano pass... no ano retrasado né... em dois mil e treze a entidade fez quarenta anos... então tem todo esse... transcorrer da entidade... justamente o que eu posso destacar é que foi criada para manter a cultura paraguaia... pra manter as tradições do paraguaio né... você sabe que a

influência da cultura paraguaia aqui é muito forte né... então... esses costumes que foram trazidos pelos paraguaios né... temos que falar do tereré né... da... da... sopa... da chipa... da culinária... e da própria música né... que o paraguaio trouxe e que hoje a gente vê que é incorporada pelo próprio sul-mato-grossense... pelo campo-grandense né... ele adquiriu esses costumes né.. você vê o campo-grandense tomando o tereré como o paraguaio... essa cultura paraguaia que contribuiu para formar a cultura sul- mato-grossense... **(você participa de quais atividades aqui da colônia?)** então... o que a gente tem que destacar aqui com relação a Colônia é que a partir de dois mil e nove... nós fomos contemplados com um convênio que chama-se ponto de cultura... fomos assinar o convênio com a fundação de cultura né... com o Ministério da Cultura... e se tornou Ponto de Cultura... viramos Ponto de Cultura Colônia Paraguaia... e com esse convênio nós começamos a oferecer várias oficinas pra justamente manter e divulgar nossas tradições né... nossos costumes... então dentro dessas oficinas nós temos ali ensinando o guarani né... a língua guarani... nós tínhamos o espanhol... hoje... nós tínhamos o ensino da língua espanhola... as danças... nós tínhamos... nós temos até hoje o regional né... nós temos o grupo de dança regional e o grupo de dança folclórica... temos o grupo de dança folclórico né... que tá presente em vários e vários ... estilo da harpa e do violão... então esses seis oficinas faziam parte do Ponto de Cultura... em dois mil e treze esse convênio se encerrou... mas nós... com recursos próprios né... continua algumas oficinas... seria o guarani... a dança regional... e a oficina de dança folclórica... nós temos o pessoal da dança folclórica e o guarani... **(em que você trabalhou quando aqui chegou?)** então... veja bem... eu vim pra estudar... engenharia civil... na verdade eu primeiro fui para Salvador... (inicie meus estudos) em Salvador... Bahia.. depois eu vim pra cá... completei meus estudos aqui em Campo Grande... na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul... e::: no quarto... quinto ano comecei lecioná né... surgiu na época a informática... os computadores... né... e /eu comecei a lecioná... dando aula de informática na:::na época... dois anos... eu lecionava... os primeiros que apareceram... foi nessa época aí que eu estava estudando né... só que como a gente já tinha esse curso na universidade eu passei a lecionar nas escola... **(para você o que é a cultura paraguaia? No que ela se difere da cultura brasileira? o que a caracteriza?)** veja bem... a cultura paraguaia... éh::: eu diria que está muito ligada à cultura da erva mate... aonde se tem a erva mate né... se tem cultura guarani né... porque se a gente for realmente analisar... essa cultura toda nossa veio do... da cultura guarani né... porque no Paraguai... na época da colonização... e quando começou a colonização... éh... vieram os jesuítas né... os padres jesuítas... os primeiros franciscanos e os padres jesuítas... então eles... junto com os conquistadores espanhóis... eles preocupados com conquista territorial né... de riquezas e tudo mais... vieram os religiosos né... os jesuítas... veio os franciscanos... e eles trabalharam de uma forma diferente com os índios guaranis né... e aí criaram-se as reduções... porque na verdade o franciscano... os freis né... eles... quando chegaram em Assunção... éh::: os índios estavam ali né...e tinha uma lei né... de comendas que o conquistador... o colono espanhol... ele tinha o direito né... a ter

índios como servos... vamos dizer assim né... de serviços né... e isso éh::: foi gerado um distanciamento dos índios dos colonos espanhóis... voltaram... começaram a voltar para seu hábitat natural... que é a selva né... e os padres jesuítas fizeram diferente... eles fizeram o trabalho de ir à selva... vamos dizer assim... e::: criar as reduções com o intuito de evangelizar né... evangelizar pra eles era conquistar almas para Cristo... então a ideia era justamente éh::: fazer... criar essas missões... criar essas reduções para evangelizar os índios... mas dentro disso... com certeza houve uma briga... uma disputa muito grande com os colonos espanhóis... que é que significava isso né... os jesuítas eram contra a escravidão dos índios... eles foram aos poucos ganhando... fazendo com que o governador da província do Paraguai... éh::: fossem criando medidas né pra proteger os índios... né isso com certeza com a intermediação dos jesuítas... então... no Paraguai foram se criando né... na província do Paraguai... que ainda não era um país... quando na época da colonização... tá na grande área que seria da Espanha né... os jesuítas criaram reduções né... e aí veio a grande diferença... que aquela jesuíta... aquele franciscano... ele ensinava na própria língua... ele aprendeu o guarani para ensinar... e ali também eles observava que ali tinha uma árvore nativa que era o tere... a erva mate... que índio tomava uma bebida lá... preparava uma bebida com aquelas folhas... daquela árvore e fazia lá uma bebida né... pegava um canudinho lá de taquara... aí surgiu o tereré... a colonização ela durou... o trabalho dos jesuíta... ela durou muito tempo né... eles começaram lá... mil seiscentos e dez e foram até mil setecento de assim... de... de... de evangelização... vamos dizer assim... e aí eu acho que foi criada essa cultura paraguaia né... que... éh... foi muito extenso... os jesuítas... eles chegaram até no que seria hoje o Rio Grande do Sul né... você tem ali todo o interior do Rio Grande do Sul ... tinha as missões jesuíticas lá... toda aquela área ali né... do interior do Rio Grande do Sul... oeste do Paraná... Norte da Argentina... Corrientes... Mato Grosso do Sul... uma grande parte né... até Cuiabá era província jesuítica do Paraguai... chamava assim né... porque toda essa área aqui era de domínio espanhol... na época da colonização... acho que a partir daí vem essa cultura... da cultura paraguaia... primeiro quando o Paraguai se formou... quando o Paraguai se independizô... ele já... assim.. era muito forte a questão da mestiçagem né... mestiçagem né... era muito forte né... do índio né... da índia... melhor... com o espanhol né... e ao longo do tempo nós temos ali essa... o Paraguai ele valorizou muito ... não sei se valorizou... mas veio assim... muito forte... a questão da cultura do índio guarani... o grande período das reduções era muito importante a comercialização da erva mate... assim como no Brasil tinha café né... que era a base da economia na época... no Paraguai... ou na grande província né... na grande província do Paraguai era muito importante a erva mate... cultura da erva mate... a comercialização... e era a base da economia da... da... da... desses povos ali... junto da pecuária... né... então era base da economia ... quando se formou o Paraguai... na época da independência... foi mais forte procriar nossos costumes ali né... então... hoje... vamos dizer assim... que a cultura paraguaia... ela... ela... é uma cultura... é uma língua... nós temos o diferencial de termos uma língua indígena como língua oficial e é falado por grande parte da população paraguaia né... hoje

né... depois da grande guerra... que não pode esquecer né... a perda de uma grande parte da população masculina né... o Paraguai foi repovoado bem mais pra frente né... com europeus né... muita gente que veio... europeus e gente que veio... muitos sírios-libaneses... então no Paraguai a gente tem muita colônia alemã... por exemplo... muito grande... muito forte... que são as colônias menonitas né... que estão lá no Chaco Central... muito forte a economia... temos a colônia japonesa no sul do país... e::: sírio-libaneses né... que tem contribuído bastante para esse novo povo paraguaio... hoje a cultura paraguaia é isso aí né... que nós temos de costume né... e o mais forte que a gente pode falar são essas duas coisas... a cultura da erva mate... o que é que nós temos em comum hoje né... com o norte da Argentina né... o argentino toma o mate dele né... que é o chimarrão... já no Rio Grande do Sul né... o gaúcho toma o chimarrão dele... o paranaense né... ele toma o chimarrão dele... e nós né... tomamos o nosso... então vamos dizer assim... somos uno nessa região aqui né... nessa grande... que lá atrás né... que era a grande província do Paraguai... quando vieram as independências desses países... você pega Assunción... Paraguai... ele foi um pouco diferente... justamente porque? Porque tinha as reduções né... não só o Paraguai... tem o norte da Argentina.. com as reduções... e o Rio Grande do Sul né... agora tudo isso aí né... nós temos que dizer que os bandeirantes é que realmente fizeram... vieram também pra esses lados e aí encontraram essas reduções com índios pacíficos né... então... eles levavam esses índios como escravos lá pra São Paulo... Rio de Janeiro... entendeu? mas com o tempo né.. também houve uma... uma... uma... teve uma grande batalha ali né... dos tupis que vinham com os bandeirantes e dos guaranis com os jesuítas né... e aí houve uma delimitação né... quando os bandeirantes conquistaram para a::: coroa portuguesa né... na época Portugal... conquistaram toda essa região aqui de Cuiabá... os bandeirantes e os portugueses né... entraram no território espanhol né... e os espanhóis entraram nos domínios portugueses lá no sul né... o Uruguai e o Rio Grande do Sul era... eram domínios portugueses né... mas... depois quando houve a independência dos países... o Uruguai... na verdade teria que ser parte do Brasil... mas independizou como país e o Rio Grande do Sul que também tentou se independizar né... você tem ali essa... a batalha dos farroupilhas né... que é o intento... que tentou ser um país independente... justamente porquê? porque a cultura do espanhol no Rio Grande do Sul é muito forte né... e... éh::: eu diria isso aí né... o Paraguai são esses costumes que a gente traz lá na nossa origem né... falei do guarani né... da língua e da erva mate... **(quais são os objetivos e propostas da colônia?)** então... nossa entidade aqui a partir do momento que a gente trabalhou e tem esse ponto de cultura como objetivo principal né... com certeza é a divulgação da cultura paraguaia... do guarani... das tradições né... do Paraguai... mas assim... hoje eu vejo né... que a própria cultura sul- mato-grossense tem tudo a ver com a cultura paraguaia... vamos dizer assim... que a cultura sul-mato-grossense ela é uma soma né... da cultura paraguaia... da cultura gaúcha né... da cultura nordestina... é nossa cultura né... porque como estado o Mato Grosso do Sul é um estado muito jovem né... muito novo né... tem trinta e poucos anos... então acredito que ela está criando a sua identidade... formando sua identidade e com certeza né...

a cultura paraguaia faz parte... a cultura paraguaia ela tem uma influência muito grande... e com certeza nossa cultura sul-mato-grossense é essa soma aí que eu falei né **(sobre os frequentadores, qual é o perfil dessas pessoas? são paraguaias, brasileiras ou descendentes?)** pra eu te falar a verdade a grande maioria aqui são de brasileiros... com certeza que os brasileiros que vem tem alguma... tem alguma identidade... alguma... vamos dizer assim... alguma cultura paraguaia... mas a maioria são brasileiros... não são só descendentes né... então acho... como acabei de dizer né... a nossa identidade... a nossa cultura é isso aqui né... então quem vem.. quem frequenta a nossa... nossos eventos né... porque aqui são feitos... são eventos.. churrasco dançante que é tradicional aqui aos domingos né... seguido ali... emendado com a Galopeira né... então quem frequenta são esses pessoal que gosta desse ritmo aí né... do chamamé... da polca... e da música regional... hoje quem frequenta nossa entidade nesses eventos... Vamos dizer assim... é aquele pessoal ligado a nossa cultura sul-mato-grossense... agora... os associados né... que se associam aqui na entidade são paraguaios... uma coisa que eu posso falar e que me chamou muito a atenção quando vim morar aqui em Campo Grande é que quem dá mais valor a cultura paraguaia era o próprio brasileiro que o paraguaio... entendeu... é uma coisa que me chamou a atenção... o paraguaio é meio retraído e tal né... pelo menos falando lá atrás né... vinte anos atrás... então... mas hoje a gente vê... assim... que a cultura paraguaia é forte... que tá no sangue do campo-grandense né... e pelos próprios costumes né... eu quando cheguei e ia passar lá pela Afonso Pena... achava que tinha um monte de paraguaios porque tomo mundo tomava tereré né... pô... o que tem de paraguaio aqui... mas na verdade não era paraguaio... era campo-grandense tomando tereré... aqui só tem paraguaio... mas nada a ver né... assim... era os próprios campo-grandenses que tem esse costume como a gente... **(alguns comentários para finalizar)** então... só dizer que aqui nessa região... aqui no estado... como eu acabei de dizer... a cultura nossa é ... sem dúvida ... a cultura paraguaia é muito importante né... uma cultura muito forte... e é isso aí que a gente tem que trabalhá né... nós trabalhamos aqui como entidade... como Casa Paraguaia... como paraguaios... nós trabalhamos isso... a divulgação da nossa cultura.. que nada mais é que uma soma de tudo isso que nós temos aqui... então... com essa nova lei... a Lei da Cultura Viva... justamente frisa e deixa como marca é fomentar os pontos de cultura né... e cada região do Brasil tem uma cultura diferente ... na nossa região... nosso estado né... nós somos parte desse... dessa política ali né... que somos ponto de cultura... divulgamos nossa cultura né... e com isso com certeza a gente cria... ajuda a criar nossa identidade... nossa identidade cultural como sul-mato-grossenses

ANEXO 9

NARRATIVA D7 de I. M. L

profissão: professora de guarani

Idade: 38

nacionalidade: paraguaia

(bom dia... quais os objetivos do curso? eles são alcançados?) bom dia... são alcançado aos pouco né... mesmo que seja difícil pra estrangeiro... porque aqui eu tenho simpatizantes... éh::: são... éh:::... são famílias que vieram do Paraguai para o Brasil... querendo aprender... querendo preservar o costume aqui do Paraguai... e gostam e amam... então elas vem aqui para aprender... e eu falo assim... incentivar mais ainda né... os outros alunos... e tem simpatizantes... divulgar... pra levar a cultura paraguaia... para conhecer ... esse é o objetivo... pra conhecer... **(o que dá para perceber como motivação para os alunos aprenderem o guarani? qual é o perfil deles?)** são variados né... tem melhor idade... já teve alunos a partir de vinte anos até oitenta e cinco anos né... então é mais pelo que... o pai ou a mãe foi paraguaio e veio no Brasil há muito tempo eles... alguns já entendem alguma coisa... e outras não né... e outros vem pela curiosidade da língua... tem lugar... “vô vê se eu vô”... né... e vem e se apaixona né... pela língua... pela cultura... porque como o Paraguai é muito rico em costume de música... eu falo assim... a guarânia... a polca e a comida... então eu faço tudo isso pra eles ... não é só aula... não é só gramática... então pra trazer um pouquinho da minha cultura lá do Paraguai aqui pra Campo Grande... as aulas são aos sábados de manhã... das oito às onze e meia... e inclusive tem os horários que a gente se reúne... vamos fazer um dia de comida típica... aí a gente se reúne e faz a comida pra eles provarem... pra conhecer né... que a comida... tem uns que sabe o nome e num conhece... e tem outros que conhece e nunca provou né... então né... aí falou “vamos fazer”... aí eu faço e eles conhecem e aprendem a fazer né... isso é muito bom... **(o que se pode dizer que é a cultura paraguaia?)** a roupa e a culinária... a música... a guarânia... esses identifica o paraguaio... quando você for falar assim... “paraguaia... música”... então eu falo assim... o pájaro campana é muito conhecida e são... quando ouve assim “ah... é Paraguai”... então a música identifica e a comida típica... que é a sopa paraguaia... o vori vori... locro... então quando fala assim... a comida sopa... as pessoas pensam que é sopa de caldo... mas num é sopa... é sopa de sopa paraguaia... também tem a chipa guaçu de milho verde... e aqui fala sopa para os dois... e a gente não... já identifica... chipá-guaçu é uma coisa... sopa paraguaia é outra... a diferença é que um faz de fubá e o outro faz de milho verde... o chipá-guaçu... **(você fala a língua guarani em quais situações?)** qualquer um... eu eu conheço alguém que tá falando e tá ouvindo eu vou e falo com ela o guarani... se fala castelhano... vou lá e falo castelhano também... então não tenho essa dificuldade... sendo paraguaia... aqui em Campo Grande... ouvindo... qualquer situação.. não importa... é a primeira língua... guarani e castelhano... lindo.. profundo... extensa... e não tem o significado... tem vez que você tenta traduzir em

português e não existe... então é só no guarani... é muito profundo e eu amo... **(porque você veio aqui para Campo Grande?)** porque eu passei no vestibular em (tecnologia) em estética e cosmetologia... eu vim por acaso... daí eu vim realmente pra saber como que é... pra saber como é cultura... os costumes... aí eu vim e gostei... aí terminei a graduação e fiz a pós-graduação... é bom né... é bom pra trabalhar aqui... e além disso eu to difundindo o guarani né... o costume... um pouquinho do Paraguai e eu to dando aula também na universidade... além da Colônia... então eu gosto realmente... eu to aprendendo cada dia... eu to melhorando o meu português... que tá difícil... o português... mas... graças a Deus eu (sei)... eu falo assim que a Colônia Paraguaia ela é muito importante para nós paraguaios... que estamos morando aqui em Campo Grande... por quê? tem um lugar onde você vai ouvir música que não se ouve no rádio ou por aí nos outros... festa... qualquer onde tem os amigos né... Colônia Paraguaia... éh:::... além de fazer isso... você vem... encontra outros paraguaio... conhecidos... e quando encontra alguém que é desconhecido e falando guarani ou castelhano... vem e conversa com você... aí relembra um pouquinho né lá do Paraguai... um pouquinho aqui... a memória... eu acho importante por isso... mas éh:::... os paraguaios... tem vários paraguaios aqui em Campo Grande... eu falo assim... ajuda um pouco a conservar e difundir um pouco também porque a cada dia surge nova né... eu falo assim... um novo costume... bem diferente do Brasil né... a comida típica é diferente... mas só que o brasileiro... eu falo assim... tá pegando um pouquinho... a sopa paraguaia... por exemplo... o vori vori come... mas faz diferente... eu falo que os temperos são diferentes... mas tão apreciando muito... a chipa né... em todo lugar você fala chipa... lembra do Paraguai... num é nem do Brasil né... chipa... Paraguai... sopa... Paraguai... ah é do Paraguai... é importante para nós e eu gosto de divulgar... não tenho vergonha de falar que eu sou paraguaia e ainda eu brinco assim que sou paraguaia original do Paraguai... aí o pessoal brinca... fala "é tudo falsificado"... eu falo... de jeito nenhum... a origem lá do Paraguai é origem final (risos)...